AVGVSTO
CASIMIRO

NOVA LARGADA

LISBOA
MCMXXIX

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/novalargadaroman00unse

NOVA LARGADA

DO MESMO AUTOR

Poemas:

Para a Vida — 1906
Vitória do Homem — 1910.
Tentação do Mar — 1911.
Evocação da Vida — 1912.
Primeira Nau — 1912.
À Catalunha — 1914.
Primavera de Deus — 1915.
Hora de Nun'Alvares — 1917.
Livro das Bem-Amadas — 1921.

Prosa:

Nas Trincheiras da Flandres, (4.ª edição) 1919.
Sidónio Pais — 1919.
Calvários da Flandres, 1920, (3.º milhar).
Os Portugueses e o Mundo, (conferências), 1921.
A Educação Popular e a Poesia, 1922.
Livro dos Cavaleiros, 1922.

Literatura Colonial:

Naulila — 1922.
África Nostra — 1923.

Edições da Renascença Portuguesa, F. França Amado, Lelo & Irmão, Atlântida, Coimbra Editora, Universidade Livre, SEARA NOVA, etc.

Composto na Tip. da « *Seara Nova* »
Impresso nas Oficinas Gráficas — Rua do Século, 150

tm
c

PQ9261
.C297
N6
1929

NOVA LARGADA

POR

AUGUSTO CASIMIRO

ROMANCE DE ÁFRICA

CAPA
DE
TAGARRO

LISBOA
MCMXXIX

DESTA EDIÇÃO FÊZ-SE UMA TIRAGEM ESPECIAL DE CINCOENTA EXEMPLARES, NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR

Costumam os homens inventar a vida para escrever romances. Alguns limitam-se a viver a vida. Procuram viver até na própria Arte a sua vida.

Se escrevessem fariam de-certo maus romances.

Entre viver e descrever a vida, mesmo a que vivemos, entre a vida e a arte, há quási um abismo, a impossibilidade duma reprodução sincera em termos que dêem, no artifício do romance, a variedade infinita, os contrastes, a sucessão de atitudes diversas, incoerentes, humildes ou altivas, vitoriosas ou vencidas, que formam no desdobrar do tempo a indefinível e não obstante real existência dos homens.

Não inventei nem vivi êste livro.

*

Desejaria fazer soar, como num tetracórdio, a humilde e alta canção de gesta a cujos ritmos homens de Portugal poderão ainda servir a sua Pátria e os seus deveres para com o mundo, de novo largando, outra vez afeiçoando o rumo à grande rota necessária.

No desbrave de terras afastadas, — colonos, soldados, funcionários, — homens do meu país servem as mais diversas actividades, ao sabor de objectivos nem sempre acordes e na obediência a nem sempre justas normas. Entre êles, sôbre o naufrágio dos incapazes, sempre, — no ambiente mais rude, no esfôrço mais fiel ao instinto, quando não à alma, sobresai, impõe-se o temperamento, a fôrça que só nas terras novas é possível aos homens das velhas metrópoles.

Muitas vezes constatei como a sua rija individualidade excedia e compensava, ne-

les, a desorientação ou carência de cultura, — valores inquietos e fecundos, jogados ao sabor discordante de enérgicas iniciativas.

Vi-os, através da extensão do mato, perdidos muitas vezes em longínquos postos onde, quando na doença a morte os ameaça, — desamparados de tudo, no silêncio bárbaro, se resignam, heróicos, a esperar ou a morte ou a vida.

Vi-os, inimigos ou ignorantes das populações nativas, perturbar-lhes a disciplina orgânica, os sentimentos tradicionais, as possibilidades de devenir.

Mas conheci-os também fieis a intenções magníficas de humanidade, verdadeiros construtores, não de impérios mas de humanidade, entre povos ainda desconfiados e hesitantes, marcados pelas hesitações ou violências do passado domínio.

Todos entre o amor de Portugal e o amor daquelas terras a quem eram mais fieis que à mulher bem amada...

... Prolongando a Pátria e servindo o mundo ali, naquelas terras moças em que ainda são possíveis milagres...

*

Dessa falange fiel tentei destacar três almas, três vontades, três vidas.

Vazei no molde cavo de três esculturas a argila ou o bronze de múltiplas existências, e os sonhos, a coragem, a decisão, a fé, espalhadas ao sabor dos ventos, sôbre as terras do nosso Além-mar.

... Para que o seu entusiasmo, seus triunfos ou calvários, actos humildes ou gloriosos, — sejam imperativo exemplo, — Deus o queira! para as almas inquietas, ausentes, de Portugal.

RESTELO

I

VELA DE ARMAS

(do Diário de Antão Gonçalves)

«PASSARAM, inúteis, tantos dias! Nenhum se destaca, na minha memória, sôbre o fundo igual, sem relêvo, dêstes últimos anos!...

Muitos projectos, entusiasmos que mudaram de rumo ao sabor dos projectos, algumas experiências, sempre a vontade sincera de fazer qualquer coisa, por vezes, até, a consciência nítida, a visão dum plano, o sentimento da minha capacidade para realizá-lo... E nenhuma actividade me reteve, se chegou a tentar-me.

A política... Exigir-me-ia sacrifícios enormes para realizações mínimas. A literatura...

Creio pouco no valor das palavras que se não confirmam e continuam em actos.

A vida ideal, para mim, seria um esfôrço constante, duma sádia sensualidade, infatigável, através do qual eu pudesse confirmar ideas em experiências e actos, como posses fecundas. ... Exaltando

as minhas possibilidades num treino exemplar, útil para os outros como para mim.

¿Escrever livros?... —¿Quem pode assegurar-se o dom magnífico de, só através dum livro, vasar em resistentes moldes o melhor de si mesmo, justificando o trabalho que teve e dando aos outros, sugerindo ou impondo, uma doutrina útil?

¡Nós mudamos tanto! ¡É tão diversa, a cada dia que passa, a verdade que ontem definimos, a estética ou a moral que impuzemos ontem e só a nossa vaidade deseja ou quere manter!... — Cada hora que passa afasta-nos de nós mesmos, por um caminho fora em que, à falta de actos vivos, — as palavras não chegam para marcar cada *etape*.

O meu desejo maior, o meu mais sentido instinto que, satisfeito, — faria da minha vida um motivo de orgulho, — exige outras realidades menos ilusórias: — Um corpo a corpo permanente, batalhador e vivo, com uma ideia, um plano, em que caibam o meu patriotismo e a minha humanidade, os meus defeitos e os meus méritos, mantendo aceso, continuamente exaltando o meu entusiasmo, treinando-me, fortalecendo o corpo e o espírito na luta pela final alegria, pela fadiga vitoriosa, soma das realizações que perduram e se continuam, por mais humildes, fiéis a uma intenção sincera, ao serviço e em benefício do mundo. — Mesmo daquelas, aparentes derrotas, superiores à mentalidade e à capacidade dos que as presen-

ceiam ou julgaram perdê-las, e às quais só o tempo e a morte dão o verdadeiro sentido, revelando-as.

*

Vim da Guerra mais senhor de mim mesmo, mais capaz de jogar-me a objectivos que, outrora, me não tentariam ou amedrontavam.

Do idealismo que me levou às trincheiras, não coro, nem me arrependo. Se nele havia muita coisa errada, ilusões que me deixaram na alma acusações e ódio, — se, então, não pude inteiramente, fiel à Vida, ser a voz imparcial ao meio do tumulto, sôbre a confusão sangrenta, — obedeci de-certo ao impulso duma fôrça sincera que em mim mesmo foi ou procurou ser fiel e servia, naquela Hora do mundo, o dever mais necessário ao futuro e ao interêsse da Vida. Ainda mais talvez que ao interêsse directo e à dignidade do meu país.

Como todos os homens não escravizados inteiramente a tradicionais mentiras, — fizemos a guerra amaldiçoando, condenando a guerra. Subimos calvários, aceitámos o sacrifício horrível, demo-nos, com a intenção humilde de servir um

resgate. Para lá dos ódios artificiais que nos separavam, ao inimigo que íamos matar ou nos mataria, — sentíamo-lo vítima, um irmão. Expiávamos crimes que, por graça do nosso infinito sacrifício, — não queríamos se repetissem mais.

¡Muitos de nós tombaram amaldiçoando!

Sôbre a Guerra passaram os anos do desencanto. Mas não foi tudo inútil. O mundo é já diverso. E os homens.

Em vão tenho procurado um ponto de aplicação estável para a fôrça irrequieta que me sinto.

A fôrça dum homem, como a dum povo, precisa dum robusto alicerce de orgulho. E só na luta, no esfôrço, ao serviço dos mais puros egoísmos, e ao serviço da Pátria e do Mundo, poderei encontrar o único perdoável orgulho.

*

Um parente que nunca se receara do meu idealismo, compreendeu talvez, quando regressei da guerra, até onde me pesava a falta duma actividade capaz de prender-me. — Ofereceu-me a gerência duma grande fábrica.

Meu tio era um dos membros mais cotados da sua direcção. A prosperidade da Companhia estava criando sérias dificuldades. A exploração da fábrica continuava, porém, a ser imperfeita e anti-económica. Vivia parasitàriamente da protecção do Estado e da miséria dos seus operários.

Não se aproveitara tão forte maré de lucro para renovar mecanismos e processos de trabalho. Não se electrificara a fábrica. Um critério teimoso, mais ininteligente que inimigo, longe de associar o interêsse dos operários aos da Companhia, atirara aqueles para uma série de greves que iam desorganizando tudo. Trabalhava-se menos. Braços caídos. O gerente acusava roubos. A produção era má. Na fábrica e fora pesava uma atmosfera de ameaça e ódios.

Estranhei os termos do convite que veio fazer-me, com meu tio, um dos directores.

Aceitei. Num longo trabalho em que, mais duma vez, andei próximo do desânimo, descrendo dos meus princípios, magoado pela inimiga desconfiança dos operários, — fui vencendo, desarmando essa desconfiança. Não mais houve greves. Cessaram os roubos. Uma disciplina maior, consciente e consentida, se estabeleceu nas ofici-

nas. Uma sincera confiança dobrava, parecia, o mérito de cada trabalhador.

Os salários foram ligeiramente melhorados. Convenci a Direcção a mandar fazer estudos necessários à electrificação da fábrica. Veio um técnico estrangeiro montar novos maquinismos e outro orientar a preparação profissional dos melhores obreiros.

Ao fim dum ano de trabalho a gerência, louvando-me, atribuiu-me uma grande percentagem nos lucros.

Então, com tôda a prudência, propus a construção dum lactário e duma Escola infantil onde as operárias pudessem, nas horas de trabalho, deixar os filhos sob a vigilância de pessoal extremoso.

Disse, num relatório, a necessidade, o dever de construirmos, para os nossos operários, um bairro higiénico, com sua cooperativa, escola, enfermaria, biblioteca, etc. — e propus os termos em que tal realização não acarretaria riscos ou encargos incomportáveis. Não cheguei a pedir uma progressiva comparticipação dos operários nos lucros da exploração.

Um dos directores, em Assemblea geral dos accionistas, anotando aquela proposta com louvores à minha inteligência e honestidade, levou ao conhecimento escandalizado dos consócios que eu publicara, havia tempos, um livro de versos.

Já por tôda a parte uma onda de mêdo acon-

selhava reacções violentas contra a maré que vinha.

Eu despedi-me.»

*

.....

«Ódios políticos... Estreiteza... Pântanos... Interêsses sórdidos.

Um povo que tem que emigrar para a terra alheia... Fortunas estéreis que são afrontas...»

.....

«— ¿Portugal será apenas isto? ¿Terei acaso de resignar-me, pasmar inerte ao meio da grande inércia, ou iludir-me, pensando inúteis ideas, acumuladas numa cultura estéril, sem deliberadamente, agindo, as justificar? ¿Pois não será possível modelar um sonho, impô-lo a esta gente esquecida, um mandamento vivo que nos projecte para lá dêste marasmo, erguendo-nos à tentação heróica dum Destino?»

*

«¡Não! A metrópole não me permite outras soluções gratas ao meu ardente desejo de servir.

E eu não me resigno...»

*

João Albuquerque escreve-me de Angola, onde exerce um govêrno, — longas cartas aliciatórias que respiram actividade e alegria de acção.

Aqui, neste ambiente de críticas estéreis ou paixões negativas, — suas palavras suscitam em meu espírito o alor duma forte esperança: — A de, em África, encontrar emfim campo bastante em que possa servir.

Fala-me com entusiasmo da tarefa em que se consome, das terras que governa, violadas, nossas, desde o primeiro arranque dos Descobrimentos.

Terras com padrões gravados em rochedos eternos, imortalizando as horas criadoras dessa violação.

Terras vastas para animar sonhos e dar guarida, em seu regaço bárbaro, às mais audazes experiências.

Povos a conquistar, de novo, melhor, associando-os benèficamente ao nosso esfôrço, enriquecendo-os com as nossas achegas, sem perturbar-lhes a vida própria ou destruir, neles, as possibilidades de evolução.

*

Tenho trinta e três anos. O amor não me escraviza.

Se carecer de dinheiro para uma tentativa resoluta, em África, — viajante, caçador ou colono, — obtê-lo hei fàcilmente. Empregando-o, talvez justifique o injusto acaso que, desde o berço, me fêz rico, a mim.

Tentam-me paisagens que visiono, inéditas na minha vida. Possibilidades de mando, livre de limitações estreitas, de mando e acção ao serviço dum plano. A alegria de prever, organizar, realizar. ¿E, quem sabe?, talvez a viabilidade duma obra que preencha e justifique a minha vida, sôbre o meu contentamento de obreiro merecendo ao meu país, um dia, quando eu não conte já, um pouco de louvor.

« *Sortir de soi-même, oublier ce petit monde que l'on est pour soi, s'humilier et s'agrandir à la fois dans une entreprise qui dèpasse et qui exalte les forces d'un individu, là est le secret du bonheur.*

Retive estas linhas dum livro dos irmãos Tharaud, se não me engano.

Sortir de soi même!...

A mais necessária libertação! »

II

TENTAÇÃO DA ÁFRICA

Antão Gonçalves não queria ceder apenas à tentação duma aventura, expôr-se à hostilidade e aos obstáculos dum meio mal conhecido, entre elementos imprevistos que podiam inutilizar-lhe os propósitos negando-lhes viabilidade e pontos de aplicação para a energia organizadora, criadora de que se julgava capaz.

Preparou-se.

As indicações do Governador tornaram-se mais precisas. Falavam agora de populações indígenas, de terras capazes de alimentar um largo comércio e multiplicar riqueza, — servindo um dos principais objectivos da nossa função tutelar.

Sobretudo o impressionara a carta escrita em viagem através duma região fronteiriça já cruzada de estradas, próxima de centros comerciais e da via férrea, com fartos palmares mal explorados, amplas baixas de aluvião em que o tabaco, o milho, o arroz, o algodão, o trigo certamente se mul-

tiplicariam na terra mais fecunda, regada por muitos rios.

O Governador contava como se mantinham naquelas terras, entre os povos nativos, condições que permitiriam com seguros resultados uma experiência nova, fiel aos nossos deveres de dominadores, grata ao nosso orgulho e útil às populações. Ali, a velha fórmula utilitária da colonização tradicional mostrava-se insuficiente. De resto, as grandes emprêsas de direcção europeia não podiam multiplicar-se e, quási sempre, para viver, desorganizavam a vida nativa impondo um salariato que era ainda uma escravidão aos povos saüdosos, indolentes ou doridos, da primitiva liberdade. O colono branco não podia instalar-se, aplicar uma actividade persistente e útil fora de regiões propícias à sua aclimatação. O comércio, como se fazia, não era para o indígena estímulo suficiente para mais largo esfôrço.

A recôlha de produtos, feita por processos rudimentares, esgotando a riqueza da terra sem a renovar, — não lhe assegurava um grande movimento, apenas dava aos povos a reduzida satisfação das suas primitivas ou mais imperiosas necessidades.

O indígena continuava miserável, indolente ou resignado, sem estímulos. O nosso comércio vivia, de crises, uma vida incerta. Não criávamos, verdadeiramente, riqueza. Por êste caminho, atraiçoaríamos, como civilizadores, a nossa missão.

« Julgo possível, dizia João Albuquerque, transfigurar tudo isto, animar a terra, enriquecer os povos, mobilizar riqueza, civilizando-os. »

Citava o exemplo de outras colónias. A acção dos ingleses na *Gold Coast*... Não era tempo de servirmos, preguntava, a-par dos nossos legítimos interêsses e para nossa honra, os interêsses daqueles povos, melhorando-os?

Expunha, com pormenores,como num plano de operações, o programa da intervenção imediatamente viável numa das mais ricas regiões do seu distrito, entre povos fieis a chefes nativos e dedicados ao govêrno.

Terras magníficas, vales irrigáveis, matas, palmares, quedas de água. Culturas indígenas que podiam ser desde já ampliadas. Plantações de café, de novos palmares.

Êle, Governador, com os poucos recursos de que dispunha, animando a actividade dos melhores chefes, começara já a servir o objectivo que o entusiasmava tanto.

Algumas culturas desenvolviam-se. O arroz, a batata, o tabaco principalmente. Os povos pareciam compreender, cheios de confiança, os bons desejos do seu Governador.

*

João Albuquerque descrevia os vastos abarracamentos, pelo indígena erguidos, em que as

grandes folhas de tabaco secavam, batidas pelo ar e a coberto do cacimbo ou da chuva, antes de preparadas para a venda.

Cafèzeiros transplantados do Sul medravam nas matas ou a descoberto, com um aspecto esplêndido. O algodão florira, o trigo dava-se optimamente, durante o cacimbo, nas terras irrigádas. Nos vales, sôbre as terras negras, crescera o milho, compacto, à altura de dois homens e carregado de espigas. Fizera-se um primeiro reconhecimento dos palmares, distribuindo-os pelos povos. Começara a fazer-se a limpeza das palmeiras e a sua ordenada transplantação em terra de regadio.

Mas o Governador, diante de tão bons sinais, receava um desastre. O comércio local parecia desinteressar-se da experiência. Se os produtos abundavam, desceriam excessivamente os preços de compra, diminuiria o estímulo necessário aos indígenas. Era preciso evitar que os mais preguiçosos tivessem razão, àmanhã, contra os conselhos e ordens do Govêrno.

O descaroçamento e prensagem do algodão, o fabrico do azeite, a quebra do coconote para, sôbre os longos transportes, lhes tornar mais compensadora a venda, só poderiam fazer-se em grande escala com maquinismos próprios, manuais e, mais tarde, o que seria melhor, movidos pela energia fácil dos rios e das cataratas. Era preciso que todas os produtos fossem colocados, uti-

lizando sem perda as comunicações existentes na região.

¡Quanto ganhariam, naquela altura, aquelas gentes, com o estabelecimento, ali, ao meio delas, duma fôrça que facilitasse e impulsionasse a exploração de tanta riqueza, dando-lhes numa tácita parceria os auxílios e a coesão no esfôrço que, por si, não podiam atingir nem o sistema actual de produção e venda facilitar e animar!

Sob a acção enérgica e na obediência às directivas do principal chefe indígena, fácil de-certo seria, —tudo o demonstrava já,—o disciplinado acôrdo dos chefes menores, trabalhados também por instruções concordes e o tenaz impulso da Administração.

O Govêrno ia reconhecendo agronòmicamente e promovendo uma distribuïção das terras pelas aldeias e famílias, em atenção aos direitos tradicionais e às indicações do costume.

Fazia-se uma prudente experiência de colonização indígena. Algumas aldeias se haviam deslocado já para terras mais fartas e salubres, povoando-as. O Governador mandara fazer o cuidadoso estudo das principais culturas, sob a direcção dum regente agrícola, em granjas onde vinham praticar homens de todos os *povos*. Dera pequenos subsídios, prometera prémios.

Confiava pouco, porém, na possibilidade duma

insistente, vigilante, contínua assistência oficial. Precisava dum homem que dispuzesse de capital e qualidades capazes de arrumar obstáculos de organização vencendo as inevitáveis hostilidades, filhas dos homens e das coisas, através duma serêna e esclarecida perseverança. Que, numa fiel continuïdade, salvasse obra tão necessária dos acasos, perigos e incertezas daquela assistência.

«—Falta-me um homem. Um homem suficientemente idealista e prático que disponha de algum capital, de muito entusiasmo e de alguma paciência. (Deves-me uma visita. Vem ver-me, como prometeste.) — Tu podes ser êsse homem, — Antão Gonçalves, meu amigo, — *tu, Antão Gonçalves, de Portugal!*»

*

Com tôda a calma, analisando, dissecando as razões do seu optimismo, como quem faz um melindroso exame de consciência, — Antão Gonçalves preparou-se.

Não lhe faltaria dinheiro. Usá-la ia, a riqueza herdada que não ganhara, tornando-a útil, justificando-a emfim.

O problema da organização preocupou-o. Releu Taylor, Fayol.

Entusiasmara-o o livro de memórias de um grande construtor americano. Combateu em si o alor do seu próprio idealismo sempre propício, no primeiro encontro, a excessos perigosos.

Não queria deixar de prever, antecipando-se até ao essencial conhecimento directo do meio, — todos os elementos favoráveis ou essenciais a um êxito futuro. E os obstáculos, e as dificuldades.

Falou com agrónomos, com velhos fazendeiros, antigos colonos e funcionários. Fêz consultas, leu memórias sôbre culturas africanas e, especialmente, de café, oleaginosas, algodão... Estudou máquinas. Um antigo condiscípulo, técnico contabilista duma grande emprêsa industrial e comercial, — esclareceu-o, deu-lhe preciosas indicações.

Passaram mêses.

Entretanto, da família ou amigos, quantos sabiam do seu propósito contrariavam-no.

¿Onde fôra êle buscar mania tão imprevista e injustificável? Um homem com dinheiro, sem desejos que não pudesse satisfazer à larga, um espírito cheio de mocidade e brilho, estimado, admirado, desejado, — ia assim meter-se numa aventura sem relêvo, cheia de riscos de mais a mais!?

Na África!... Uma terra para degredados!...

Alguns lamentavam-no. Previam-lhe o breve regresso, desiludido. Outros mesmo, sentindo-se

inferiores, inventaram calúnias para explicar tão estranho exílio.

Reinaldo Tôrres, parasita, *ex-croupier,* liberto da miséria pelo casamento em regime de comunidade de bens com uma velha viuva capitalista, — entoou, entre apóstrofes e lástimas, o discurso do Velho no Restelo...

III

CARTA DE ANTÃO GONÇALVES

A LEDA

Je vais éperdûment du coté de la vie!...

LEMBRAS-TE, Leda? É de Verhaeren, daquele rude poeta flamengo, exaltador do instinto e da vida, que não chegaste sem custo a admirar. Porque te feria, disseste, a sensibilidade, por não te dar a emoção que pedes à Beleza.

Ocorreu-me, há pouco êste verso. Tenho-lhe sentido a música alorosa, aliciativa como um grito de mando, um vôo que nos leva.

Estou deante do mar, sôbre as rochas avançadas que viram partir as primeiras caravelas.

Venho escrever-te para amanhã, sôbre a comunhão destas palavras imperfeitas, sem mais

palavras, tu saberes melhor, mais perfeitamente dizermos o que exige êste Amor.

Dá-me as tuas mãos e os teus olhos! Escuta:

— Largo de novo! Vou partir! — Perdôa.

Só conheço um amor.

— O que vive e tem realidade bela porque o não fizemos de abdicações e renúncia.

Frutos de oiro de Amor só podemos colhe-los, saborosos e dignos da Vida, na árvore que estremeça de seiva, que profunde as raízes no próprio coração da Vida, ao alto erguendo-se, taça voltada ao alto, àvida de abranger o céu.

Escrevo como se te beijasse, saboreando o voluptuoso mistério dêste Amor.

— Vou largar de novo! O Poeta enganou-se. Partir é nascer outra vês!

Se ficasse, o tédio desta vida acabaria por envenenar os nossos beijos.

A África chama por mim. Sinto a excedência do seu apêlo como uma fôrça que seria uma traição perder.

Quando nos deixamos limitar, mutilar, desertores dum combate necessário ou duma vitória possivel, — somos já escravos. A vida, para ser intensamente Vida, não sofre sombra de escravidão.

A vida e o amor.

Daqui os meus olhos vêm a terra nua e inimiga, penhascos, rochas áridas. Lá em baixo o mar atrôa, espumejando. Ao fundo é Sagres.

«*O Atlântico enche o horizonte, transborda sobre o mundo*». Aqui viveu o Infante. Andam aqui, ao meio de nós, sombras eternas.

Vim para ouvir melhor a minha alma e ouvi-las.

*

Leda: — Para lá destas ondas esperam horas essenciais à nossa ventura.

— Irei desencanta-las!

Se apenas encontrar o meu desencanto, voltarei mais livre. Para te amar só a ti!

Mas hei-de desencantá-las e oferecê-las, como um fruto maduro, à mordedura voluptuosa da tua bôca, meu Amor!

Cabo de S. Vicente, à vista de Sagres, 11 de Maio de 192...

IV

CARTA DE LEDA

«Onde irás a esta hora?
«— Tenho ciumes do mar...

Como te sinto longe!

Não escrevo esta carta com a pena nem com tinta.

Faço-a da minha alma e das lágrimas que rolam pelas minhas faces.

Eis-me sòzinha com a presença amargurada do meu Amor. E penso:

— Será possível não te ver nunca mais?

Não, não quero pensá-lo. Não é possível, porque o meu amor espera-te, chama por ti, iria buscar-te à morte se a morte te quisesse levar.

— Ó meu Amado, meu Amante, do meu corpo e da minha alma!

— Dize-me que hei-de voltar a ver-te, que beberei na tua bôca o olvido das minhas amarguras!

— Até onde me esqueceste já? ¿Que pequenina coisa serei eu no oceano azul do teu Maior Amor?

Como te quero! E tu tão longe!

A tua presença enche o meu quarto solitário, e a canção da noite, da noite imensa das montanhas.

Penso nos teus sonhos. Choro de ternura. Depois, cheia de orgulho, sorrio.

Mas sofro tanto!

Vou deixar-te para te ter melhor, para sonhar contigo...

Eu sou a tua escrava, a pequenina coisa, humilde, humilde... — Perdoa, ó meu Senhor!

Serra dos Hermínios.

MAR ALTO

A aproximação das raças feita, até aqui, através da violência na injustiça, deve ser continuada na eqüidade e na harmonia.

CHALLAYE.

JOÃO FERNANDES

I

O GOVERNADOR

Fiel ao ritmo das velhas crónicas, o Governador procurara em África e supunha ter encontrado o único terreno propício à anciedade irrequieta do seu patriotismo.

Em África o surpreendera a Grande Guerra. Lá se batera e na Flandres. Consciente e voluntàriamente se batera, na terra estrangeira, em defesa do Ultramar Português. Preocupara-o acima de tudo, tentara-o sempre uma actividade sobranceira a sectarismos, invariàvelmente fiel aos mais altos deveres para com a nação.

Sabia que, no Conselho de Tôrres Vedras, D. João I ao propor aos *roussos* de Aljubarrota a emprêsa de Ceuta, depois da vitória que nos separara uma vez mais de Castela, se propuzera confirmar definitivamente a independência nacional lançando-nos, para lá das estreitas contingências metropolitanas, à faina de tecermos, através dos mares, um grande e inconfundível destino.

De facto só a política expansionista de Avis mantivera o esfôrço da primeira dinastia e nos separara definitivamente de Castela. Essa política, ao serviço da grei e do Mundo, dilatara a terra, descobrira mundos, preparara a idade moderna, modelando pátrias e criando nações.

Por ela tínhamos como Bíblia e foral os *Lusíadas*. Por ela Portugal existia no concerto dos outros Estados, se prolongava no tempo e para lá das nossas praias, servindo e continuando aquelas tarefas que alicerçam, garantem a sobrevivência dum povo livre.

— O esfôrço da Pátria ao serviço do mundo... Era a sua divisa.

Sem Colónias, sem uma grande faina nacional e humana a projectar-nos para lá da estreiteza metropolitana, Portugal perder-se-ia submerso no regaço por demais aliciante de Castela.

E porque João Albuquerque sabia que servir Portugal no além-mar português era o dever mais alto e necessário, — estava ali como num posto de combate, para exaltação e consôlo do seu orgulho, feliz de dar-se no altar mais querido da sua mais pura devoção.

*

Frente a obrigações que o desejo ardente de

bem servir incansàvelmente lhe multiplicava, o Governador carecia de cooperadores fieis. Animador de actividades, sugerindo e alimentando entusiasmos, só poderia ampliar a própria actividade através do esfôrço daqueles que em horas felizes surgissem ao seu apêlo, vindo ao caminho das suas jornadas.

No extenso território de cujo Govêrno um grande Chefe lhe impuzera a honra e os encargos recomendando-lhe a mais larga iniciativa na batalha incansável, *que não pára seja à espera do que fôr,* a única batalha vitoriosa, — João Albuquerque, oprimido pela estreiteza do tempo e dos recursos, não perdia tempo, multiplicava os elementos de que dispunha, homens e coisas, recrutando prosélitos, exaltando possibilidades, ordenando esforços, na obediência tenaz a um programa a que o tempo e o treino de govêrno davam, dia a dia, cada vez maior viabilidade, sem lhe esgotar, a êle, antes fortalecendo-as, a vontade apostólica, o desejo de acção.

Desilusões, injustiças, desgostos, certeza das suas próprias insuficiências, horas de abatimento ou revolta, de quási renúncia ou de desânimo, breve as levava, as desfazia, numa rajada forte, a alegria dum acto útil, a constatação dum passo andado para o objectivo proposto, cada vez mais imperativo, aliciante ou próximo.

Para se afirmar em obras duradoiras, a fôrça e o poder criador dum chefe têm de comunicar-se dando-se. E João Albuquerque via multiplicar-se, no ardor do seu entusiasmo, as obrigações do seu dever.

Era vasto demais o território, difícil se não impossível a ordenação, a disciplina precisa para valorizar os elementos de que dispunha, tão diversos, submetendo-os ao mesmo ritmo, pondo em cada canto, em frente de cada tarefa, o homem idóneo, a inteligência e a fé necessárias a cada êxito, de cada um recebendo o confôrto duma justa obediência, multiplicando o seu prestígio de chefe, esclarecendo e reforçando, nas realizações precisas e oportunas, o mérito e o impulso das suas directivas.

Deante de cada problema desejara ter, fiel à sua alma e ao seu espírito, longe na distância mas presente e viva, robustecida por aquela obediência, ampliada pela decisão das próprias iniciativas, — uma alma que comungasse a sua fé.

*

Quando os brancos, — os próprios brancos! — fizeram a guerra, em África, — os *bula-matari*, os *muzungos*, os filhos do *Muene-puto* e outros, contra os *malulos*, — extranha, misteriosa maleita correu a terra, desinquietando as gentes, atiçando revol-

tas, perturbando a vida das banzas, embalas, quimbos, libatas e quilôlos...

A notícia chegara a tôda a parte através dos carregadores e soldados vindos do Sul, confirmando as descuidadas conversas de brancos diante dos criados curiosos e alviçareiros... — Longe, os brancos e os *malulos* tinham combatido sob os olhos espantados dos pretos, no Sul. De misteriosa origem, notícias corriam alarmando o mato, anunciando o fim dos brancos, preparando os homens saudosos do tempo velho para o grande incêndio que abrazaria a terra tôda, expulsando ou exterminando o intruso, erguendo as populações unânimes e bárbaras contra o europeu.

Até ali, naquelas terras tranqüilas, ao redor dos próprios centros administrativos, a mentalidade inquieta, mística, do indígena, sofrera o contágio, o aliciamento perturbante.

Diminuiram os povos a extensão das lavras, diminuiu a concorrência aos mercados... mas, certo dia, descobriu-se a conjura...

À mesma hora tranqüila quando, por tôda a parte, o branco estivesse à mesa, na refeição da noite, começaria o morticínio, — nas suas próprias casas os brancos seriam atacados e mortos pelos seus criados...

O segredo, parecia, fôra violado por uma indígena, mancêba de europeu. E, verdadeiro ou

não rumor tão alarmante, certo era que, em mais duma região, se os povos se não rebelavam, pegando em armas, atacando os postos, andavam os espíritos irrequietos, medrava a desobediência.

Falavam, alta noite os *quinzári* e *quissimbi* às portas das libatas, aconselhando a guerra.

E, sufocada a grande revolta do Sul, sob os flagelos acumulados, a fome, a peste, raziando terra e homens, — em mais dum ponto na Colónia, teve a palavra a pólvora para repelir ataques e reduzir rebeldias...

Assim fôra nos últimos anos da Guerra Grande. Depois, lentamente, tranqüilamente, impondo uma progressiva, muito lenta confiança, — o tempo novo, uma *nova maneira* começou.

As lavras voltaram a estender-se em tôrno das povoações cada vez mais tranqüilas. A pouco e pouco foi ocupado quási todo o território.

Primitivos postos isolados ligaram-se a outros por caminhos seguros. Os povos mais renitentes entraram na obediência do branco. Voltaram a povoar-se as grandes *quitandas,* definitivamente abertos os caminhos. O comércio, abandonada a borracha, — começou a encher de café os seus armazens. Pelos caminhos do mato, através das extensões desertas, ou cavalgando os montes, atravessando os rios, acampando à beira das po-

voações distantes, as grandes caravanas dolorosas vinham aos portos do litoral.

Certo dia, entre o espanto e a alegria das gentes, um automóvel rompia pela estrada que acabavam de concluir, rasgando centenas de quilómetros através do mato, aproximando mais as terras longínquas e as populações.

— *Moquixi-angôlo!* O milagre da fôrça! O *cumbi-cumbi* dos brancos!

Cada vez melhor, os povos desobrigavam-se do imposto, iam-se habituando, por tôda a parte, aos processos novos.

Pequenas resistências, subterfúgios, aqui e além, é verdade...

Alguns prosseguiam na velha, cómoda inércia, entre os grandes palmares inexplorados, com resumidas lavras, escravos de misteriosos receios; e só o tempo da cobrança os levava, contrariados, a apresentar-se ao branco para grangear o dinheiro do imposto, vender um *motete* ou fazer uma viagem, carregando.

Era assim, principalmente, nas terras de ocupação recente, espessas de florestas, cortadas por vales profundos.

Ali, os sobas e sobetas, reservados, teimosos, cheios de traças, opinavam não valer a pena, ao branco vindo de tão longe, estabelecer-se, ficar, incomodando-os a êles, expondo-se às doenças que não poupam filhos da terra e, muito menos, extranhos. Limitavam as suas obrigações para

com o govêrno ao imposto, lenta e dificilmente cobrado. Emfim, diziam, o imposto recebiam-no os grandes sobas dos próprios brancos do negócio, outrora. Hoje pagavam-no êles à fortaleza. Estava bem. —¿Que mais queria o govêrno?

A uma maior pressão da autoridade, verificavam-se fugas, apareciam desertas as aldeias. Era perto a fronteira e, do lado de lá, quási nula a ocupação. Os homens escondiam-se nas matas, na altura do arrolamento, da cobrança ou quando o pôsto recrutava trabalhadores e soldados para o serviço do Estado. Lá viviam alguns sem lavras, sem casas, de malavo e peixe, emquanto a *tzé-tzé* os não dizimava ou a fome.

Certo administrador afirmava desolado que tais administrados o levariam, com ralações, á cova ou à loucura. Entretanto iam, dia a dia, com suas manhas e resistências, embranquecendo-lhe os cabelos...

Êles aceitavam tudo. Eram, nas *fundações* com a autoridade, duma cordeal larguesa, tudo prometendo, inexgotáveis e risonhos. Depois tudo esqueciam Tinham, para cada desobediência, maquiavélicas ou inocentes explicações, promessas novas, inabaláveis inércias...

No entanto, (passavam os anos... o branco persistia...) até ali as coisas foram melhorando. Vinha um comerciante estabelecer-se junto dum ou doutro pôsto, conseguia comprar algum coconote,

café depois e até borracha, naquelas terras votadas à preguiça.

Os velhos, êsses protestavam sempre. Era preciso desanimar os brancos, convencê-los de que a terra nada valia, diziam.— Café? borracha? coconote? — Nada! Não havia nada, nada disso, na terra!...

E aos seus, combatendo-lhes o desejo de lucro ou o propósito de obediência às instruções do pôsto, — mandavam cortassem os cafezeiros, deitassem a baixo os palmares, sangrando-os bem, primeiro, porque o *malavo* fazia a alegria dos batuques...

— Guerra, não! Guerra ao branco era coisa perigosa, mal sem remédio... Melhor seria prometer tudo, em tudo concordar com tão teimosas e indiscretas criaturas... Depois, ao regressar aos povos, deixar dormir, esquecer as palavras pronunciadas, demorar o imposto, esconder os *filhos,* dizer, com escândalo e pena, como êles, — malandros! — já nem obedeciam às ordens dos seus chefes e fugiam para as matas ou passavam a fronteira...

Mas o branco persistira, teimara, cheio de paciência. Deixou-se ficar. Melhorou a casa, fabricou tijolo. Com as conchas do rio, queimando-as, fêz uma cal alvíssima. Distribuiu sementes, animou, com retribuïções oportunas ou reprimendas justas, a iniciativa de alguns chefes.

Maquelele, um dos mais tenazes na traça da resistência, de cabeça à banda, sorria por trás

dos largos óculos verdes... Dava-se por vencido e, em conversa com o chefe do pôsto, emquanto lhe bebia as últimas cervejas, confessava que, decididamente, não valia a pena contrariar um branco.

...¡—Tinha de ser! Teimosos como são, e espertos, não valia a pena! Mas bem pobres, bem miseráveis deviam ser as terras do Putu, para os seus filhos as trocarem por estas, acrescentava... E logo:

—¡Que boa a tua cerveja! ¿Não tens mais? ¡Deixa vêr!

Assim fôra, sem violências ou combates, prosseguindo a ocupação.

I

TRANSIÇÃO

FALTAVA apenas reconhecer e ocupar uma região longínqua do distrito que João Albuquerque administrava e anexada havia pouco por capricho dum imaginoso legislador.

Era para lá e ao Sul dum grande rio mal navegado ainda. Naquelas terras não havia comércio, as gentes mal se agrupavam em povos, vivendo errantes nas savanas ou nas matas dos rios, alimentadas a malavo e peixe, magras e miseráveis, sem lavras, sem panos, cobrindo-se de peles ou mabelas, os mais favorecidos, caçando com primitivas armas, medrosos, arredios, fugindo ao convívio com o branco instalado havia pouco nas terras fronteiriças daquém rio.

Alguns brancos, comerciantes e exploradores, tinham nos últimos tempos cruzado em vão a terra quási deserta.

Nem homens do govêrno, nem comerciantes por lá se haviam demorado, porém. Quando, de

longe em longe, uma balieira ou canôa descia o rio e o branco atracava à margem esquerda, acampando, na riba oposta, por entre a ramaria, adivinhava-se a presença de gente inquieta. Uma cabeça, um olhar mais brilhante, mal se avistava logo se escondia. E às palavras amigas, aos gritos de invite que lhes dirigiam, respondia sempre um silêncio inimigo... Fugiam como antílopes medrosos... Rumores de fuga. Depois, curiosos, sempre ocultos, voltavam, espreitando...

Não era por demais povoado o território de além rio. Do lado de cá a autoridade militar mantinha relações recentes com os povos mais próximos, cobrando um magro imposto, numa prudente política de atracção.

Tornava-se urgente atravessar para a outra margem, reconhecer aquelas terras bravias, atrair a nós os seus habitantes, organizá-los, fixá-los em aldeias, prepará-los para melhor existência. Animá-los a fazer grandes lavras, a explorar os palmares, a floresta onde, afogado no mato, florescia talvez o café.

Eram muito escassos os dados sôbre a região. Ao gabinete do Governador tinham chegado alguns, vagos e contraditórios, como são sempre os recolhidos por colaboradores ricos de imaginação ou fàcilmente contentáveis à primeira descrição feita por um indígena imaginífico e verboso, pronto a dizer-nos quanto lhe pareça nos será agradável.

Logo de princípio alguém sugerira a conve-

niência dum forte passeio militar, com uma coluna pronta a bater, a esmagar a eventual resistência do gentio. Pouca coisa. Uma metralhadora, uma peça, uma centena de espingardas... «O seguro morrera com cabelos brancos», diziam. «Se desnecessária, pacíficos os povos, a fôrça não picaria um cartucho. Construiria postos, impunha respeito, evitava tolices. Ficava a impressão do nosso poderio a prepará-los melhor para a nossa dominação. E sem isso não se fazia nada.»

O Governador, sem contrariar os belicosos informadores, demorava a resolução do assunto. Pensava nos perigos duma demonstração guerreira que, ao menor ataque, desandaria em campanha, por muito insignificante, irremediável nas suas conseqüências, dificultando ou impossibilitando, ali e através do restante território, talvez por muito tempo, a tarefa de atracção pacífica e a captação de confiança que eram uma preocupação constante da sua política de paz.

Ao tempo ultimava-se a transição do regime de ocupação militar para o da administração civil. As últimas capitanias transformavam-se em circunscrições administrativas.

O oficial do exército via, com desgôsto, chegar o civil que o substituiria, aplanadas já as dificuldades e os perigos da primeira ocupação. Fôssos das antigas fortalezas, inúteis ou por higiene,

iam sendo atulhados. As unidades militares, reduzidas, concentravam-se longe dos centros administrativos, de novo atiradas para o esfôrço desbravador de matos e savanas.

Um grande descontentamento lavrava entre os militares.

Êles tinham enfrentado e vencido as maiores dificuldades, ao meio de povos desconfiados ou inimigos, isolados de tudo, na solidão neurastenizante, no tédio das fortalezas esquecidas, entre assaltos, no implacável desconfôrto de regiões bravias. Violando a terra, amansando as gentes, dominando revoltas, improvizando tudo. Isolados, longinquos, esquecidos, — os que sabiam reagir contra os assaltos pérfidos da doença, as febres, as neurastenias, as saudades, — multiplicavam recursos, inventando-os, na tarefa incansável, acabavam por transformar tudo à sua beira.

Tinham aberto os caminhos, ressuscitado o comércio, repovoado as quitandas, arrolado os povos, cobrado o primeiro imposto. Em certas horas fôra preciso punir desobediências, corrigir súbitos desequilíbrios na política indígena estreitamente escrava da fôrça necessária... Ou tinham-se cometido erros, inevitáveis naquela etapa da ocupação. Erros, violências que tornavam indispensável a violência.

Através das matas cerradas, não alumiadas, como agora, pela larga brecha das estradas, — nos estreitos caminhos de gentio, afogados em capim

e matas, — eram fáceis e repetiam-se as emboscadas. A cinco metros, a dois metros, a menos, à queima roupa, um tiro partia da espessura. A pesada ferragem da carga raro falhava o alvo. Com um gemido, um grito, ou em silêncio, um homem tombava, tolhendo o estreitíssimo caminho... e logo se extinguia o rumorejar duma fuga apressada, através da folhagem ou do espêsso capim.

Ah! agora tudo era diferente! Dormia a pólvora por tôda a parte. Os cartuchos tinham sido solenemente enterrados, com um severo cerimonial, após a submissão dos últimos rebeldes. Tarefas novas. Mais fáceis. A terra era outra. Os velhos morriam com as suas revoltas. A gente nova habituava-se, sem perturbadoras lembranças, às exigências da nossa administração.

¡¿E vinham outros agora, aproveitar o fruto dos sacrifícios feitos, arruinar ou arriscar a obra realizada através de tantos esforços dolorosos?!

Entre a administração civil e a tropa lavrava um implacável dissídio, patente e grave em mais dum ponto, com guerra travada entre os comandos militares e as administrações. Mais duma vêz, por tôda a parte, se mobilisaram inquiridores, com seus escribas, para saber, através de laboriosos autos, o fundamento de acusações tremendas para os dois poderes.

Entretanto, e para consolação de tantos males, em muitas áreas já submissas ao poder civil serviam, chefiando circunscrições e postos, oficiais e sargentos. Dêles, com farto louvor, falava a administração conservando-os interessadamente nos fortes onde, esquecendo os tempos cada vez mais velhos, os fossos iam sendo aterrados com a terra esboroada dos baluartes e tambores. Entre os melhores administradores, à frente dos govêrnos, em circunscrições ou postos, — organizando as terras e as populações, construindo casas, abrindo estradas, aumentando as culturas, impondo a justa lei do branco, equilibrando interesses, domando egoísmos, impulsionando inércias, — *civilizando*, — figuravam, mais ou menos fieis à nova fórmula mas cheios de boa vontade e infatigáveis, oficiais e sargentos que as lutas, as febres, os trabalhos de antanho tinham definitivamente escravisado às apaixonadas funções da vida colonial.

III

INTERMÉDIO

Da metrópole chegavam funcionários imberbes, com o curso liceal interrompido, a maioria dêles, por reprovações teimosas; mal preparados, com vagas ou nulas ideas sôbre o que teriam a fazer na imprevista carreira e, quási todos, desmoralizados pelas promessas ouvidas ou sonhadas e as duras realidades do desembarque na Colónia.

Rapazes, alguns de capacidade para obras de geito, quási todos ignorantes dos mais simples mistérios da vida no ultramar.

Colonos, comerciantes ou funcionários, referiam-lhes tremendas histórias, iniciando-os.

Falavam, diante dêles, numa tácita e divertida conjura, de doenças fatais, de feras e revoltas, emboscadas sangrentas, scenas de canibalismo.

Faziam-lhes comer, das papaias as sementes, e dos frutos de maracujá a pôlpa insápida e branca. Exigências de iniciação, amargores do treino...

Era às refeições, sobretudo ao jantar quando, sôbre o café, se demoravam os convivas, fumando e falando, à roda da grande mesa. Na varanda aberta para a noite de África, bárbara, imensa, incendiada por queimadas e relâmpagos, ou desfalecida no dilúvio lácteo do luar...

Ouvindo os trágicos relatos, no desfiar da crónica africana, os neófitos, receosos de dizer suas dúvidas, sorriam a medo, tomavam seu ar de emancipados ou scépticos. — No fundo, não ficavam imunes, perturbava-os a curiosidade ou o receio.

Quando um antigo acabava a sua história havia logo outro para tomar a deixa, prosseguir, muito sério, a juntar pormenores.

De ouví-los, o apetite diminuia à maioria dos moços.

Em certa tertúlia, reputada pela traça habilíssima dos anfitriões e por onde, como por uma prova de iniciação, passavam todos os novatos, — falava-se, com terrível seriedade fúnebre, de febres, biliosas fulminantes, *triliosas* que não consentem remédio, matacanhas que provocam congestões pulmonares e em três dias liquidam os mais robustos!!!

« Então, — ah! senhores! — havia um flagelo tremendo. Não se lhe conhecia a origem, não fôra possível ainda destrinçar-lhe o micróbio! Mas

era terrível! Diziam alguns ser conseqüência dum banal golpe de calor, outros da mordedura duma aranha, freqüente naquelas terras, nas casas de pau a pique, cobertas a capim. (Aqui discutiam quási todos, acêsos, inflamados, como num congresso internacional de medicina...) Era rápida a marcha do mal: uma dor de cabeça, um pronunciado rubôr na face, uma ponta de febre... Depois, sintoma fatal! — a cabeça inchava, inchava, dilatavam-se as têmporas, era o princípio da morte!

Fazia-se silêncio, numa compungida pausa. Citavam-se nomes. Contristàdamente, recordava-se a derradeira vítima, o chefe do Pôsto Civil de Quissúa, excelente moço, beirão rijo e rude que tomava quinino, era sóbrio no amor, comia hortaliça e... nunca tivera uma febre. Coitado! Outro continuava o elogio fúnebre do *morto*. E o *morto*, o chefe de Quissúa, presente na séde por graça dos deuses e despacho do Governador, na séde e naquele ágape, — concluía, convicto, bebendo copos de cerveja, lacrimejante, comovido, o seu próprio elogio fúnebre!

Dias depois, ao fim da tarde, (o neófito aguardava destino ou carregadores...), — quando à roda duma mesa comerciantes e funcionários trocavam, esvasiavam copos doirados da espumosa Holstein, — um dos da roda, subreptíciamente, introduzia uma grossa tira de papel, entre a copa e a carneira, no chapeu do aspirante... — Mais cerveja!

Chim! Chim! Bebia-se à saúde dum cândidato à glória.

O director da Alfândega, discípulo de Talma e desastrado jogador de *foot-ball*, — quebrando o curso duma anedota risonha, enfiava, num receio súbito, encarando o jovem em cuja face o riso desmaiava como uma flor descora... Trocavam-se olhares...

O aduaneiro demorava-se no exame receoso, olhos aflitos, com trejeitos de trágico prelúdio...

— Deixe ver o pulso!...

Cessavam os risos e as palavras altas. Caía um opressivo silêncio...

Baixinho, de forma que o rapaz ouvisse, aventava-se a hipótese tremenda: — Não teria êle sido vítima da aranha fatal? —

— Você não apanharia sol de mais? preguntava um, solícito.

— E tem febre! constatava, doloroso, outro.

— E está vermelho!...

— Diabo! Se calhar foi mordido!...

Um murmúrio de pena. Sexta-feira de Paixão nos olhos daqueles maganos!

Silvino, o aduaneiro, recitava, olhos de luto, fúnebre:

— Ser ou não ser, eis a questão!

E tinha os olhos cheios de lágrimas, saüdoso da carreira atraiçoada, dos palcos em que a glória corôa os eleitos, no delírio das ovações.

Cercavam o moço, hesitante entre o mêdo da morte e a sua prosápia de rapaz esperto, vacinado e maior. Mas a insistência no alarme, aquelas expressões de pena, levavam-lhe a prosápia... Aconselhavam-no, insistiam. — Fôsse para a casa... Meter-se na cama... — Fugir ao frio da noite... Não comer nada!...

E impeliam-no, levavam-no.

Então sempre era a sério?

A expressão compungida e aflita dos mais alegres, tirava-lhe as últimas dúvidas.

De facto tinha febre. Ardia-lhe a fronte... Diabo!...

Davam-lhe o chapéu, numa pressa. Punham-lho na cabeça, não fôsse apanhar frio... Mas o chapéu... Lívido, o aspirante, depois de recusá-lo, estranhando-o, reconhecia-o afinal como seu... Não, não lho tinham trocado... Mas não lhe servia!...

Fatídica, vencida, dobrando a finados, uma voz gemia:

— Já lhe inchou a cabeça! Não lhe serve o chapéu!

E outra, correndo à porta:

— Chamem de-pressa o doutor!

— Pobre rapaz! E com uma carreira tão prometedora na sua frente!... lamentava, com lágrimas na voz, o aduaneiro...

Alta noite, dormia a vila e só, de muito longe, vinha o som abafado, o rolar dum batuque, — na

varanda coberta sôbre que dava o quarto do doente, juntavam-se silenciosamente os conspiradores...

O luar frio consolava a noite e a paisagem em que o Sol queimara... Dolentes, crescendo, soluçantes, geladas, no luar gelado, ondeavam estrofes do *Noivado do Sepulcro*,

Vai alta a lua na mansão da morte...

embalavam a noite, choravam no luar...

Soavam, lentas, num eco de tragédia, as doze badaladas duma improvizada meia-noite...

Já meia-noite com vagar soou...

Depois... silêncio. O grupo de homens combinara o assalto. Saíam da sombra, para o luar gelado.

E, irrompiam pela varanda, pelo quarto dentro, aos gritos, estoirava a cerveja, regavam a cabeça do *doente* e o leito com cerveja, entre gargalhadas...

Por fim o aspirante regressava ao mundo...

— Se os cavalheiros julgam que me intrujaram!...

*

Era assim a iniciação dêstes cândidos coloniais.

Havia-os cheios de projectos enormes: — caçadas a feras, explorações de terras ignotas, minas desconhecidas, emprêsas de patriotismo e sacrifício! Alguns, perturbados à vista franca das plásticas femininas, corpos de bronze ou ébano, — torturava-os uma irrequieta curiosidade sexual. Outros, raros, pensavam no pecúlio ràpidamente amontoado, nas economias apressadas, no regresso próximo, reduzindo o exílio duro sôbre a terra que julgavam ingrata. Quási todos, por conta dos vencimentos futuros, faziam grandes compras inúteis, como crianças... Outros inquietavam-se, — eram difíceis as transferências, — aflitos, da pequena pensão não enviada ainda às mães que, reprimindo soluços, — os tinham visto partir.

IV

DESCOBERTA

Um dia, na vila quieta onde não chegavam ainda, naquela altura, as camionetas da carreira, anunciaram a vinda dum novo grupo de aspirantes.

« Meninos sem barba, quási todos. Parece terem saído duma créche... » anunciara o telefonista do pôsto onde restauravam as fôrças para as últimas, duras etapas da viagem.

Com efeito, dias depois, diminuídos em número, (alguns tinham ficado num posto intermediário, com a primeira febre,) — ao cair da tarde, romperam quatro pela povoação. Tisnados do sol e bravos de apetite.

Radiante da experiência feita, camisa de caqui aberta sôbre o peito, mangas arregaçadas, polainas e cinto, largo chapéu de feltro, — um dêles, moreno e vivo, conduzia a caravana.

Os outros pareciam menos adaptados, mal resignados ainda. O desconfôrto da viagem no ca-

minho de ferro, uma noite branca cheia de mosquitos e calores, — *Cassoalala Palace!* — não lhes fizera esquecer as duras amenidades do desembarque numa cidade ainda sem hoteis, pouco risonha aos recemvindos, com preços pesados, grandes subidas, muito calor, cerveja cara...

Depois, deixando o combóio, outra noite branca, música de mosquitos, calor, sôbre uma ceia de meia-noite, no edifício do pôsto que era um fôrno.

Na manhã seguinte partiam, arrumados numa camioneta, divorciados da bagagem, aos tombos pela estrada áspera, de fabrico recente, com fretes nas subidas a pique e o credo na boca nas descidas íngremes. — Era noite fechada quando chegavam a uma povoação sem hoteis nem casas de banho, em que a noite confundia as coisas e deixava, para orgulho da comissão municipal, tremeluzir, solitárias, nas avenidas nuas de casas, os lampeões nostálgicos da pública iluminação.

Fôra grande e desoladora a espera, naquele termo da carreira automóvel, aguardando carregadores que os levariam lentamente, agora, ao longo dos caminhos enormes, uns trezentos quilómetros, ao sabor da sua preguiça, por uma estrada em que, à falta de pontes e por excesso de areia, os automóveis não se permitiam aventuras de risco. O administrador, que se interessara por um dêles, João Fernandes, — levou-o a ver obras de engenharia em que então se empenhava: uma estrada em remansosos lacetes, que os carros subiam em

prise, afirmava, — desfazendo um desnível bruto de duzentos ou trezentos metros, sempre à beira do abismo, frente a uma queda sussurrante e apressada que abrira o seu caminho com menos cuidados, sem arte nem engenharia, precipitando-se, rasgando a direito a montanha, descarnando rochas e atroando o ar.

*

O grupo, por fim, partiu.

Aquele João Fernandes, dobrava a sua alegria a cada obstáculo, a cada, para os outros, desengano.

Das dificuldades que surgiam fazia êle, vencendo-as, o seu treino; preparava-se, dizia. Caminhou 300 quilómetros, bússola em riste, a pé, que a tipoia era para doentes. A viagem dava-lhe tempo para se avistar com a África. Á noite, antes de dormir, desenhava o itenerário percorrido, completava notas, registava as observações do dia.

A fisionomia bárbara da terra, sem as linhas, sem o ar humano e fraterno que à terra dão o esfôrço torturado e as bagas de suor de quem a trabalha transformando-a, não lhe diminuia o entusiasmo juvenil antes o acordava, acirrando-o para a volúpia forte de outras alegrias.

Desde o litoral, entre Luanda e o Luinha, o moço evocara, orgulhoso e comovido, os calvários da conquista, a epopeia dolorosa e formosa dos primeiros decénios de setecentos, depois de Baltasar Rebelo de Aragão libertar Massangano... Bento Banha Cardoso, Manuel Cerveira Pereira, tantos...

O combóio seguia através da planura sêca, da infinda planura, mato bravo, perfis doridos de cactus-candelabros, ilhotas cerradas, impenetráveis, muralhas de aço e acúleos, molhes de ocultos portos naquele mar bravio de capim.

No céu nevoado e sujo da manhã, (era cacimbo), perfilavam-se cactos arbóreos, num gesto impetrante, sem esperança, erguido ao céu.

De vez em quando, a um lado e outro dos taludes sangrentos, o capim morria. Na terra areenta, na terra sequiosa, alargava-se, num assalto rasteiro, em ondas humilhadas, a vegetação arbustiva, ininterrupta, bravia, verde ainda, mas dum verde agónico, metálico, porque o cacimbo ia moço e as noites eram compassivas para com a terra cheia de sêde.

Como monstros primitivos, estendendo os braços patibulares, grandes imbondeiros, torciam-se, esmagando com o corpo disforme a planura raza.

Areia, mato cerrado, nem uma gota de água!...

Só para o poente ou para o norte, muito longe, miragens de montes, névoa...

De repente, passando, como um oásis, entre palmeiras e árvores verdes, avistava-se uma casa

comercial... E adiante, mais longe, no horizonte, a mancha dos Dembos ou as névoas do Zenza...

O que teria sido, há três séculos, ocupada Loanda pelos holandeses, — a tremenda odisseia, entre os povos revoltos, sôbre a terra inimiga?

E o moço lembrava nomes, duma leitura recente: Pedro Cezar de Menezes, Gomes de Morales, Pedro Barreiros...

Aquela retirada fôra um calvário. A falange heróica, na arrancada brava, largara através do mato cheio de emboscadas, do mato assassino, da terra ardente e estéril que só lágrimas e sangue e o suor dos combates dessedentavam... Depois um reduto, uma cidadela, um altar, sôbre o Cuanza, — Massangano!...

Quando a savana, mais animada e verde, com miragens de lagos, rios e lagos vivos, palmeiras esbeltas, tocava já, para dobrá-lo, o primeiro degrau do planalto, — ao passar um rio, mostraram-lhe as ruinas da fundição de Oeiras, sôbre o Luinha! Muralhas rijas sob a onda brava da floresta que voltara ao assalto. Oeiras! Sousa Coutinho!

Depois fôra a ascenção, com cataratas, leitos abertos no granito, uma vegetação forte, o desenrolar dos montes, gargantas estreitas afogadas em sombra, serranias, florestas.

Como se entrasse no próprio coração da África

sonhada, a linha férrea mergulhava nos vales de Cazengo, ia entre duas ondas, duas catadupas de selva, desabaladas pelo flanco dos montes dominantes, — despenhadas sôbre os regatos múrmuros e profundos...

O ar era uma congestão de sombra e seiva, na embriaguês perfumada dos cafezais...

*

A noite, nos povos ou acampamentos onde ficavam, emquanto os companheiros dormiam, João Fernandes amórava-se junto das fogueiras, tentava conversas que mal iriam além de monosílabos e gestos inexpressivos se não fôra a benéfica incorporação na caravana, como servidor para a jornada, dum ex-soldado, Calendende, que findos os longos anos de serviço regressava de muito longe, do Além-Cunene, à sua aldeia natal.

Curioso de tudo, rico de simpatia por cada coisa, magoava-o, sim, a desconfiança sistemática do preto, a defesa instintiva perante o branco que passava e partia, curioso e interrogador. A causa, próxima ou longínqua, desta atitude que ofendia e acusava, — João Fernandes não a compreendera logo. No seu resoluto propósito de simpatia evitava as conclusões que a irritariam a cada momento, envenenando-lhe a apreciação de tudo,

roubando-lhe a fôrça que pressentia mais necessária à sua nova existência: — a duma apostólica, tenaz dedicação, dum carinho activo, fiel, sem descanso, àquele propósito. Por seu pai, grande disciplinador e condutor de gentes, sabia que essa era a base essencial a qualquer actividade construtiva nestas terras novas onde apenas se cria obra duradoira sôbre o terreno estável duma recíproca confiança.

*

Com os aspirantes chegaram as malas do correio. De Lisboa, numa carta propiciatória, um amigo apresentava ao Governador, como bom para as boas tarefas, o filho de Venceslau Fernandes, amigo comum.

V

VENCESLAU FERNANDES

Viera o moço ao gabinete de João Albuquerque, sem timidez nem prosápia, mal dominando, porém, a vontade de dizer seus desejos de dar-se, a ansiedade que lhe ia na alma e no sangue de dar-se e bem servir.

O pai, Venceslau Fernandes. servira longo tempo numa das nossas Colónias africanas. Apaixonado pela vida livre do mato, entrara em operações militares primeiro, obedecera a grandes chefes, fôra da falange formosa daqueles portugueses de oiro que, a seguir ao *ultimatum* inglês, compensando o tempo perdido, dobrando etapas, reforçando e garantindo direitos ameaçados, se deram sem conta nem reserva, de coração e espírito, à tarefa ardente dum Portugal maior.

Quando um Governador com largas vistas quiz fazer a tentadora experiência de, numa região rica,

povoada por tribus guerreiras, deixar ao preto, sob a nossa direcção e imposição amigas, o esfôrço que valorizaria a terra, iniciaria, renovaria, ampliaria culturas, multiplicando os rebanhos, fixando a paz nas populações irrequietas, — Venceslau Fernandes, então tenente do exército, fôra o seu escolhido.

Passara anos de ignorado trabalho, muitas vezes contrariado, ridicularizado até pela descrença e pelo espírito, fácil na crítica, scéptico ou dissolvente, de chefes inferiores aos quais, por vezes, fácil foi perturbar a continuidade duma obra que mal compreendiam. Mas, esquecido quási sempre, todo entregue à devoção que lhe dava consumições e alegrias, Venceslau Fernandes vivera êsses anos, entre os seus pretos, para êles, cada vez mais fiel aos costumes, venerado, respeitado e temido, na sua fôrça e na sua justiça, pelas populações.

Nenhum branco demorava de mais à sua beira, se vinha perturbar a terra com sua actividade, fazendo mau comércio ou requerendo concessões, porque a terra constituia uma grande reserva indígena e, ao abrigo da lei, Venceslau Fernandes era o seu dono, o pai e protector.

A administração do território fôra, desde início, conduzida através das velhas fórmulas tradicionais gentílicas, progressiva e sensatamente afeiçoadas aos nossos propósitos, melhoradas em termos de servir o interêsse comum, diminuindo o poder inimigo de castas e privilégios, as práticas nefastas

do antigo costume, a violência, as correrias armadas, raptos e *razzias* que tinham feito a glória do passado.

Régulos e indunas ouviam filialmente a palavra do branco, — O-Grande-Pai-Condescendente, — discutiam com êle as necessidades da terra e dos seus filhos.

Era com o coração do branco, fieis ao velho coração da tríbu, à terra e aos mortos, — que aplicavam justiça e governavam os povos.

O comércio viera, atraído, interessado, estabelecer-se junto do Residente. Multiplicavam-se as culturas. A velha enxada gentílica foi substituída pelo arado. Estabulizaram-se rebanhos. Uma vez e outra, por fim, tinham vindo técnicos reconhecer a terra, aconselhar, dirigir novas culturas. Certo Governador enviara reprodutores, touros de outra raça, grandes carneiros, suínos pesadíssimos que renovaram, fortalecendo, as espécies cansadas.

No cultivo das terras, lentamente, os homens cooperaram com as mulheres... Porque à fecundidade da terra, diziam os velhos, era precisa a fôrça fecunda e milagrosa da mulher que é mãe.

No desenvolvimento normal e forte dos seus negócios, o comércio, liquidando indivíduos ou processos nocivos, intolerados pelo Residente e pelos povos, servira também a obra generosa, servindo-se. A concorrência inteligente, multiplicando as espécies à venda, suscitando cobiças, aumentava

o bem estar do preto. Criando necessidades novas, estimulava-o ao trabalho que permite alegrias, veste as mulheres e os filhos, trazendo à palhota do preto, as maravilhas que o branco, só o branco, sabe fabricar.

No movimento daquela vasta colmeia em que não havia pressas, antes uma indolência orgânica combatida mas jamais líquidada, a obra construtiva ia dia a dia aumentando. A confiança crescente, o respeito do branco, eram o fruto saboroso dum apostólico, tenaz, paciênte esfôrço infatigável. Venceslau Fernandes, de dar-se a tal apostolado, para lá do sacrifício aceite, julgara-se magnificamente feliz. Foi enfermeiro, agrónomo, arquitecto, construtor de estradas.

Uma missão religiosa estabelecera-se no território. Vinha possessa de excessivos propósitos de catequese. Serviam-na dois homens ardentes de fé, inquietos de sacrifício e dádiva. Entre êles e os povos viu-se depressa o desacordo. Os chefes estavam descontentes, sentiam a ameaça de perturbações, desiquilíbrios, desordens, na harmonia íntima da tribú. E os dois missionários, magoados, sôbre teimosas experiencias, iam a reconhecer-se vencidos.

Até para êles, então, Venceslau Fernandes fôra exemplo, auxiliar precioso, corrijindo normas, exaltando-lhes o bom desejo de ser úteis, integran

do-os na sua obra, multiplicando-lhes a possibilidade de acção através dum sensato oportunismo que, se lhes fêz rêconhecer a inviabilidade ou perigo duma catequese imprudente, deu ao seu espírito de obreiros generosos mais fecundos e generosos campos de acção.

A cobrança do imposto faziam-na os próprios chefes indígenas em poucos dias, cada ano; a importância arrecadada era cada vez maior e dela, numa crescente percentagem, saíam verbas para as obras mais úteis ao território.

Com operàrios pretos cuidadosamente recrutados fora, e um velho deportado político, poeta nas horas vagas, homem de inquietos sonhos que se improvisara carpinteiro, pedreiro, cerâmico, montara-se uma escola oficina. Ali, longe dos grandes centros de população europeia, aos pequenos filhos da terra, a par duma prudente instrução literária, impunha-se a prática profissional das principais actividades úteis a cada aldeia, aquela que os alunos iriam espalhar depois entre os povos, sem os perigos inevitáveis, para a tribú e para o indíviduo, se uma aprendizagem especializada, facilitada a êsmo, os lançasse na obrigação dum salariato, afastando-os da terra, da família e da sua disciplina.

O moço que regressava à aldeia, com as suas ferramentas, sabia lêr um livro, escrever uma carta, fazer contas.

Mas ao erguer a sua palhota, ao mobilar-lhe o

interior mais arejado e claro, ao preparar, casado, as lavras do casal, lembrava-se dos ensinamentos recebidos junto do branco. E era por sua vez mestre, espalhando artes, ensinando.

Granjas, imensas plantações de milho, algodão e arrôs, estendiam-se ao longo do território, cercando as aldeias. Os homens não emigravam. Os que tinham ido ao Rand, às minas, ou trabalhado mezes nas grandes plantações de cana do litoral, quando voltavam faziam o elogio do branco e prendiam-se à terra mais...

Alguns rapazes não resistiam à tentação de ir ver, conhecer as cidades, as grandes fazendas... Porém, grangeado o *lobalo*, regressando, casavam. E eram a fôrça crescente, enraizada e fiel, à terra, à tribú, aos mortos.

Os povos tinham alargado e povoado de árvo res, beneficiado de sombras, os caminhos. Eram raras as epidemias. A população crescêra. Nas aldeias a meúdagem pululava. Nenhum comerciante ousara propôr à venda, no território que Venceslau guardava, o alcool que desvaira e mata. As matas de cajueiros tinham sido a pouco e pouco arrancadas da terra onde, entre valas, agora branquejava o algodão. Na planície branquejavam os poços, os bebedoiros e os tanques para o gado.

Como um patriarca, esquecido, ridicularizado ou louvado por chefes mais ou menos ausentes,

— Venceslau Fernandes envelhecera no meio dos seus povos. Agora só o filho único, orfão de mãe desde o primeiro berço, o prendia à metrópole onde vinha, em curtas licenças que nunca terminava, tanto o enfeitiçara a terra africana, o reclamava o ar sadio, a vida forte, a simpatia das gentes, o seu próprio feitio inadaptável ás estreitesas da vida europeia. Aquela era a sua terra.

— ¿ Quem, na metrópole, *falava a sua língua*, dizia palavras afeiçoáveis à sua actividade e à sua alma?

Viera morrer junto do filho, sem a dolorosa transição duma longa doença. João Fernandes tinha então 15 anos. No seu espírito ficàra, para sempre vivo, o exemplo da vida paterna. Êle bebera nas conversas apaixonadas, nas cartas cheias de carinho e paciência, o filtro encantador que o prendera à terra longínqua e quási lhe roubara o pai.

Comungando, à medida que se formava seu entendimento, o orgulho dum passado incitador de orgulhos, o culto daquela obra exemplar, — João Fernandes ardia no desejo de queimar-se ao fôgo duma tarefa igual, que lembrasse as fainas históricas da sua gente e erguesse, chamejante, seu coração ardente à altura dum entusiasmado dever.

A Guerra Grande encontrara-o menino e môço

numa das primeiras classes do Colégio Militar. Com seus companheiros, vibrara de amôr pátrio e ardôr guerreiro, juvenil excedência, ansiosa de aventura e combates.

Fizera o seu curso. Era primeiro sargento. Tinha 18 anos. Diante de si abria-se uma carreira segura, a do exército, ou, se quizesse, outras carreiras: a de engenheiro, agrónomo, médico...

Seu espírito, precocemente grave, ponderou tudo.

E na sua resolução apenas pezou a voz de mando, inesquecível e querida, vinda até êle da obra de seu pai. Entre os papeis que lhe deixara, João Fernandes encontrara uma carta para êle escrita numa hora serena e cheia de amôr, quando a morte rondava, não temida e aceite, em volta de seu pai.

Uma carta que era um testamento. Herança única, a apontar um dever. — Um dever que era um culto.

VI

O TESTAMENTO DE VENCESLAU FERNANDES

"Dei-me, (não tive juventude quási) — entreguei-me à África como a uma coisa bem-amada e tirana. Ela viveu as irrequietudes, os sonhos e os entusiasmos da minha primeira mocidade. Era uma África diversa em que se combatia e morria, áspera e inimiga, sobretudo ignota, mal desbravada ainda pelo nosso esfôrço para que a pudessemos bem conhecer e amar.

Sacrifiquei-lhe tudo. Até o Amor dum lar mal construído ainda... O vendaval que m'o abateu um dia deixou-me como consôlo para o meu remorso o dever de, sôbre as suas ruínas, erguer uma vida nova, consumindo-me, desejo e memória, no ardor acêso duma luta renovada cada dia. Em que eu próprio, dia a dia, me amortalhasse para um novo nascimento.

Fui outro. Sôbre o desespêro, fui outro, sôbre

o desespêro vencido e os remorsos. Vivi para ti, meu filho, para o teu pão de cada dia, para que fôsses um homem, e para o teu exemplo quando me perdesses. Deus me perdôe o pecado enorme! Mas através dos meus desânimos, das horas de tédio, de doença, de abandono, nos momentos em que, por milagre, uma fôrça em mim se renovava, como um alento perene sentia, alta e mais viva, a consciência cada vez mais contente do caminho andado, cada vez mais esbatida a amargura da minha renúncia, (se houve renúncia...), — na alegria severa dos combates ganhos para negação das dúvidas pessimistas, dos juízos injustos, dos contrariantes egoísmos dos homens.

Amei a África, meu filho, primeiro pela vastidão bárbara dos seus horizontes, as suas florestas, as suas montanhas, a virginal e áspera rudeza das planícies imensas, desnudas, — pelo segrêdo misterioso de certas tentações sempre vivas, a volúpia de certos encontros em que éramos, em frente da terra indiferente ou hostil, ufanos como desvirginizadores de mundos.

Amei-a melhor, depois, quando, possuído por ela, sua vítima contente, seu escravo, presa do seu encanto, numa lenta descoberta a conheci melhor, a ela e às suas gentes, à medida que as freqüentava e compreendia, desbravando a espessura de ignorância ou de egoísmo através das quais geralmente as avaliamos. Senti-me próximo delas, fixei pontos comuns no vasto campo misterioso que é

a sua e a nossa alma, — acreditei nas suas possibilidades de melhoramento, no seu potencial possível de humanidade e evolução.

Alguns supuseram-me cafrealizado, inadaptável para sempre à vida europeia. Outros acusaram-me de crimes de lesa-pátria e lançaram rumores de alarme, anunciando vastas rebeliões conjuradas à sombra da minha perniciosa actividade. Chamaram-me talvez, outros, um sonhador perigoso, inimigo de interêsses que, para êles, eram a única justificação da sua actividade.

Tu saberás, meu filho, como, incompatibilizado com a vanidade habitual da vida na metrópole, — meu espírito de europeu se conservou fiel, em permanente contacto com a vida do espírito, sentindo e servindo uma imperativa necessidade de renôvo e convívio espiritual.

Nunca me faltaram revistas, livros, jornais... da Civilização.

Como um viajante que, vindo de atravessar desertos, caísse de bruços, ávido e voluptuoso, sôbre a bôca viva da primeira nascente, sempre saboreei com gôsto a alegria das minhas curtas demoras em Portugal.

Através do sacrifício aparente que aceitara, não me faltaram compensações. ¡Velar, àlerta e activo, sem descanso, à roda duma idea, para que ela

vingue sôbre mil obstáculos renovados! ¡Dar a um plano, dia a dia, maior viabilidade, dar-lhe a nossa vida, fazendo-o senhor de tôdas as nossas possibilidades, para nos marcar o ritmo de cada acto, através duma vida inteira! ¡Fortalecer de experiências, de sentido prático, através das desilusões e das derrotas, como dos triunfos, uma idea generosa, um sonho que, por muito belo, será hostilizado sempre, sempre exposto à derrota, sôbre a terra indiferente, no meio da indiferença ou da hostilidade dos homens!

Vi a terra transfigurar-se e o coração dos homens, ao ritmo da minha vontade, na amorável obediência às minhas ideas. Aprendi a afirmar que, onde haja entusiasmo e fé, — uma idea generosa é uma fonte inexgotável de vitória, se lhe não falta o amor!

Deixo-te, à míngua de outra herança, filho, o contentamento que te advirá de pratícares melhor do que eu, num tempo mais propício, — o dever que eu servi. Para que prolongues o meu sonho em qualquer canto da terra lusitana de além-mar...»

*

Como táboa sagrada, fixando a Lei, esta carta de Venceslau Fernandes, lida sôbre a sua morte, de tôda a altura da sua vida, modelou aquela

juventude incerta. Na hora dissolvente e desorientada, gravou-lhe um sentido, deu-lhe uma finalidade. Foi um pergaminho heráldico. À falta dum noviciado que o preparasse, numa escola própria, para a apostólica faina que aceitara, — aquela carta seria bíblia e compêndio, curso e iniciação.

Pálidas, esvanecidas pelo tempo, fotografias sem conta documentavam as páginas preciosas. Eram primeiro os aspectos primitivos das terras, das povoações, dos homens, — os batuques de guerra, as grandes rondas de guerreiros implumados, lança alta ou azagaia, escudos e machetes vibrando, a evocar a vida dos combates, as algáradas e razias pelas terras distantes, os combates e os saques.

Campos quási nus de qualquer cultura. As aldeias eram palhotas agrupadas em círculo, em volta dum grande terreiro. Ao centro dêste o curral dos bois. Envolvendo o grupo das palhotas, palissadas de troncos e espinheiros...

Planícies, pântanos, florestas, e rosários verdes, riscando a savana, desenhando rios; matas espessas; clareiras na floresta. Páginas de caça. Florestas como fortalezas de sombra ao meio da planície que as assedia, ou às ondas, em marcha, subindo ao assalto dos horizontes, do céu.

Outras fotografias mais recentes mostravam os bois selvagens de outrora sob o jugo do arado

ou pastando. A terra acarinhada, desbravada, estremecia tôda em searas e milheirais. Nas eiras lisas, animais desgranavam as paveias sob os cascos duros, ou debulhadoras mecânicas escorriam milho como bicas fartas, acogulando-o em montes que deviam ser de oiro sob o sol meridiano.

Num grupo, mulheres fiavam rudimentarmente as febras dum algodão bravio, semeado talvez pelos acasos do vento.

Noutro era a apanha dos flocos gelados ao meio duma grande plantação em que mulheres e crianças, a perder de vista, à altura das grandes cápsulas abertas ressumando neve, mergulhavam na onda parada dos arbustos, na espuma nevada, entre flores polares.

Num hangar, descaroçadores manuais movidos pelo braço forte dos moços amontoavam a neve ligeira daquela grande colheita. Entre rumas de fardos, poisava uma enfardadora ou prensa macissa, enorme.

Outras fotografias... Rebanhos pastando em prados que tinham sido pântanos. Um grupo representava o branco, com auxiliares indígenas, ao meio da turba, vacinando crianças e adultos, e ao fundo um edifício por cuja frontaria subiam trepadeiras.

A enfermaria-sanzala. Em volta dum largo terreiro ajardinado, sombreado de árvores, pequenas casas sob cujo alpendre, acompanhados

da família, repousavam doentes. À roda, lavras, canteiros, sombras.

Oficinas. Fornos fumegando entre montões de tijolo e de telha. O fabrico duma casa. Uma serração. Escolas. À sombra duma velha árvore, um professor indígena, ao meio de crianças atentas. Crianças em pequenas lavras, desmontando a terra, arranjando canteiros.

Numa fotografia maior os velhos chefes, (Mayiumbule, Xiluvane, Nkuri, e outros, dizia a rubrica), como patriarcas, sentados em volta de Venceslau Fernandes. Era o conselho dos régulos e indunas.

Através das fotografias seriadas num album, dos trajes, do aspecto das coisas e das gentes, percebia-se o caminho feito sem sobressaltos, sem pressas, o milagre lento e formoso, em que a presença, a vontade tenaz, o coração do *Grande Pai Condescendente,* tinham tido a fôrça branda, a invencível fôrça dum taumaturgo, acordando, impelindo e ritmando as fôrças da terra e dos homens, naquela terra propícia ainda a milagres.

O Governador conhecia esta obra. Conhecera e admirara Venceslau Fernandes.

VII

A ROTA NECESSÁRIA

João Fernandes preferiria, decerto, as terras que a amorável experiência de seu pai trabalhara e cobrira de benefícios. Como lhe seria grato ouvir as palavras daqueles que jámais esquecem, evocando as horas, os gestos, as palavras do *Grande Pai Condescendente,* — e continuar, entre êles, o esfôrço de seu Pai! Continuar e servir o passado, viver o culto e a saudade do morto bem lembrado, acarinhando, prolongando a obra em que êle puzera tanto do seu amor!

Em Angola, — depois da Guerra Grande — o esfôrço dum Homem que mal era dêstes tempos, iniciara uma luta à altura das velhas tarefas heróicas, respondendo ao grito de mando dum dever instante para comnosco e para com o mundo, rompendo, a caminho dum alto objecti-

vo, na cadência apressada e viril dum decidido assalto.

— Um Homem que era dos tempos grandes, coração e vontade para servir Principes Perfeitos. E que sabia talvez, doutras experiências, de aparentes desbaratos e um recente exílio, como as fortes ideas e os propósitos esforçados, por mais fieis ao interesse da Pátria, levam os seus servidores, entre os contemporâneos rebeldes ou escravos, mais do que aos Capitólios, à amarga e necessária prova dos Calvários.

Angola era a imediata, a possível experiência lusíada para responder ao mundo, aos que não sabiam ou, propositàdamente, nos ignoravam caluniando-nos.

Os direitos históricos, a descoberta, a conquista, a ocupação, não seriam talvez pergaminhos bastantes. Era preciso forjar o inquebravel gládio que, nas mãos puras da Pátria, — em face do mundo, sôbre o dever cumprido, nos mantivesse a velha prosápia de senhores.

Angola portuguesa, nossa! Êste era o campo mais propício, a gleba em que devia transfundir-se o sangue da Pátria para moldar na carne pura, no sangue estuante duma nova pátria, prolongamento fraterno de lar metropolitano, as estâncias ardentes dum novo poema. Uma nação reproduzindo, além-mar, como um eco sublime, perpe-

tuando-nos na história, — o sonho, as lutas, os calvários que defenderam e fizeram o Brasil!

João Fernandes, com o exemplo de seu pai a perfumar-lhe o peito, sonhou ser da empresa formosa. Requereu a nomeação de aspirante provisório do Quadro Administrativo da Província e, pouco depois, com alegria, embarcou.

Mês de Junho, azul no céu, cravos vermelhos nos canteiros. Era o mar uma safira dormente, embriagada, extasiada em azul. O entusiásmo no coração de João Fernandes era um canteiro de cravos vermelhos. E um mar de saudades... Tinha 19 anos... Na sua bagagem três livros: — a *Biblia,* o volume de *Sophis Ruge* sôbre as descobertas dos portugueses... E os *Lusiadas*...

*

Numa gloriosa manhã, (¿que é das névoas de antanho, de quando o barinel da descoberta varou naquela praia?) — a Madeira perturbou-o como um beijo de namorada. Depois, de novo o mar. O hálito da África vinha sôbre as ondas, filtro de tentação invencível. À noite o navio, lavrando as ondas brandas, campo de oiro, corpo sangrando luar e oiro, — levava à proa alvos montões de lírios. A hélice agitava os braços loucos

sob catadupas, turbilhões de gêmas... A esteira da nau era um véu de nupcias, rojando sôbre o mar.

*

Cabo Verde... Manhã... Hálitos ardentes... Rescaldos.

Rochedos. A cabeça do Infante. Prometeu agrilhoado. Mulheres como estátuas. Ar cálido e perverso. Terra que oculta incêndios.

*

Depois, mais próxima, a bombordo, uma presença misteriosa, perturbadora. Terra por bombordo. «Ali tinham passado as primeiras naus. As ondas lembravam-se. O hálito do deserto evocava — e prendia.»

*

O navio agora vai como sonâmbulo, na hora de merídio. Não se ouve nada. Súbito, do alto, duma gávea talvez ou no coração marinheiro do mais português dos tripulantes, — ergue-se um grito, a advinhar o longe.

— Terra!

Emoção, vozes mais altas, gritos, alegria, uma alvorada! Vai mais ligeira a nau. Canta a espuma nos flancos...

A pouco e pouco, ao longe, a visão toma realidade. Uma flor de névoa, o corporizado aroma duma flor submersa! Depois a flor cresce no horizonte, é um grande ramo verde numa auréola de distância, de névoa, de mistério...

É uma onda que sobe, uma onda verde, a crescer — sôbre as ondas, tomando o horizonte, dominando a planície do mar.

Picos, desafios da terra ao céu, ondas petrificadas. Mais próxima, a terra abre-se ao mar como um regaço.

Pelas encostas, em catadupas, do céu ao rés do mar, desce a floresta, às ondas. Abrem flores alvas sôbre o quebrar sonâmbulo das ondas. Espuma de terra, as flores confundem-se com a espuma, flor do mar.

Não corre uma aragem. À pôpa, dominadora, plácida, tranquila, extasiada, — a bandeira de Portugal. Ilha do Príncipe.

*

Na outra madrugada, de novo a mesma maravilha. A bruma advinhada, a alegria da descoberta, bruma corporisada, cada vez mais viva, serranias, florestas animando-se. E enobrecendo a aparição primitiva, sôbre o tumulto da terra por-

tentosa, — o trabalho heróico, a dor dos homens, as casas como baluartes da conquista, roças subindo a montanha, roças e uma cidade espraiadas, risonhas, rés-vés do mar verde-azul.

*

Agora o Atlântico perturba-se. Ondas terrosas, espumas amarelas. É o Congo, artéria viva por onde ao Mar acorre o sangue vivo do coração da África. E o seu mistério, no ar que se respira.

Zaire. Um padrão. Terras baixas. Terras nossas.

Terras de Angola que, quando se desembarca, apetece de joelhos beijar!

VIII

COMO NO TEMPO DOS PATRIARCAS...

O GOVERNADOR advinhara em João Fernandes, apesar da sua mocidade, um elemento capaz de entusiásmo e dedicações. Conhecia a obra de Venceslau Fernandes. A sua estima pela tarefa mal louvada e rara, — animava-o a esperar do môço, comovido às palavras que lhe dirigira, mais do que era justo esperar dos elementos mal preparados que estavam afluindo à Colónia para, como dizia o Homem que presidia aos seus destinos, — através de experiências nem sempre benéficas, se apurar a reduzida *élite* capaz de enfrentar deveres cujas modalidades a maioria, de início, não suspeitava sequer.

Já o Governador puzéra de parte, para a ocupação duma última nesga de território além rio, — sugestões e argumentos menos gratos ao seu critério de administrador civil. Imaginou,

para João Fernandes, a possibilidade de um encargo que o môço serviria com alma. E disse-lh'o. Êle iria reconhecer, ocupar, organizar uma terra distante, atraindo as gentes, chamando-as ao nosso contacto, através duma política prudente de captação, sem pressas nem exibições de fôrça desnecessárias. Em vez de cem espingardas dar-lhe-ía as seis Snyders de seis cipaios. Em vez de cunhetes de pólvora uma ambulância de medicamentos. Panos, enxadas, sementes. E um croquis da região. Se encontrasse resistência, pediria apoio ao pôsto mais próximo, recentemente montado na margem daquém. E, prudentemente, esperaria, teimando na mesma política de captação.

No pôsto ficava, pronta a acorrer, uma fôrça comandada por um oficial. Mas o Governador, que sabia tudo prevêr, não receava nada. João Fernandes, com os seus cipaios, seria, tinha a certeza, o pacífico embaixador da *maneira nova* ns terras ariscas de além rio.

Quando o despediu estava convencido de que descobrira um homem. E, na sua memória, marcou aquele dia com uma pedra branca.

João Fernandes informou-se do itinerário.

Contratou Calendende para acompanhá-lo. Recolheu pormenores. Comprou uma cama de campanha. Organizou o rancho.

Acorrendo, aos convites do Governador, ouviu-lhe as instruções teimosas.

E, ao fim duma semana, partiu num alvorôço, entre agourentos presságios dos que menos entendiam a política do Governador.

Atravessara terras ocupadas definitivamente havia pouco ainda.

Da primeira insuficiente tentativa de penetração, (garrafões de aguardente, e balas...) quasi nada restara ao fim de poucos anos.

O vento de inquietação que misteriosamente percorrera a Colónia, vindo de longe, desde 1914, — (mal da terra em que brancos tinham combatido uns contra os outros) — atingira também aquelas regiões mal dominadas.

Os erros, as hesitações dos fracos, as violências dos covardes, tinham reacendido o amor à vida antiga, avivaram, no espírito das gentes, a memória de tempos ainda próximos e saudosos. Um feiticeiro esperto manobrara o espírito infantil e maleável dos homens. E porque o branco na fortaleza dormia, mal vigiando, a revolta irrompeu como um pequeno fogo no capim, primeiro, e foi em seguida como as queimadas que vão de vale a vale.

Poucos anos tinham passado sôbre a repressão dessa revolta.

*

No descanso dos acampamentos, em cada aldeia, João Fernandes interrogava, escutava a história do passado recente, as referências sem intenção a erros nossos que o seu idealismo adivinhava e que, em sua consciência, quasi capitulava de crimes.

Felizmente os anos tinham passado. Modificara-se sensivelmente a mentalidade dos brancos. Através dos nomes que lhes dera, o gentio falava de homens fortes e justos que tinham vindo sôbre a revolta vencida, curar a terra, enterrar a pólvora por fim.

De noite, sôbre o silêncio, o *mondo* rufado, ressoando, enchia a noite de vozes, chamava a atenção dos povos distantes. Depois, separando as sílabas e as palavras que as massanetas de borracha imitavam percutindo os flancos sonóros, contava que o branco dormia na aldeia, a caminho das terras de alem rio — o branco, *filho* do Governador.

Os velhos demoravam-se falando à roda das fogueiras. Era tempo de cacimbo. Iam as noites frias. O sobeta do povo, (fumo-iá-bata) trazia a sua cadeira, sentava-se junto de João Fernandes. Conversavam. Calendende traduzia. Sob os olhos maravilhados, o branco *prendia as palavras,* to-

mando notas, escrevendo. *As palavras que falariam longe, depois,* diziam...

Uma *maneira* nova começara, sabiam êles, para a gente do *Mueneputo*. Morta a guerra, os povos iam-se acostumando ao branco. Já trabalhadores tinham ido prestar serviço em terras distantes, regressando com panos e dinheiro, sem queixar-se. As malandrices de cipaios e soldados diminuiam. Sabiam os povos, cada vez melhor, o caminho dos postos. Cada vês mais confiados, queixavam-se quando ofendidos.

Adivinhava-se, porém, que um receio, uma desconfiança ficava, se mantinha, própria talvez de todos os povos dominados, exigindo ainda da nossa parte demonstrações evidentes de apoio e e de assistência que a diminuissem combatendo-a.

Ao fim de largas palestras, mais à vontade, a sós com o branco e o seu interprete, alguns *mucuruntos* deixavam transparecer, faziam acusações ainda.

Mas até no espírito dêstes, bem se via, dealbava já a noção dum dominador paterno e amigo, duro no castigo justo, mas que ensina e ampara, no castigo e amparo sendo, para êles, como para os filhos pequenos são os pais.

João Fernandes costumava contar-lhes a história da gente da sua terra, e como o Mueneputo conseguira, para todos os seus filhos, riquesa e fôrça.

«Ganhara a terra, primeiro, fazendo a guerra, e expulsando a gente que a tomara. Sôbre a terra, ganha, erguera fortalezas. Construira povos. Fizera lavras. Plantara florestas. Chamara *doutores,* de alheias terras, para ensinar aos filhos a maneira nova. E obrigara as suas gentes a pagar o impôsto.

— Sim! O imposto. Pois que julgavam? O Mueneputo obrigara os brancos a pagar o imposto. E os seus filhos tiveram de trabalhar para ganhar dinheiro. Muitos brancos não gostaram, claro.

— ¿Que maneira é essa de pagar imposto? diziam.

O Mueneputo defendia os seus filhos com os seus guerreiros e, nas guerras contra gentes de outras terras, vencia sempre. Uns davam as armas e os cavalos. Outros pagavam o imposto. Estes trabalhavam resmungando, contrariados, para que a terra lhes desse mais do que precisava a sua fome. A êsses o imposto parecia muito grande. — Assim mesmo! Mas os homens trabalharam sempre. Cada homem, conforme o seu geito ou conforme a família ou a terra, trabalhava à sua maneira. Um fazia lavras, outro ia à caça, outro fazia armas e enxadas, construia casas e canoas, tecia panos, fazia rêdes, preparava remédios...»

— *Ah!... Isso era bem!* — interrompiam os velhos mucuruntos.

«Mas o imposto parecia sempre grande. E o

trabalho crescia. Para tornar o imposto mais pequeno...

No trabalho o coração do branco ganhava fôrça. As lavras aumentavam, havia menos fome. Os brancos faziam panos que matavam o frio e os *quitôcos*, alegria do coração. Era com o trabalho que se compravam os *quitôcos* e os panos que matam o frio e são também alegria do coração.

Já o imposto parecia pequeno. Claro, alguns protestavam sempre... — Mangônha!... Mas eram os mesmos, e morriam mais cêdo, êstes...

Sôbre a terra do Mueneputo cresceram os gados.

O coração dos seus filhos, no trabalho, cresceu tanto que, depois de terem vencido guerras contra homens de terra alheia, vindos para os fazer escravos, construiram casas que andam no mar. — Vieram pelo mar dentro, foram a tôdas as terras!... Tôdas as terras, entendem? foram terras do Muene Puto. Tantas, tamanhas que o Muene-Puto deu algumas aos Muzungos, aos Malulos e até aos Bula-Matari... »

Um velho fêz uma pregunta que Calendende traduziu sorrindo.

« Não! Não viemos do fundo do mar. A nossa terra é para lá do mar, muito longe. Viemos por cima da água, nas casas que caminham, que aparecem ao longe, como viessem do

fundo, e sobem e crescem sôbre o mar. Muitas noites, muitas luas, dormimos nos caminhos de água, nos caminhos longos em que se não vê terra, só água e o céu, a água e as estrêlas... Dize-lhes assim mesmo!»

*

E João Fernandes mostrava, das revistas e *magazines* que incluira propositàdamente na sua bagagem, as casas, os navios, os automóveis, as fábricas, os combóios, explicando.

— Xé! Xé! Xé! Xé!...

Os homens entreolhavam-se, num espanto que durava momentos. Era tão fácil, afinal, a explicação de tanta maravilha! Ora! O branco tinha um *moquixi* que podia tudo... Assim mesmo! Não admirava nada!...

*

Entretanto Calendende continuava, traduzindo:

«— Caminhar na água, vir a correr pela terra fora? Era bom! Mas os brancos não estavam contentes. E tinham feito os carros que são como pássaros enormes, azas abertas, — vêde..., — que levam dentro homens, e sobem, correm, atravessam o céu! — Cumbi-Cumbi-á-zulo! — Olhai!...»

— Xé-Xé-Xé-Xé! — diziam baixo, num espanto.

« Ekuma... Foi o imposto que fêz o trabalho. O trabalho fêz a esperteza, foi o *moquixi* do branco! — Uriú-a?

Na vossa terra, no mato, nos rios está um n'quixi cheio de fôrça. Mas só o trabalho do homem agrada aos grandes chefes que morreram e estão à espera, na Mafinda, para voltar de novo trazendo o seu coração às gentes da sua raça. Ou para morrer de todo. Vocês sabem... Só o trabalho tira a fôrça à terra, dá, ao coração dos homens, o n'quixi da fôrça. *Uriú-a?* »

— *Uáua,* respondiam numa palavra as vozes de todos...

« — Trabalhar, ganhar dinheiro, ir ao mato, fabricar a borracha, colher café, fazer lavras grandes! E a cera? Então só o mel é dôce? O resto deita-se fora? O resto é o melhor! — Vender cera, fazer grandes bolos e levá-los ao branco!

— Trabalhar, ganhar dinheiro! O cartucho dorme, a pólvora não canta... (Para os porcos do mato que vos comem as lavras, para o veado, para a cabra do mato, entendem? o govêrno deixa comprar pólvora) O trabalho faz o imposto pequeno, dá esperto à cabeça dos homens, compra os cobertores, os panos, as roupas, para as mulheres e para as crianças... »

Alguem interrompia, rindo.

Calendende prosseguia:

—Qual? ¿Então a criança tem de andar nua até poder ganhar os seus próprios panos? Isso é maneira antiga, não é costume direito. No cacimbo não morre, com frio, tanta gente pequena? ¡Sim, panos para os filhos pequeninos!... Depois, nos terreiros de cada libata, nas festas grandes, ao redor da *sanda*, dansar, cantar nos batuques, durante tôda a noite! Os batuques também são precisos ao coração dos homens. — Entenderam?

— Nas casas do Govêrno, em cada casa, está um chefe vigiando, como um pai, o sono de cada aldeia, dizendo as palavras que hão de tornar cada vez maiores as lavras, cada vez mais fecundas as mulheres e, à doença, vencê-la com os remédios mais fortes dos brancos. Porque Muene Puto manda os seus *gangas* ver as terras. Os *gangas* que trazem as injecções da fôrça, os grandes remédios.

Ekuma... Há de crescer a terra, morrer menos gente, ser maior a alegria! Na sua casa grande o Butua-mutua, *'Ngua-Tata-Govulo,* — pensa nos seus filhos, vigia a terra, deseja, quere que tudo seja assim!

Nas reüniões maiores alguns interrompiam Calendende. Os velhos com uma invencível desconfiança. Os novos sorrindo ou ansiosos, olhos francos, em gestos animados, com palavras contentes.

— Boa maneira! *Ambota! Ambota!* Isso era bom!

E os velhos pensavam: — «Não! Sem descanso, sem parar nunca, vai crescer o imposto, e o branco do Govêrno tornar-se mais exigente. Estragará a cabeça dos *filhos* e a maneira antiga, os costumes que eram a fôrça da tribu. A cada lua, à medida que o branco vier, irá morrendo a fôrça entre os *filhos* da terra. ¿Então o branco vem de tão longe só para dizer palavras tão agradáveis? ¿Para que lhe serve a fôrça? ¡A fôrça é um bicho de muito comer! Não! ¡O branco só pode ser o flagelo, a doença da terra! E, com o branco na terra, os grandes chefes mortos, os que esperam na Mafinda, não podem voltar mais.

Era assim em tôdas as aldeias.

Avançava a noite. Esmoreciam as fogueiras. As estrêlas brilhavam, mais vivas, quando os homens se separavam. Nas cubatas, antes de adormecer, falavam ainda de rapaz tão novo que dizia palavras tão justas.

As mulheres, aconchegando os filhos ao seio, calavam-se, ouviam com um sorriso melancólico ou cheio de interêsse.

Só um velho feiticeiro remoia revoltas, em seu desgôsto.

João Fernandes, na sua tenda, velava, entre

dois pensamentos que no íntimo da sua sensibilidade se afagavam tocando-se.

O amor, divina fôrça invencível, resplendor, na sua alma, dum cósmico incêndio que desde as origens encanta, perpetua a vida e a dor...

E a alegria desta experiência que lhe tomava o coração e o espírito num virginal orgulho.

Sentado à pequenina mesa, à luz doce da vela, em frente dum retrato que sorria, sôbre uma folha branca, devoto, ansioso, saudoso, como tôdas as noites, começava:

« *Meu Amor:*

*

Quando adormeceu... — Silêncio lá fora... o monólogo apenas, entrecortado, voz de angústia e martírio que um resplendor maior consolava, alumiando, — o monólogo dos velhos troncos sob a mordedura das chamas...

... Quando adormeceu, sob as pálpebras semi-cerradas em que poisava o indefinível afago duma aurora ou dum beijo... o vulto de seu pai esvanecia-se na claridade primaveril dum outro vulto que era a vida, — mais vida! — e era também o Amor...

IX

GURIKA! GURIKA!

MANHÃ, cêdo.

Ainda o Sol não rompera a espessa névoa do cacimbo nos compridos vales onde, aconchegada e alva, adormecera. Húmidas, gotejantes de orvalho, brilhavam as folhas das árvores e o capim. Morriam as brasas das fogueiras, entre cinzas... Do silêncio da noite que se fôra, no ar frio, ficara uma branda serenidade.

— Sabia a primavera, a-pesar das brumas, a primavera e a princípio do mundo, a manhãzinha...

Diante da tenda em que o branco dormia, um homem esperava. Trazia o filho quási desnudo, aflito de uma tosse teimosa e violenta que lhe punha lágrimas nos olhos magoados.

João Fernandes, em mangas de camisa, seu quinino pronto, pediu o *mata-bicho*. Abrira a

tenda. O homem chamara um cipaio, falava, apontando o branco e o filhito doente. Mas o branco, duma pequena mala de ferro, tirava já medicamentos, algodão, um frasco de tintura...

Os carregadores entanguidos de frio, lentamente, procuravam as cargas. Saudavam:

— *Quiambota, fumo!*

A névoa do cacimbo demorava-se, prendia-se ainda nos vales mais fundos. A copa alta da *sanda* brilhava já, doirada pelo Sol.

E ainda o Sol não ia alto quando, ao fim duma longa e suave encosta, o rio apareceu, largo e lento, entre margens sossegadas e verdes.

Ao fundo, um povo entre lavras, numa dobra da margem.

Garotos nus vieram, primeiro, medrosos e silenciosos, mirando o branco, de longe, a um lado do caminho, entre o capim. Depois, ao primeiro sorriso, às primeiras palavras, — *Eh! Muana!... Uiza! Mindele macango!*[1] — passaram do espanto aos risos, do silêncio aos gritos, saltaram no caminho, seguiram cabriolando, gritaram canções festivas.

As mulheres, mais adiante, passado o primeiro espanto, levado no grito risonho e turbulento das

[1] Eh, pequeno! Anda cá! O branco é amigo!

crianças,—sorriram ao estrangeiro, saltando e dansando, entraram também na caravana, vieram com ela, correndo e parando, batendo palmas em bailados e gritos...

O soba Camalundo espera, em frente da libata, ao meio do caminho. Risonho e grave, em sua cadeira, entre os seus *mucuruntos*. A pele de gato bravo, insignia de chefe, desce da cintura sôbre o pano que lhe cobre as pernas. Veste um casaco kaki de soldado da Guerra Grande. Poisam-lhe aos pés uma grande cabaça de malavo fresco. Mais próximas, ao redor, crianças. Como fundo, entre a multidão e o céu azul, palmas tremendo.

O branco chega. Camalundo levanta-se. Saudam-se. — Abranda o tumulto. Cala-se a grande voz festiva. Crianças e mulheres olham os chefes, o branco e o da sua raça, com respeito. Um *mucurunto* alegre com nobre geito vasa, num grande copo de vidro grosso, a bebida branca e saborosa, — oferecendo-a ao que chega.

Camalundo, de pé, (dá a cadeira ao branco) numa voz afável, emquanto um moço traz, ageita outra cadeira, — diz apenas:

— Deves vir cansado! Senta-te. Deves ter sêde! — Bebe primeiro!

Um velho, aproximando-se, fala a Calendende.

— Sim, êste é o filho do Govulo, de Tata Govulo. Tem o seu coração.

— Nós sabemos... Os homens passam e os soldados no caminho... As bocas falam. A terra já conhece. O Govulo está longe mas nós sabemos que é o nosso Pai.

*

— Bebe primeiro! — insistia Camalundo.

João Fernandes sabe que a lei não permite a extracção da seiva da palmeira *Elaïs*. — Que o malavo é uma bebida pouco própria para serenar a sêde de um funcionário do Muene-Puto.

Camalundo, num invite, bebe. João Fernandes sorri e explica a sua recusa. Calendende traduz, e a sêde cresce-lhe na bôca e nos olhos cubiçosos.

Mas porque não quer ver tristes os seus amigos, (sabe que é do coração que vem a oferta), João Fernandes bebe um trago lento e saboreado que repete e alarga quando, interessadíssimo, Calendende lhe afirma não haver na terra palmeiras *Elaïs* e ser doutra palmeira o vinho branco, a seiva saborosa que figurou, (pensa João Fernandes, entre dois novos goles), nos banquetes de Salomão.

*

Meio dia. As nuvens esconderam o Sol. João Fernandes repousa à porta da sua tenda, a fumar cachimbo, a acarinhar crianças.

Ao redor, a distância, sentam-se mulheres. Algumas têm um filho sôbre o regaço, dão-lhes o seio fatigado ou túmido. Tôdas olham o branco, ou falam baixo, sorrindo. O branco é moço e belo. A mocidade enternece, por tôda a terra, todos os corações.

Chega um carregador retardatário. Uma mulher levanta-se, corre para êle, curva-se, ajoelha, quási lhe abraça o corpo pela cinta. É um amigo. É da família.

Largando o seio das mães, puxando as ripas de cabelo que, para os filhos brincarem, as mães não cortam ao lado das têmporas, — os bambinos pasmam, em silêncio, olhando o branco. Mas, mal o branco os fita, numa careta ou num sorriso, cada um, num pânico, esconde a cara aflita, grita um chôro desfeito. As mães afagam-nos, serenando-os. Depois os olhos das mães e os olhos do branco encontram-se. Os delas, como os de tôdas as mães, doloridos e doces e profundos...

Longe rola o trovão, para nascente, vem de nascente, despenha-se de nuvem para nuvem, na serrania de nuvens acasteladas no céu...

Meissôa, tocador de *quissambo*, ràpsodo ambulante, viera esperar o branco, juntara-se à caravana. O *quissambo* é uma lira de três cordas, grosseira e rude, posta sôbre uma caixa de resonância. Meissôa entende que o branco precisa

de cantor que o celebre de povo para povo e em cada povo do caminho.

Viera na frente da comitiva, acompanhando o branco cujos passos são largos:

Uiza, Uiza! Muana Govulo,[1]
Uenda muana Govulo...
Mindele muana ia Govulo...

E cantava as palavras do branco, as palavras de maneira nova, o elogio do trabalho, das novas culturas, das largas sementeiras:

Okussalanga quiambota.
Massa quiambota.
Losso quiambota.
Uiza muana Govulo! [2]

Agora, no acampamento, solene e grave, Meissôa que acabou de comer com um amigo, já refeito da marcha, — cabeça alta, sôbre o peito o *quissambo,* — vem ao meio dum grupo, pára adiante do branco, escolhe o terreno, ageita o pano e senta-se.

Pede água. Dessedenta a gorja, tosse, humedece as madeiras do *quissambo*, estica, torce as cordas vegetais da sua lira.

[1] Venham, venham! Aqui vai o filho do Governador. O branco filho do Governador!

[2] Trabalhar é bom. O milho é coisa boa — o arroz é bom! Aqui vai o filho do Governador!

E espera um sinal do branco. O branco sorri apenas.

Meissôa ataca o primeiro cântico: *Amutele* (a troca:)

«Dumba canzole leke amutele
«Baxi uenda cuà-cua,
«Cuissi ua caca.

— *Mana!* (Espera!) — Eh! Calendende!

Calendende, da cozinha próxima, prévia repetição da estrofe, traduzia, rindo:

— «Não quero dormir mais comtigo, ó rapariga! — Vai amanhã para a tua terra! Eu cá me arranjarei!» É o que êle diz...

Seimôa entretanto namorava o cachimbo do branco. A alguém que passava, e veio sentar-se junto dêle, pediu a graciosa esmola duma fumaça que gulosamente prolongou, descuidado.

Surdas, iguais, as cordas do *quissambo* soaram de novo. É outra a toada. Repetem se as palavras, prolongam-se as vogais sonoras que as terminam, exclamações, aïando, cortam os versos, animam a canção que fala do imposto, da pequena pasta ou carteira em que os homens guardam o dinheiro, as senhas ou as cadernetas do imposto.

«Sacambulo riê,
«Sacambulo riê,
«Sacambulo riê,
«Sacambulidi china macumia,

Aïà, à, aïà!
« Monobene mono bandula iambuta,
« Mocutuca dinga,
« Mocutuca quitari
« Monunguinda futa cu chefe...

Calendende, limpando um prato, vertia sem poética, tendênciosamente:

« Minha pasta, minha pasta vai-te embora, vai levar o meu dinheiro, os meus quarenta mil reis, ai ai, ai! — tanto dinheiro! — do imposto, paga-os, ao chefe. »

*

A trovoada afasta-se para longe. A chuva mal caiu, (são as primeiras chuvas) — mal caiu e foi-se.

O Sol desce num céu verde e oiro, malaquite e oiro, sôbre o horizonte cínzeo.

Ao fogo, um moço tempera a pele ressoante dum *gongo*.

Rufa, batendo as mãos ligeiras com frenesi na pele sonora. No terreiro, dentre as cubatas, surgem correndo os novos.

— *Eno! Dumba! Matoco! Eno! Uiza eno!*

— Eh vós! Raparigas! rapazes! Venham todos!

— Está o branco na aldeia, o amigo branco. — Dansar é bom! — Êle é alegre e moço, o filho do Govulo!

Daiáiá? Dá á á!... — gritam, riem, batendo as palmas, num riso musicado e alto, as raparigas. — *Daïáiá? Dá á á!*

Camalundo, (acabou de fazer a barba com uma gilete que lhe deu João Fernandes...), senta-se ao lado do branco, (põe um filho sôbre os joelhos...) — vê, interessadíssimo, as fotografias duma revista europeia, em que há submarinos e aviões.

Já os pés nus ferem, num rítmo sonoro, o terreiro liso. As moças dansam, semicerrando os olhos. — Elas ao centro da roda. À volta, êles, cercando-as, batendo as palmas, animando as mulheres...

A dansa anima-se, os corpos correm, agitam-se, estremecem... E os rapazes gritam, excitando-as, no rítmo apressado, curvados para elas, numa roda:

— *Gurika! Gurica!... Gurica!*

Elas, na cadência voluptuosa, no rítmo impassível:

— *Tchiá!... Tchiá!... Tchiá!... Tchiá!...*

*

Afagos de oiro na sombra doce da noite, (debandaram todos ..) dentro das casas esmorecem as pequenas fogueiras. — Lentamente, no céu, caminham as estrelas. Ferindo o silêncio, há bocado, rolou o ronco bruto dum cavalo marinho.

Depois o silêncio fêz-se maior.

X

A GUERRA DO MAFULO

Dia de repouso.

Vieram, de tarde, com ofertas, a *mirar* o branco e para saüdá-lo, os pequenos chefes da vizinhança. Vieram com as suas gentes e as crianças curiosas.

Entre êles, de raça diversa, grandes olhos vivos na face retinta, um colar de dentes de leão ao pescoço, cabelos à *Jinga,* porte fidalgo, modos confiados e fidalgos, — *Quimbunda-qui-assamba,* que passara o rio, fugitivo, e contou dum mau branco, perdição das terras de Cassamba. Êle tomara o caminho, dizia, que outros haviam já seguido, por onde todos os filhos de Cassamba viriam se aquela *maneira* continuasse e o Govulo das terras, além rio, lhes não acudisse castigando os maus. — Comia muitos bois, e vacas, e porcos, e cabritos, e cabras, e galinhas, o *branco* de Cassamba!...

João Fernandes ao meio dos pequenos sobas, com Calendende ao lado, indagou da terra e das

gentes, das colheitas, das doenças e das mortes. Contou como o Govulo, *Tata Govulo,* (1) o mandara às terras de além-rio para às gentes de além levar a *maneira nova,* o ensino e o exemplo que as fariam melhores.

— Isso é bom, diziam, pelo voz do mais velho, os circunstantes.

Estavam sentados, por terra, sôbre esteiras, ou nos pequenos bancos que um rapazinho trouxera, para cada sobeta. A assemblea tinha um ar bíblico, lembrava o tempo dos patriarcas.

Calendende repetiu longamente as palavras do branco, que sabia de cor. E terminou:

— *Uriué?*

— Sim! Todos entendiam e estavam de acôrdo.

Então um velho quis pôr uma questão impertinente ou fazer um pedido. Os outros impuzeram-lhe silêncio, ofendidos.

Quimbunda-qui-assamba, senhoril e severo, apertando o pano azul que lhe cobria as pernas, sob a pele de leopardo, disse numa desculpa:

— Amigo! A gente tem vergonha de aparecer à tua vista. Sem panos, mal vestida... Não repares. Estas terras são longe. A *maneira nova* começou há pouco ainda.

(1) Tata Govulo:—o Pai Governador.

Pango Quiteca, animado pelo silêncio aprovador e os olhos dos outros, falou tambem.

— Sim, disse. O tempo novo é bom tempo. O cartucho dorme, o Kapindi não torna a enganar o preto. Nosso coração está contente. — Tu vieste! Os *moquixi* do Kapindi não nos enganam mais. Queremos aprender o trabalho, aprender com o branco, ganhar dinheiro, fazer grandes lavras.

João Fernandes então quis ouvir a história da guerra, a vinda do branco às terras do Pombo, a construção das primeiras fortalezas, a guerra do Mafulo, os *moquixi* do Kapindi.

Calendende traduziu as palavras do branco.

Os sobetas, graves, entreolharam-se. Concertaram-se um voz baixa. ¿Poderiam êles, a êste branco, dizer todo o seu *coração?*

E *Pango Quiteca,* com o consenso de todos, (só os olhos e um invisível gesto unânime lhe disseram: — Dize tudo! Fala!) — começou assim:

*

O primeiro branco vindo às nossas terras chamava-se Gombe. Era negociante. Veio comprar borracha. Mais tarde chegou o Cabereu. A gente gostou dêles. Deram-nos bons conselhos.

Vieram depois os soldados do Muene-Puto, vieram e abriram buraco, fizeram fortaleza no Sangui. Atravessaram o Zádi no Quizulo, pas-

saram o Quicoxi, vieram ao Cuilo, passaram o Cuilo, já estavam nas terras do Pombo.

E ficaram a descansar no Lutongo.

Mavonda-anzango era o chefe branco no Lutongo. Zulomongo, do Sanza, mandou o filho saüdar o branco, levar-lhe cabras e outros presentes. Mavonda-anzango não quis recebê-lo. «Êle era pequeno ainda, não tinha bôca nem coração para falar ao chefe branco...» Que o filho de Zulomongo, (disse), voltasse à terra e trouxesse dois bois para os soldados.

O rapaz voltou, trouxe dois bois ao Lutongo, para os soldados, recebeu panos e sal e tabaco, regressou de novo à sua aldeia para chamar gente, os sobas e as gentes, do Sanza, de Mococola, do Cauále, de tôda a parte, para vir ao Lutongo e saüdarem os brancos.

Veio muita gente ao Lutongo. Trouxeram carneiros, galinhas, cabras, um porco. O branco deu-lhes panos. Mas os soldados sairam, foram ao Mongo Vunga e roubaram a criação.

Então o Capitão muito gordo que estava com Mavonda-Anzango,—foi ao Mongo-Vunda. A gente da terra veio ao Mongo-Vunda. E o capitão disse-lhes: — Todos vão receber a senha do imposto!

— Como pode ser? responderam. Branco chegou agora mesmo, não fêz buraco na terra, não descansou da viagem, o preto não conhece o branco, e o preto vai já, já, pagar imposto? — Então como pode ser?

— Malandros! disse o capitão, muito zangado.

O preto lembrou então, (já era noite, *kufuco*), seria melhor voltarem todos no dia seguinte, para conversarem mais.

Mas, durante a noite, o capitão gordo mandou tocar a corneta. Os soldados juntaram-se. Quando o povo estava dormindo, as peças do branco deram fogo.

— Turum-Turum-rum... Oh! oh!...

A bala grande caíu no povo. Os soldados vieram, era sempre noite, vieram, tu, tu, tu, tu... o soba fugiu, toda a gente fugiu!

Mal o dia nasceu, *ximene mene,* foram os povos juntar-se na mata do Lucélua. Outros vieram para o Sanza.

Oh! — Branco fizera tiros? Então? — O preto ia fazer tiros também!

Estava o branco no Mongo Vunga. Não fizera buraco ainda. A gente veio. Deu tiros. Daí a bocado tudo acabou. O branco voltou para o Lutongo, abriu buraco, fêz a fortaleza no Lutongo Nenhum preto, porém, foi ajudá-lo ou lhe levou um pau.

Kussoquele... Ainda não assentara bem...

Veio, depois, o capitão Kimalembo para o Lutongo. O soba Zulomongo estava no Povo Quissala. E um dia, muito cêdo, sòzinho, Kamelembo foi ao povo de Quissala e disse a Zulomongo.

— O Govulo mandou aqui gente apenas para ensinar-vos. O outro branco deu tiros, fêz a guerra? Eu quero ir para o Sanza, não darei um tiro, quero que o preto fique esperto, ganhe dinheiro e, só depois, pague imposto ao Govêrno.

Malembo era um bom branco. Mas a gente tinha vergonha, vergonha ou mêdo. Não podia aparecer. Malembo disse: — O preto não pode ter mêdo! — Zulomongo trouxe um cartucho, Malembo outro cartucho, e fizeram uma cova na terra.

— Aqui, disse Zulomongo, metendo o cartucho na cova, aqui morre o meu *coração* com êste cartucho, se eu der um tiro ao branco!

E Malembo disse:

— Aqui deixo êste cartucho que será o da minha morte se eu fizer fogo sôbre o preto!

E Zulomongo mandou um rapaz, Mambata outro, Panda Menanga outro ainda, para os lados do Sanza, a olhar a terra, a escolher um lugar bom para fortaleza do branco.

Malembo fêz a fortalêza sôbre o rio Sanza. Chamou os brancos que estavam no Lutongo. Veio um tenente. Depois Malembo foi-se embora. O tenente era bom. Mandou fazer quitanda, ganhar dinheiro. Só dizia: — Lavras grandes! trabalhar! ganhar dinheiro! Eu só posso fazer bem!

E toda a gente andava contente.

Passaram duas luas *(gondezole)*. O tenente Lima chamou Zulomongo. Disse-lhe: — « Olha: — manda os teus filhos *fazer* borracha, muita borracha, para a venderes na Damba, (Sangui) ». Zulomongo chamou os filhos. Foram para o mato. Fizeram muita borracha. O tenente Lima acompanhou Zulomongo e os seus filhos à Damba. Trouxeram panos, enxadas, cobertores, quitocos. Era tudo bom!

— O tempo do Mafulo vem longe, muito longe ainda!

Da Damba, chegou outro capitão. Já tôda a gente pagava imposto, vendia luco, porcos, bois, cabras, na quitanda do Sanza. Cada homem pagava pela sua casa. Cinco cubatas, cinco senhas. Assim mesmo!

Um branco de olhos doentes fêz mal a Cambunga-Sanga, que foi queixar-se à fortaleza. O capitão mandou o branco para Maquela. Era vergonha tê-lo aqui. *Uelé!* Foi-se o branco mau.

E o capitão quis mudar a fortaleza para onde está hoje, para junto da Sanda. Estava bem. Veio gente dos povos, ajudou a fazer a fortaleza nova. Então o branco mandou fazer outra fortaleza no Cacuso. Os soldados encontraram, no caminho, a gente de Uamba que vinha ao Sanza, cumprimentar o branco, trazer presentes, conversar.

— Voltem, disse-lhes o branco que ia no caminho, — voltem para a sua terra!

E falava zangado. Êles voltaram, com os presentes, para as suas terras.

— *A construção do forte de Cacuso é o tempo de Mafulo que começa a vir.*

Assim mesmo! Não eram bons os brancos que iam para o Cacuso. Quitenga-qui-a-lata, malandro, e Malôlo, irmão dêle... Quando chegaram ao povo Quimbunda-Malungo disseram ao soba trouxesse uma corda para o enforcarem. Êle estava ali, com a sua gente, com presentes para saùdar o branco.

— Porquê!? preguntou espantado.

— *A tu zeia...* Ninguém sabia. Malungo não fizera mal.

Os soldados mataram gente, amarraram mulheres. Depois queimaram as aldeias de Quimbunda-Malumgo, de Panga-Muginga e outras.

Os filhos do Sanza, quando tal souberam, disseram: — Oh! Então preto enterrou a pólvora, com o capitão Malembo, — e estes brancos dão tiro e fazem assim!

Muitos povos fugiram. E os soldados do govêrno seguiram de Cacuso para diante.

No povo de Quimunanga, no Cauale, fizeram fogo, mataram o sobeta Mamunanga. Dormiram lá e, no dia seguinte, chegaram ao povo Quim-

bungo Futila que estava sem ninguém. Perto andava o comerciante *Muchito-andundo*. A rapariga do *Muchito-andundo* foi chamar a gente escondida no mato. A gente voltou ao povo. Ali dormiram os soldados. Não fizeram mal a ninguém. Chamaram gente, pelo *mondo,* de noite. No outro dia, a gente veio e recebeu as senhas do imposto. Nessa tarde os soldados dormiram no meu povo. De lá foram ao sítio onde o rio Cugo se junta ao rio Canale. E ali se fêz outra fortaleza.

— No tempo do Mafulo havia a fortaleza do Sanza, do Cacuso, do Cauale, do Mococola e do Cugo Cauale.

Para o Cauale, perto do soba Marinda, foi o tenente Mucanda-Kumbo. O capitão gordo, acompanhado pelo filho de Zulomongo, Macoxi-Bunga, seu amigo, para Camabatela.

E veio um outro capitão para o Sanza.

Pedia muitos carregadores. Os soldados iam buscar reparigas aos povos. E amarrar carregadores. Porque os carregadores não vieram depressa, no povo Quimutári um soldado disse: «Malandros!... Vocês são malandros!» E bateu nas mulheres, e as mulheres bateram-lhe. O *fumo-ia-bata* deu os carregadores. Estes foram para Maquela. De noite, na fortaleza, o capitão juntou os soldados, foi ao povo Quimutári e queimou-o. Capanzo-qui-muévo morreu de um tiro.

A gente do povo também deu tiros. Morreram dois soldados do Govêrno.

Os outros povos ouviram, cheios de mêdo, os tiros no povo Quimutári.

Zulomongo veio à fortaleza, e disse:

— Capitão! Porque foram estes tiros no povo?

O capitão, de mau modo, respondeu-lhe:

— Não tens nada com isso!

Foi assim que chegou o tempo do Mafulo, — ó branco!

*

Capindi era um sobeta do Quipinda. Fêz *n'quixi* e, um dia, foi ao rio Lucória, trouxe de lá pedras, embrulhou-as em panos, disse que eram dinheiro e pólvora... No Lucória, o Mafulo, com as suas grandes barbas escorrendo água, erguera a cabeça de sob a água, falara-lhe, dizia.

— « Então o branco pediu carregadores, o povo deu carregadores, êles foram para Maquela e o povo é queimado e morre gente? — Não está direito! Se vocês querem obedecer ao branco, ser moleques do branco, dar carregadores, pagar imposto, matar a terra, isso é da vossa conta. Mas vós não podeis ter medo do branco. Se quizerdes nada vos faltará. Nem pólvora, nem armas, nem facas, nem sal!...»

Então Capindi começou a falar em nome do Mafulo que tinha grandes barbas e vivia na água

do Lucôria. Foi a um povo, a outro, juntou os velhos, falou a todos. — « Que matassem os bois brancos, os porcos, as cabras, as galinhas, tôda a criação de côr branca. Cada homem que usasse pano devia lançá-lo em certo sítio, na margem do Lucória, passando a usar mabela. — Nada do branco podia ser bom! »

Os homens lançaram os seus panos e os da família no rio Lucória. Capindi recolhia-os. E eram um monte grande. Quiz fazer uma casa, (para o Mafulo, dizia) — junto do rio. Os povos, porém, recusaram-se. Pediram pólvora e espingardas. Capindi disse-lhes: — « *Esperem primeiro.* »

Zulomongo, chamado por Capindi, mandou dizer-lhe:

— Não! Não quero!

E com o filho, Macoxi Bunga, (tu conhece-lo, ó fumu, êle acompanhou-te, nós sabemos, até ao rio Uamba,) — Zulomongo veio, de noite, ao Sanza, bateu na janela do quarto do capitão:

— Capitão! Capitão! Não durmas! Vem cá para fora! Abre os olhos! Vigia! — O *n'quixi Mafulo* vai fazer-te guerra!

Então o capitão e Malolo desconfiados, disseram que o mandariam enforcar, a êle, Zulomongo!

— O quê? Xé-Xé-Xé-Xé!!! Então eu venho avisar-te e tenho de arranjar a *moxinga* (corda) da minha morte?!

Foram-se pai e filho. Nos povos ninguém dormia. Zulomongo teve medo. E porque o branco dormia, sem olhos para ver a terra, mandou dois rapazes ao Capindi para trazerem pólvora.

Capindi respondeu-lhes: — Não!

Matou uma cabra, deu carne aos dois rapazes, recomendou dissessem a Zulomongo que *dormisse* três dias e viesse falar-lhe.

Zulomongo disse aos rapazes: — « Vou pensar três dias. »

E dormiu duas noites. Ao terceiro dia mandou o filho mirar a fortaleza, ver, no Sanza, a quitanda. Não viera ninguém. O capitão *dormia*. No dia seguinte dirigiu-se ao povo de Capindi.

No caminho, já perto, ouviu tiros. Voltou para o seu povo. Soube que o branco do Cauale mandara soldados para prenderem o Capindi. Os soldados haviam sido mortos. Êles tinham dito ao Capindi: « Anda comnosco à fortaleza. Traz o dinheiro do imposto. » Capindi respondera: « Esperem. Descansem primeiro. Entrem na minha casa. » Os soldados não quizeram entrar. E esperavam, ao sol.

Então vieram quatro homens. Cada um disse:

— Vem comigo, anda comer, amigo!

— Vem, amigo, entra na minha casa!

— Tenho malavo e tu tens sêde. Vem!

— Anda! Vem descansar, comer, fumar comigo!

E os soldados foram cada um para a sua cubata. Mataram-nos lá dentro.

Na fortaleza do Sanza o capitão *dormia*. Então a gente dos povos veio ao Sanza e roubou o gado da fortaleza. Começou a guerra. Arderam as casas dos comerciantes. Depois parou tudo. Tudo ficou à espera... E o branco começou a vir de tôda a parte, trouxe muita fôrça, as peças, as espingardas grandes. Tu-tu-tu-tu !... Morreu muita gente! Como a areia! Os povos fugiram. Os pequeninos eram abandonados. Morria-se de fome nas matas. De noite as matas choravam, ó branco!

Então viram todos a mentira de Capindi. Um homem foi à fortaleza, falar ao capitão. Depois, numa *fundaçâo,* juntaram-se no Sanza todos os sobas. Capindi foi preso. Quando o levavam para Maquela morreu nas terras do Quicochi.

Foi assim. Assim mesmo.

Tôda a gente era bruta, não sabia nada. O preto era muito criança ainda e o Capindi esperto e mau. O capitão *dormia* muito... *Quem é pai não dorme.* Morreu muita gente com fome... Como a areia!... Assim!

Quimbuco foi o primeiro que apareceu na fortaleza para fazer a paz.

O cronista calou-se. O silêncio de todos aprovava, dizia:

— Assim mesmo!

XI

ALÉM-RIO

Um pôsto. O último. Em baixo, em largas curvas plácidas, cansadas, deslizava o rio. A nossa ocupação findava por ali. Aquele pôsto era o cabo do mundo.

João Fernandes, preso de febres, descansou dois dias. Passara uma semana quási vencido pela doença; descera, num velho dongo, o rio interminável, com dias de calor ardente, sem sombras, noites de insónia e febre em que o seu optimismo se ia quebrando vencido pelo mal.

Certa manhã de primavera, esmeraldina e fresca, desceu ao rio, atravessou-o, entrou nas *suas terras*.

Largo, lento, sonâmbulo, o rio separava duas margens diversas, ondulada e arborizada a esquerda, a outra baixa e nua, insensivelmente erguendo-se numa extensa planície sem árvores em que, de longe em longe, um regato ou pântanos

punham um traço verde, a mancha verde sombria de mais viva vegetação.

Nem uma aldeia à vista... O céu vasto, cada vez maior, sôbre a terra mais nua.

Ia o sol alto e queimava quando, passado o rio, a marcha recomeçou.

*

Aquela solidão magoava, e o aspecto da terra.

Os dias de sol ardente que lhe haviam tisnado a pele, e as febres, tinham-no ali quebrado de fadiga, naquele fim de tarde, ao erguer do pequeno acampamento, ao meio da planície nua, perto dum pântano em que a água dormia na sombra espessa dos papiros e palmeiras-bordão.

João Fernandes deitara-se. À porta da tenda, vigiando o lume, Calendende, enfermeiro, demorava-se.

— *Cátula miango!* Pouco barulho! — recomendou aos carregadores. — O branco está doente. Falem devagarinho...

Dois homens que tinham saído à descoberta regressavam. Ninguém! Para aquela banda, para lá do mochito, numa dobra da terra, havia um pequeno povo. Mas estava deserto e as cinsas, dentro das cubatas em ruína, quentes ainda. Apenas tinham avistado um homem fugitivo. Em vão, porém, chamaram por êle, gritando, prometendo paz, explicando para que vinha o branco.

— Bichos do mato! — diziam os cipaios.

Caía a tarde, veio a noite triste e silenciosa.

As horas passaram. Na pequena tenda, numa grande fadiga, a cabeça oirada pelas febres vencidas, — João Fernandes procurava as razões duma indestrutível esperança. E vinha-lhe um desânimo dorido, triste como o crepúsculo e a noite solitária.

Mal dormiu. Calendende velou até de madrugada.

E, ainda o Sol não rompera, João Fernandes mandou preparar a marcha. Sentara-se à porta da tenda, a refazer-se na frescura do ar turvado pelo hálito frio, pelas névoas paradas do pântano adormecido. Um pequeno sobeta da outra margem atravessara o rio, trouxera um pequeno presente, e um filho pela mão. Do *mata-bicho* que lhe trouxeram o branco distribuiu por êles a carne fria em que mal tocara e o pão loiro, por suas mãos servindo a criança ávida, curiosa da comida dos brancos.

O velho sobeta chorava e ria, estúpido e enternecido, batendo as mãos. Depois falou aos outros, com doçura:

— Que diz êle? — preguntou João Fernandes.

— Diz que é verdade seres filho de Tata Govulo. Não podes comer sem dar aos filhos pequeninos.

E a pequena caravana, de novo, largou. Em marcha, tendo-se atrazado ao passar sòsinho uma

pequena mata, João Fernandes sentiu, de súbito, um ruído estranho no capim mais alto. Uma fera? Então dois vultos surgiram ao meio do mato, olhos pávidos, gestos precipitados. Uma espingarda, o ruído sêco do cão batendo em falso a pederneira. Ao seu lado, ferindo o capim, veio cravar-se uma azagaia.

Isto durou momentos. Foi logo a fuga. Quebrar de ramos... Depois mais nada.

João Fernandes alcançou a pequena caravana. Não disse palavra aos seus homens. À noite, recomendou vigilância, velou êle próprio até romper o dia.

Por fim chegaram. O local indicado para a montagem do pôsto, à falta de guias, difícil lhe seria precisá-lo, — tão vagas eram as instruções recebidas. Após três reconhecimentos através da terra deserta, João Fernandes resolveu fixar-se no *plateau* sobranceiro à confluência dos dois maiores rios da região. Árvores raras, capim baixo, descendo com a encosta, animando-se de verdura e sombra à medida que a água era mais próxima. Dum lado, abandono, miséria. Para lá do rio maior que ali era fronteira, para leste, em território estranho, emergindo por entre tufos de vegetação bravia, via-se o tecto de capim duma casa em ruínas. Palmeiras, bananeiras, mamoeiros, afogados em capim, mal desenhavam, no tumulto da en-

costa, uma antiga avenida descendo à água. Escondidos sob o arvoredo, na sombra da margem oposta, dois velhos dongos.

O rio deslizava largo e plácido, entre bancos de areia, no silêncio do vale. Para o norte, no indistinto horizonte, na margem portuguesa, esfumavam-se terras pouco altas que deviam ser espessas de florestas, pelo contraste da sua côr sômbria com a savana dourada, monótona, que lhe corria aos pés.

João Fernandes mandou construir o seu acampamento numa ligeira ondulação de terreno que mal quebrava a chã planura naquele arredor. A menos de trezentos metros, dum mochito verde, nascia um regato. Boa água, fresca e saborosa. Os carregadores abriram, capinando, um pequeno caminho direito à água. Outros, erguida a tenda, construíram de paus e capim a arrecadação do branco, o chimbeque para a cozinha, um pequeno alpendre sôbre a tenda e as cubatas para os cipaios.

Viv'alma. Um dos carregadores, vencendo o receio dos companheiros, prestara-se a partir à descoberta, de manhãzinha. Conhecia a terra, atravessara-a uma vez a caminho do Sul, parentes seus tinham, por várias vezes, passado o rio, mantendo relações com povos desta margem. Coxi partira risonho, desarmado, levando a fuba de dois dias, uma cabaça com água e o presente que lhe dera o branco para o primeiro que quisesse acompanhá-lo ao acampamento.

Meio dia. A terra, sob o Sol a prumo, afogava. O hálito da terra era vapor ardente, tremulina de fogo, causava miragens. E a febre prostrou de novo João Fernandes. No silêncio do acampamento, na tenda que ardia, o moço delirava. Calendende vigiava desvelando-se e, da porta da tenda, percorria com os olhos o horizonte para as bandas do Sul. Êle aprendera a maneira, tinha o *coração* do branco. Era pelo branco, dizia, que mirava a terra, vigiando...

Com o crepúsculo rápido e a frescura da tarde, acalmou a febre A noite abria-se, rosa de veludo e imensa, enchendo o céu... Rubores de poente, sob esmeraldinos desmaios, esmoreceram ao avançar das estrêlas. Brilhou o Cruzeiro. A lua, enorme, afogueada do caminho corrido ou da anciedade que a trazia, — saltou, subiu, sôbre o horizonte. Via-se caminhar no céu.

E o luar inundou o céu como um lago de ópalas em que, meio submersas, vagueassem estrêlas melindradas.

Longe, a última queimada riscava o escuro da terra, em contraste com a enternecida luminosidade do céu. Era o silêncio uma formosa adormecida, num encanto. Por momentos dir-se-ia sentir-se, vinda na aragem suave, das bandas do Sul, a voz longínqua, sonâmbula, duma queda. Percebia-se, vinha como um aroma, mais que real,

suspeita... — Era um espetro de voz, a miragem dum canto, a sombra duma luta... E talvez fôsse música de luar sòmente, do luar vagueando nas planícies do céu.

Sentado diante da tenda, quebradíssimo o corpo, a cabeça oirada ainda pela alta febre sofrida, — João Fernandes era uma pequena coisa no afago da noite, da brisa, do luar. Sua sensibilidade, ao ritmo de inefáveis e remotas melodias, no embalo envolvente da hora, desdobrava-se, floria em íntimas descobertas, na suavíssima volúpia duma segunda vida, sem tumultos de sangue, sombras de pensamento, rebates de orgulho ou sensações escravas... Esgotamento, fadiga esvaneciam-se, consoladas, na volúpia da noite.

Seu corpo, na quebreira em que estava, na placidez suavíssima, passara para lá dum largo rio rolando, entre margens adormecidas, águas de esquecimento. O mistério nocturno, o céu e o silêncio eram como nos dias primitivos, anteriores às violências e às ilusões dos homens.

Seus olhos perdiam-se, extasiados, no céu de ópala, no luar de leite, no silêncio divino... Todo o seu corpo transfigurado, a sua vida tôda, estava no extase dos seus olhos.

Baixinho, à roda das fogueiras, falavam, mal se ouviam, os carregadores. O luar subia. No céu, na esteira do luar, naufragavam estrêlas...

Uivou um chacal vagabundo, ao longe, pondo um calafrio na vastidão. Depois, lento e doloroso, da nascente ergueu-se um chôro, num crescendo, lastimoso, ao mesmo tempo próximo e longínquo, modelado ao sabor dum vento que o levava, éco fantasma... Uma voz apostrofou a noite. Um espectro de voz. João Fernandes puzera-se de pé. Um calafrio percorrera-o todo. Calendende, ao seu lado, em voz surda, explicava:

— É um *quissimbi, fumo*.

— O que diz êle?

— Fala. Diz que a terra tem medo, Senhor! Que tu és a morte da terra! Que a terra é dêles! Que passes outra vez o rio!

Ao lado, em grupo, os cipaios entreolhavam-se, mudos e receosos, sob a garra de misteriosas presenças. A voz calou-se. A noite fêz-se mais vasta, mais dramática, mais profunda. Sôbre as coisas pesou como um preságio.

*

Trémulo, vacilando sôbre as pernas magríssimas e nuas, trouxeram o velho à presença de João Fernandes. Pele e ossos, a pele encarquilhada, às rugas, um olhar inimigo, a cabeça branca, uma bôca sem dentes, uma expressão impassível. Ao pescoço um colar de conchas, pequenos chifres enegrecidos, caurís que tinham sido di-

nheiro. Da cinta, único vestuário, pendia a pele, surrada e suja, dum leopardo.

E não dizia palavra, impenetrável, inimigo, nem receoso da morte, nem amante da vida, parecia. Os olhos revelavam terror sagrado, fixos de espanto.

João Fernandes mandou-o pôr junto do fogo. Calendende, para tranqüilizá-lo, tentou êle aceitasse o luco da sua ração.

O velho aconchegara-se à fogueira, repelindo a manta que Calendende, por ordem de João Fernandes, lhe lançara aos ombros. Com o olhar dorido de gula, via as bolas de luco, afeiçoadas pelos dedos que Calendende mergulhava na pequena tigela cheia de môlho e peixe antes de, num geito rápido, as fazer desaparecer na bôca satisfeita.

— *Tâmbula mària!*

Silencioso, tantalizado, o velho continuava impenetrável.

— Bicho do mato, disse Calendende, em voz alta, em português.

João Fernandes recomendara vigilância durante a noite. E mandou deixassem, junto do velho, ao pé da fogueira, a manta e comida, tabaco e um cachimbo gentílico. Se o homem não emmudecera, êle falaria, veríamos, na manhã seguinte.

*

Tinham-no surpreendido, ao fim da tarde, lançando à água, no pequeno charco da nascente, cascas trituradas, resíduos de cascas duma árvore desconhecida. Calendende gritou devia ser veneno. Violentamente o velho fôra trazido à presença de João Fernandes que o interrogara. E nem uma palavra conseguiram arrancar-lhe.

João Fernandes supunha-o um feiticeiro, velho chefe ou doido. Dominara a sua impaciência e a dos companheiros indígenas, receosos os cipaios, e até Calendende, dos *moquixis* do velho...

Já noite, uma sentinela enxergou vultos e deu o alarme. Alguém viera rastejando até próximo do acampamento. O velho lançara palavras incompreensíveis. Depois, sôbre o mochito da nascente, ergueu-se de novo um longo chôro, mais doloroso e angustiado que o da passada noite, sem acusações nem ameaças agora... Pranto de funeral tão arrastado, tão magoado, que o luar prestes a romper, de surpreza e dorido, suspendeu-se, esperou...

João Fernandes não dormia ainda. Saíu da tenda, veio ao chimbeque da cozinha, junto ao qual o criado, de pé, pasmava, escutando...

— Dize-lhes, Calendende: dize-lhes, de-vagar: Que êles oiçam bem e entendam. Dize: O branco do Govêrno vem trazer-lhes uma boa maneira! Que não tenham mêdo, que regressem aos povos,

venham falar comigo... O Governo não quere fazer-lhes guerra. Venham êles enterrar, comigo, a pólvora, ouvir o coração do branco sem receio!

— *Uêno! Uriúa?*

As palavras soaram, prolongaram-se na imensidão bárbara, no espanto da noite.

Suspendeu-se o chôro. E o luar rompeu.

— *Uêno!* Entenderam? — Porque tendes mêdo? Quem vos disse que o filho do Govulo traz a fôrça que mata ou faz *malandra?* O branco passou por tôda a parte. As crianças e as mulheres, todos, — vieram esperá-lo à frente das aldeias. De noite, ao redor das fogueiras, sobas e mucuruntos das libatas conversaram, fumaram com o branco que tudo conhece, como um pai. — Porque tendes mêdo?

Calendende falara. Calou-se.

Então viram erguer-se o velho prisioneiro, projectar-se o seu vulto, mais alto que as chamas, no céu azul-pérola do luar crescente. Um cipaio agarrou-lhe o braço esquálido.

Êle ia de-certo erguer a voz, tão ardente era o olhar de desespêro com que fitava o mochito. Mas não soltou o grito que lhe levaria a vida, tamanho pareceu o esfôrço para erguer a voz. Surdamente, murmurou palavras ininteligíveis.

— O que diz êle?

— Senhor, não conheço.

— Grita-lhes que o velho está comigo, aqui, à

espera dos que hão de vir falar-me. Que não tenham mêdo!

Do mochito subiu um murmúrio, sombras de vozes, num éco pálido. O velho fitava o branco num espanto. Depois foi a noite silenciosa, as chamas, o mistério...

*

Já o sol dissolvera o cacimbo e bebia os últimos fios de névoa no fundo dos vales. Em tôda a roda do horizonte, nada, ninguém.

De madrugada, ao romper da manhã, o velho, emfim, comera. Fumava agora, mudo e cerrado, olhando as brazas moribundas. Ergueu a cabeça e fitou o horizonte, correu a terra, para nascente, com o olhar...

Calendende, baixando a voz, falou a João Fernandes. Avisou os cipaios. O branco não os queria presentes, com a vista dos cofiós vermelhos e das armas, ao receber os embaixadores da terra, se êles viessem.

Mas ao cabo dos cipaios recomendou, porém, ficassem escondidos na cubata das cargas, com as armas carregadas, à mão.

— Bichos do mato!, dizia em português, a mêdo... Era preciso ter cuidado... Uma vez, no Evale...

João Fernandes, inquieto, observava o caminho,

para nascente... Um cipaio deu sinal de gente que vinha...

Eram dois homens e uma criança. Igualmente miseráveis, esqueléticos, osso e pele, tremendo. Numa *moamba* traziam peixe e cabaças de malavo. O presente para o branco, talvez...

O velho quizera ir esperá-los ao sopé do pequeno outeiro. Vendo-o, êles hesitaram num tremor profundo.

— *Uiza! Onga kato! Mindele Macango!* — gritou João Fernandes.

Em volta, sôbre o chão capinado, estavam os seus carregadores. Medrosamente, os homens avançaram.

Olhavam à roda com pávida desconfiança, num espanto. ¿Onde se escondiam os soldados? E não se atreviam a encarar o branco silencioso.

Calendende estava junto de João Fernandes. Um carregador em voz surda, imperativo, disse algumas palavras. Então os dois homens e a criança, precipitadamente, cairam por terra, roçaram o peito na terra e as faces, batendo as mãos... Tremia-lhes o corpo como agitado pelo frio.

Depois, lentamente, soergueram os bustos, ficaram por terra, ajoelhados, sem dizer palavra. Ao lado veio sentar-se o velho feiticeiro.

— *Quiambota!* saudou João Fernandes. Dize-

-lhes, ó Calendende, que o meu pai, Govulo, filho de Muene Puto, não me mandou a esta terra para lhes roubar as vidas ou queimar as cubatas. Que não vim para os levar para longe, nem entregar-lhes, já, as senhas do imposto. Venho ver a terra. Conhecê-los. Viver com êles. Ensinar-lhes a maneira nova.

— Dize: De todas as terras do Tata Govulo esta é mais atrazada, aquela em que os seus filhos têm os olhos mais fechados, — medrosos, fugitivos, morrendo à fome, sem lavras, sem panos, sem luco, sem enxadas, sem nada. Pregunta-lhes: — ¿São os filhos desta terra irmãos dos macacos? ¿Pois o coração dêles não é igual ao coração dos outros homens?

¿Terras do Ambassi, do Luvo, da Canda, do Bembe, do Sangui, da Quicama, do Quicochi, do Puri, do Pombo, do Cambambi, não são terras como estas? ¿A êles, os filhos desta terra, não foi Zambi Ampungo que os fêz, como aos outros?

— Dize: O Govulo, Tata Govulo, mandou ver a terra. Eu trago os olhos e o coração do Govulo para ver a terra, para falar aos seus filhos.

Êle, dize-lhes isto bem, ó Calendende! quere que a gente pequena cresça e ganhe fôrça, que as lavras cresçam mais do que os porcos do mato, e os homens ganhem dinheiro, não morram nas matas, tenham panos para os dias de festa, para os funerais e para as noites do cacimbo, as noites frias que matam os pequeninos...

Então como pode ser? ¿Então na terra do Govulo há homens que não fazem aldeias e se escondem nos matos à beira dos rios, e fogem dos brancos ou lhes atiram azagaias no caminho, aos brancos do Muene Puto, filhos de Tata Govulo? Como pode ser?

Eu venho ver a terra, fazer casa, viver convosco. Não vos trago senhas de imposto. (Dize-lhes isto mesmo!...) ¿Pois havia de trazer senhas quando vocês ainda não sabem ganhar dinheiro?

— Trago sementes e enxadas para as vossas mulheres. Trago panos para os vossos filhos pequenos, — e o remédio forte que mata as doenças, o que morde no braço e não deixa morrer o coração dum homem!

— Venho viver convosco. Ensinar a maneira direita. (Dize-lhes isto!)

— Espingardas? Sim. Trago espingardas.

— Soldados? Sim. Trago soldados. Trago a pólvora, as armas que matam longe, os soldados que levam as armas a tôda a parte.

Mas as espingardas também servem para as grandes caçadas, para matar os porcos bravos que não deixam crescer as lavras em volta das aldeias e fazem, na terra, a fome dos homens.

Pregunta-lhes: — ¿Onde ouviram êles os tiros do branco? ¿Quem lhes disse que êle trazia a guerra? Quando a espingarda não deu fogo e a azagaia do preto se veio espetar ao lado do meu corpo, a pólvora podia falar. E eu não deixei fa-

ar a pólvora! Não era tempo. O meu pai, Govulo, só deixa falar a pólvora depois das crianças terem entendido. Vocês são crianças pequenas.

Repetidas vezes, imaginoso, explícito de gestos, acompanhando as palavras de tregeitos e palmas, sugestivo, entusiástico, vibrante ou cavo, — Calendende falou.

— *Uríùa?* concluiu por fim.

— *Uuáua*, responderam os dois homens, como duas crianças.

— Já disse tudo, patrão!

Os homens, por terra, batiam palmas, com o mesmo receio. A criança, àvidamente, roía uma raiz de mandioca que lhe dera um carregador.

— Então? Falem! — intimou Calendende.

O mais velho ergueu mais o busto, estendeu os braços, com as palmas das mãos unidas, para João Fernandes. Falou, a mêdo, com uma voz trémula, mal distinta.

— Êles ouviram, traduziu Calendende. Ouviram. Mas o coração dêles não pode entender o *coração* do branco. O mêdo é escuro, patrão. Faz noite. Êles não sabem. Dizem que o filho pequeno, quando faz asneira, vê sempre erguido no ar o pau com que o pai há de bater-lhe. Êle diz isto mesmo.

— O branco é novo e sabe tudo, continuou.

A êste, — e apontava o velho prisioneiro, — a êste é que tu deves falar. É o mais velho e sabe. É o pai e a mãe das gentes desta terra.

A um gesto, a um olhar do velho, os carregadores afastaram-se murmurando. Os dois recém-vindos afastaram-se também. Ficaram os três homens. De nascente, subia o Sol.

E o velho falou, voltado para Calendende.

— Dize ao branco: Ouvi as palavras da sua bôca. Está bem! Já encontrei as minhas palavras. A minha bôca já pode falar. Está bem!

— ¿Êle não traz a guerra, não vem matar a terra, amarrar as gentes? Está bem! ¿Vem ensinar a boa maneira, traz nas cargas asenxadas, as sementes, os panos para dar ao preto? — ¿Então como pode ser isso? — Ah! Ah! Ah! — Não! Não! O preto foi buscar a espingarda. Trouxe a lança. Fugiu dos povos. Quis matar o branco... ¿E o branco não traz o castigo, não quer fazer a guerra? Como pode ser?

— Dize ao branco que fui eu quem fêz o feitiço da azagaia para matá-lo... Que fui eu — eu! — quem fêz o veneno que devia ser a vossa morte na água que bebesseis. *Amé! Amé!* Eu! Eu!

Batia no peito cóm fúria. Tremia-lhe o corpo miserável... Mas deante da calma, do silêncio daquele branco, parou surprezo. E continuou mais baixo:

— Ouvi que o branco vinha fazer buraco na

terra, queimar a pólvora, e trazia soldados. As palavras que os rapazes me disseram, tornei a ouvi-las na *ma-finda,* aos sobas antigos, quando o meu corpo dormia o os foi procurar o meu coração. Meu coração ouviu as palavras dos que conhecem tudo. Entendes? Macoxi falou. Os mortos dizem sempre verdade.

¿Na terra do branco não é também assim?

—¿O branco vem fazer buraco na terra? Para quê? ¿O que trás o branco às terras onde vivemos? ?Pois não tráz sempre a fôrça, não estão a pólvora e a espingarda escondidas sempre detrás das palavras? Conheces a história do quimbundgi? — O quimbundgi fala, fala, fala... olhos espertos, palavras amigas... O preto ouve, diz que sim ou não acredita. — Tá-tá-tá-tá... E um dia acabam as palavras, fica a pólvora, falam as espingardas.

Calendende traduzira...

— Dize-lhe que ouvi tudo... Que fale...

E o velho prosseguiu:

— Macóxi, na sua casa, na *ma finda,* falou ao meu coração. Macóxi que foi soba grande nestas terras, ainda o branco não viera às terras de Iaca, a ver o Cugo e o Cuango. Os filhos de Macóxi, nêsse tempo, levavam às gentes daquela banda (e apontava o poente) a borracha e o marfim. Os outros iam vendê-la às casas dos brancos erguidas junto da água que sobe da terra para o céu. Nesse tempo tudo estava bem.

«Dávamos o marfim, as peles, a borracha... Êles traziam a pólvora, as catanas, as facas, os quitocos. Estava bem. O branco saía do fundo da água, chegava à beira da terra, punha as coisas no chão... O preto vinha do mato, ia ao pé da água grande, punha as coisas no chão. Estava bem.

«Quando alguns brancos vinham fazer negocio pela terra dentro, os sobas abriam os caminhos, mas o branco pagava... para passar nos caminhos ou atravessar os rios nas canôas... Estava bem. Macóxi é dêsse tempo ainda. Eu era então pequeno. E foi assim muito tempo...

«Um dia todos os brancos começaram a entrar pela terra dentro. Vinham fazer negócio... Então? Para quê? Os brancos vinham. Não choveria mais, diziam os velhos... A terra perderia a fôrça, morreriam as lavras, viriam as doenças, diziam os velhos. E vieram. Os sobas gostam dos presentes grandes. O vosso malavo tem muita fôrça. Estragou a cabeça dos homens. E vieram as doenças. Os sobas gostavam muito do vosso malavo que tem pólvora e tira o juízo aos homens, do vosso malavo que tem mais fôrça que o malavo da nossa terra! As doenças vieram. Morreram os homens. Os povos diminuiram, mudaram-se, os porcos bravos devoraram as lavras mais pequenas. Faltaram as chuvas...

«Homens de jornada, vindos da Ginga, de Pungo Andongo, de mais longe, contavam tudo isto. ¿E os filhos da terra, os moleques, os ho-

mens, — para onde iam os moleques e os homens, que não voltavam mais?...

« Porque deixam os brancos a sua terra?

« ¿ Não há na sua terra caça, não têm mulheres que lhes façam as lavras, não há matas nas terras dos brancos? ¿ Ou morrem de fome os brancos na sua terra? »

Dissera isto pondo rancor nas suas palavras. Parara, ofegando. Encarava face a face o branco, era só para êle que falava. Emquanto Calendende traduzia, o olhar do velho não desfitava João Fernandes, como num desafio.

— Atrás dos brancos, estão vindo os soldados, e a fôrça, contavam os viajantes... O branco faz fortaleza, traz moxinga, prende gente, trás a guerra!... Então?...

« Onde está a fôrça não fala o juízo direito. A pólvora tem de falar sempre. É feitiço da pólvora.

« Quando o branco tem uma espingarda, quando a espingarda tem o cartucho na bôca, o branco não pode falar devagarinho, ouvir sem zangar-se... E diziam isto, os que vinham de longe.

« Quem poderia ouvir sem mêdo, falar sem mêdo, fazer lavras, deixar a criação à solta na libata, quando a espingarda estava na mão do branco e a pólvora morta por falar?

« O branco afinal não veio para as nossas

terras. Um dia Macoxi disse aos sobetas e mucuruntos: — Temos de ser pobres! Ninguém mais faz borracha, ninguém mais usa pano fabricado pelo branco. Ninguém vai às terras de além rio caçar o elefante, trocar por luco e ginguba os dentes do elefante... Façam lavras pequenas. Não juntem as cubatas, não façam povos grandes. Vivam ao pé das matas, não se mostrem aos brancos que vierem em barcos pelo rio... Aos que atravessarem a terra não lhes vendam nada... Ginguba? luco? galinha? cabrito? ovos? — *Kacuri!* Não há! Não há! Escondam as mulheres, as crianças, os povos... Nas matas, perto dos rios há muito malavo. No rio, peixe... Façam armadilhas para o peixe e para os gatos bravos. Levem peixe sêco às terras do outro lado e tragam os panos de mabela...

« Assim falou Macoxi aos mucuruntos. Foi assim!

« Êle era a terra, o toiro, o galo. Sem êle a terra nunca daria sustento, tôda a criação ficaria maninha. Assim mesmo! Falou. Nós fizemos o que êle dizia.

«Macoxi, — leão, — era o homem da terra. A terra era a sua *kaka-muári!* A terra, sem êle, seria uma mulher sem homem. Ouviste? Êle era a mata onde se escondiam os seus filhos. Sabia a maneira direita. Conhecia os grandes moquixi. Falava ao Zambi-Ampungo. Assim mesmo!

« Entendeste?

« Os brancos não vieram, não passaram o rio. As lavras foram cada vez mais pequenas. Os povos estavam escondidos nas matas, e as gentes, escondidas do branco que passava nas canôas...

« A que vens tu agora? O que queres da terra? Quando vinhas no caminho e os *mondos*, nos povos de além rio, falaram, alta noite, por cima dos montes, a avisar que o branco vinha no caminho, — os homens que tinham ido levar peixe sêco ao povo Quiriata, ouviram o *mondo*. Voltaram logo, passaram o rio de manhãzinha, correram sempre e vieram contar-me...

« Então? — Vem aí um filho do govêrno, trás soldados, trás pólvora, vai passar o rio, quere abrir buraco na nossa terra!

«Naquela noite, depois de *beber água* no meu povo com os velhos, — dormi. *Morri*. Vi os mortos, falei aos sobas antigos, *bebi água* com êles. Ao meio dêles, Macoxi, parecia ser o mais forte. Vi-lhe as mesmas armas com os mesmos cartuchos trazidos de muito longe quando os filhos de Macoxi iam levar aos brancos, à beira da água grande, as grandes pontas de marfim.

«Macoxi e os seus filhos estavam lá, armados. Era na cubata grande, na *mafinda* onde os mortos esperam... Macoxi queria fazer a guerra.

«Mas Zariamundo que andou com os brancos, que viu a água grande, que esteve no Ambassi,

no Cassangi, no Pungo Andongo, em Loanda, e fêz a guerra, longe, com os brancos, — e voltou à terra, muito velho, quando nem a família podia conhecê-lo, — Zariamundo, que tinha nas mãos um ramo da palmeira plantado sôbre a sua campa, — Zariamundo falou.

« — Guerra ao branco? Para quê? O branco tem a fôrça grande! Tamanha que, se um branco do govêrno morre muito longe, no mato, logo vêm pelos caminhos fora, como formigas, mais brancos, mais soldados, espingardas, a guerra.

« A bôca de Macóxi e a de Zariamundo não eram iguais. Eu só guardei no coração as palavras de Macóxi. Voltei ao meu povo. De manhãzinha, falei. Tu sabes o que nós fizemos. Tu sabes!

« Os teus homens ontem amarraram-me. Não te falei, ó branco. Não podia. Esta noite Zariamundo e Macóxi vieram falar-me. Falaram ambos no meu coração. O último a calar-se foi Zariamundo.

« Estiveram a ver-te, estavas dormindo. Ninguém os viu a êles.

« Escuta, ó branco! O meu corpo pode morrer! Mata-me! É direito. Eu não tenho mêdo! Escuta:

« Zariamundo falou assim, ali, à beira do fogo:

« Os brancos fôram a doença da terra. Trou-

xeram a guerra, tiraram a fôrça aos sobas grandes, fizeram pagar o imposto. Ou vieram sem barulho, passaram por cima de tudo. Não há remédio! — Deixa vir o branco. Êle tem mais fôrça que os nossos *moquixi*. E êste branco é diferente. Prendeu-te e não te tirou a vida. Deu-te a manta, o luco, o tabaco, o cachimbo. Sabe falar aos velhos. Fala devagarinho. Não se zanga nunca.

« — Escuta... Dize à terra que êste filho do branco fala palavras direitas. Tem a fôrça e fala como uma criança pequena. Dize aos teus filhos que venham vê-lo, que não tenham mêdo. — Ouçam o que êle diz. Ajudem-no a fazer a casa. Esperem, vejam se as suas mãos e a sua bôca são irmãs.

« — Venham os homens, primeiro. Escutem todos e olhem. Se, ao passar uma lua, a chuva cair, a terra está contente. Façam lavras onde o branco disser. Ajuntem as casas. Tragam-lhe peixe todos os dias. »

— Foi assim que falou Zariamundo. Eu ouvi. Êle esteve no teu acampamento. Fumou o teu tabaco, ali ao pé de mim.

— Branco, fala tu agora. Eu oiço.

ANTÂO GONÇALVES

I

CACIMBO

Pela estrada larga, coleando montes, cavalgando as longas linhas de cumeada, mergulhando na sombra de matas como oásis, acompanhando, ao largo, vales e alturas, cruzando rios, rasgando a interminavel paisagem de cacimbo, — o automóvel devorava distâncias ofegando, monstro furioso tomado de raiva cuja cólera possante as mãos do condutor jugulavam, dando-lhe um destino, fixando-o ao solo que êle quizera repelir, num arranque, projectado no ar.

À beira da estrada, nos pequenos acampamentos ou nos *povos,* pasmavam as gentes vendo passar, roncando, o *cumbi-cumbi.* Da turba erguia-se o ululante ruido das aclamações. E era como a animada, clamorosa esteira, o ruido da turba, deixada pelo monstro, — «ah! a fôrça dos brancos!» — deixada em cada volta do caminho, para persistir nas conversas intérminas, nas cubatas fumosas, — e estender-se depois pela terra fora, repe-

tir-se, morto o dia, em cada aldeia e, sob o ceu alto e noturno, à roda das fogueiras. *N'quixi iangôlo!* O feitiço da fôrça! O *Cumbi-Cumbi* dos brancos!

*

O terreno descia. Adivinhava-se um vale, oculto.

Em rápidas, apertadas curvas, a estrada demandava um rio, ansiosa de subir de novo a encosta fronteira, sôbre a qual erguia, e sôbre o vale umbroso, um vermelho grito incendiado.

Dobrando mansamente as curvas apertadas, sem ruido, o carro mergulhou na sombra, sob a espêssa mata, e abeirou a ponte. Insensivelmente, parou.

Sôbre as guardas tôscas, a improvisada taboleta dizia:

— LIMITE —

Começava, ali, portuguesa desde Diogo Cão, a terra que o destino lhe propuzera para plantar o seu esfôrço, pondo-a sob o seu braço, ao alcance do seu gesto de realizador.

Ali começaria a desejada prova, tentaria dar-se a ilusão de servir os mais puros egoismos da sua vida.

«*Sortir de soi-même... s'agrandir à la fois dans une entreprise qui dépasse et qui exalte les forces d'un individu...*

Sim. A vida limitada à existência pessoal,

egoista e familiar, não valia a pena de viver-se. A vida justifica-se apenas quando exaltada no orgulho que contribue para a vida maior duma nação, duma raça, do mundo. A órbita dos nossos imediatos egoísmos é demasiado estreita. Há corações, como as águias dos cimos, inadaptáveis aos vales onde o sol não pode, em marés sem limites, espraiar-se e criar.

Assim pensou Antão Gonçalves no momento comovido, feito do encanto daquelas terras novas e da sua prosápia, talvez por adivinhar-se capaz de dar realidade a sonhos.

Era um moço robusto, trinta anos, meia altura, figura sêca e nervosa. Lábios finos, cerrados sob o traço curto do bigode à americana. Queixo voluntarioso. Olhos impassíveis, fitando. Alta a fronte, com uma ruga enérgica. Mãos patrícias mas duras. Um voluptuoso da acção. Sentimento, poder de sonhos modelados, enquadrados, vasados na fôrma inquebravel duma vontade ansiosa de criar, de lutar, de vencer.

Idealismos, entusiásmos, o próprio amor, escravos... Escravos dessa vontade forte, escravos do seu dever.

Entre as pedras do leito, a água deslisava exalando frescura. Ao alto, espraiava-se a maré compacta da folhagem,—palmeiras, árvores que

o fôgo das queimadas não tocara nunca e sem descanso, numa ebriedade, transformavam os beijos, o canto vivo da água, o ímpeto vencido das torrentes, em tumulto radiante, em ascensão de seiva, em tentação de altura, para o assalto do ceu.

O companheiro de Antão Gonçalves descobrira-se. No limiar das terras que sabia serem tanto nos seus projectos, e amadas já, disse-lhe seus votos de alegria, trabalho, triunfos. Antão Gonçalves sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Os dois homens, sem uma palavra, apertaram-se as mãos.

Foi assim que Antão Gonçalves abordou as terras da sua conquista, os campos onde, fiel ao seu espírito e ao seu tempo, desejava fazer a sementeira de uma colheita propícia ao seu coração.

Era tempo de cacimbo. A paisagem, em oiro ainda aqui e além, nas raras manchas salvas da queimada, tinha a face dorida, escura ou cinzea, dum imenso rescaldo. Árvores sôbre a terra desnuda e sêca, torciam-se em atitudes que eram gritos de auto de fé. Só os rios, no conchêgo dos vales, conservavam cabeleiras verdes a cuja sombra se recolhiam as feras e a vida, — em quanto a água descia num murmúrio ou num canto, entre as pedras lavadas, saudosa do céu ou do mar.

*

Estava, emfim, mais próximo da luta em que de-certo haveria desilusões e derrotas.

O aspecto da terra contrastava, no seu espírito, com uma velha idea que não desaparecera ainda através das leituras feitas, das impressões ouvidas.

Não. A África não era, tôda ela, o *El-dorado*, a terra pujante, dos esforços fáceis, das vitórias ao alcance das mãos descuidadas, indolentes ou desdenhosas dos aventureiros.

Imensa e bárbara, ali, à roda do horizonte largo, a terra era quási inimiga. As matas, as florestas que se avistavam, erguiam-se como castelos defendendo-se dos assaltos ferozes das queimadas, da desolação sem sombras, do capim bravio que as chuvas faziam brotar, basto e inútil, como uma praga para, ao vir do cacimbo, se transformar em dragão de fogo, assolando, ensangüentando, entenebrecendo a terra tôda, mais árida, mais sêca, mártir e viuva.

Nas intérminas encostas raro se erguia uma árvore de porte. E onde, vitorioso dos incêndios de cada ano, ou feliz dos descuidos do dragão ardente, um tronco mais alto, uma copa verde, marcava um triunfo, — a desolação era maior ainda, e a árvore vitoriosa e a terra de luto, calcinada do incêndio, — diziam um duelo, gritavam uma frase de ódio.

Aqui e além, pelas encostas, à beira dos vales, a distâncias enormes, dispersos, solitários, avis-

tavam-se *povos*. Alguns, entre taboleiros irregulares de culturas, mais verdes, ou sob a copa protectora de grandes árvores familiares. Outros, sôbre a terra nova e bruta, sem uma lavra, lembravam acampamentos de nómadas. As pequenas casas desfeitas ou solitárias, diziam ruínas, abandono, morte.

Como um grande assalto em que as vagas dos guerreiros se ocultassem sob os turbilhões impassíveis de gazes, de fumo, de chamas, desolando a terra, crucificando as árvores, — a meia altura da grande serrania, à direita, — ia subindo uma queimada.

O ar tresandava a incêndio e a morte. Parecia impossível a primavera.

Não importava. Seriam mais belas, por mais rudes e doridas, as horas a viver, num combate sem tréguas, no ofegante esfôrço necessário!

E o automóvel mergulhava na sombra dos oasis, atravessava matas apopléticas de sombra e seiva. O ar, então, perturbava de criador, toldado de genésicos aromas. Palmares, florestas, sombras, cântico eterno, como a vida, cântico da água, do humus, das seivas e do Sol!

Estas eram as terras violadas por gentes do seu sangue, na aurora dos tempos modernos, à

primêira largada. Das cabeceiras, das nascentes, ao sabor da rosa dos ventos, rumo a todo o horizonte, desciam águas vivas, plácidas ou tumultuosas. E tôdas, rumo ao norte, buscavam aquele rio em cujo estuário e por cujas águas espumosas, furiosas dos rápidos e das cataratas, entre granitos milenários, — tinham milagrosamente singrado, subindo prôa à corrente, até às Pedras de Yealla, — os navios de Diogo Cão.

Ali começara a tarefa imensa, tantas vezes interrompida dos da sua raça, precedendo os homens das outras raças, penetrando as terras, violando esfinges, desbravando a imensidão ínvia do mato, espalhando a civilização e o nome de Portugal.

Ali, era ali que um último lusíada, precursor duma pátria mais vasta, profeta dum mais alto patriotismo, — poderia levantar os padrões dum novo destino ou, pelo menos, na resignação dos seus pobres recursos, fiel a um objectivo humano, lutando e construindo, honrar a sua pátria, continuá-la, sem a atraiçoar em baixas tarefas de estreito egoismo, indiferentes ou hóstis ao futuro, condenáveis pelos inevitáveis juizos de amanhã.

II

JOÃO SERREIRA, HOMEM

O seu companheiro era um homem forte, espadaúdo e calmo, olhos juvenis, duros ou risonhos, atentos ou dóceis. De poucas palavras, de silêncios contentes, quando ouvia. No seu olhar tinha vinte primaveras. Na idade quarenta ou cinqüenta anos. Vinha caçar o elefante. Ver as terras que de há muito tinham, para êle, um atractivo de mistério. Então Gonçalves conhecera João Serreira a bordo, durante a viagem. Observaram-se, primeiro, ao meio da turba indiferente, — numa hostilidade ou numa desconfiança desejosa de se reconhecerem semelhantes e, sôbre as palavras friamente correctas dum primeiro encontro que foi quási um duelo, deram-se as mãos enérgicas, contaram horas da sua vida, confessaram-se os projectos e as mais íntimas opiniões.

João Serreira não amava os poetas. Mas fizera da sua vida um longo e ardente poema.

Infatigável, animado e vivo, quando falava... (para pensar melhor e ouvir-se, dizia, para, interrogando-se, descobrir-se, reconhecer-se melhor...) — exaltado e violento, às vezes, repêso, sempre, das repentinas, passageiras cóleras, usando para si e para os outros uma compreensiva e generosa indulgência.

Quando a sua mão apertava a mão dum homem, a gente sentia-se mais tranqüilo, a terra parecia melhor.

Duro, combativo, rude, — era a bondade que se impõe atacando, sobrecenho fero, para dominar, para não animar a abusos a covardia ou a fraqueza da maicria dos homens.

Fizera-o assim a vida, a sua vida, através da vastidão do mundo. Respeitavam-no mais que o temiam. Mas temiam-no, os fracos ou os violentos. Correra as sete partidas. Dera-se à larga, esculturando carácter, num par de rijas aventuras. Fôra caçador e fazendeiro em África, soldado numa guerra dos Balkans, funcionário, uns dias, muito poucos, em Portugal. — No Brasil, no Japão, na Oceania, por tôda a parte, vivera, aceitara, modelara a vida, ao gôsto de cada nova curiosidade.

Tivera naufrágios, passara fome, conhecera a morte, vivera horas grandes. A cara dêle dizia isso tudo.

Quando a bordo falava, quebrava-se a monotonia sem relêvo do mar estanhado e das horas de bordo.

A face do mar recordava outras quilhas mais rudes, estremecendo em pequenas ondas, num calafrio, lembrando as esteiras gloriosas das naus de antanho.

Os passageiros, cerrados à simpatia ou dando-se a uma irresistível admiração, — sentiam diverso, mais agitado, o ritmo do seu sangue, talvez mais alto o escopo dos seus inconfessados desejos, quando êle falava...

Ouviam-no quási sem o interromperem. Sôbre o grupo ansioso, nas horas mortas de bordo, — mar adormecido, o navio sonâmbulo, como esquecido do mar e do seu rumo, — o velho comandante, sem uma palavra, vinha e demorava-se escutando. Um dia dissera, a Antão Gonçalves:

— Esse homem tem uma vida grande demais para a vida dum homem!...

E mostrava João Serreira.

As mulheres, vencidas por fim em seus instintivos ressentimentos, perdoavam-lhe a frieza desdenhosa do início, procuravam-no com um interêsse de amantes, ou carinho materno. Ouviam-no como crianças embebecidas, — grandes olhos, saudosos, amorosos ou tristes, alumiados duma íntima alegria de escravas.

De facto, quando João Serreira falava, escuta-

va-se a si próprio, encantado, dir-se-ia, no ritmo das próprias palavras, tal como uma fonte se desentranha em água e se encanta de ouvir-se... A viver de novo, a viver melhor horas belas e mortas, através das palavras que as ressuscitavam...

Então Gonçalves sentia-se feliz dêste encontro. E ao sabor do que ia conhecendo sôbre o companheiro, — seu idealismo, num treino sadio, fortalecia-se de espírito prático, alava-se de entusiasmo ordenado, de equilíbrio e domínio, diante dos combates próximos, dos perígos e sacrifícios da acção.

Tinham ficado, para passar a noite e dar tempo ao *chauffeur* de reparar uma avaria, num pequeno pôsto, à beira da estrada, velho forte da ocupação militar recente, cujos baluartes e fossos se desfaziam já sob a aluvião de ananazes e as sanefas verdes dos maracujás.

Perto, dum e doutro lado da estrada que alargara, formando avenida, alinhavam-se as casas do comércio. A permuta acabara havia pouco. O chefe de pôsto regressara do arrolamento. Uma grande calma, um ar de terra adormecida, um silêncio de repouso e abandono, envolvia a pequena povoação. A um lado da estrada, no capim que renascia, mais tenro, sôbre a queimada, — pasciam bois tranqüilos. Entre êles, na relva, ou idìlicamente poisados sôbre os flancos doirados, anda-

vam pássaros de neve, como flores animadas e familiares.

João Serreira, antes que o crepúsculo descesse, fôra correr, em busca de caça, os vales próximos.

Então Gonçalves ficara interrogando o chefe de pôsto, beirão ingénuo e moço, que o ouvia tìmidamente, receoso, quási perturbado pela curiosidade daquele viajante que podia ser... um novo governador. E sentia uma instintiva simpatia, adivinhando-lhe os receios, o desejo de encobrir, justificar, a involuntária impreparação para uma faina em que o pobre moço, transplantado num meio imprevisto para uma acção desconhecida sem qualquer treino prévio, — tinha de assistir e governar, ao meio de velhos chefes renitentes ou homens irrequietos, — uma área maior que um distrito de Portugal.

Obedecendo à íntima fôrça de entusiasmo e simpatia que lhe sobrava na alma, Antão Gonçalves, aliciadoramente, por perguntas e sugestões sucessivas, na rápida conversa, falou-lhe doutras actividades, horas mais vivas e úteis, inimigas do tédio, que seriam saúde, alegria, renôvo, bem servir. E os olhos do pequeno chefe animaram-se. O seu sorriso, as palavras, os gestos, disseram de-pressa, aos olhos contentes de Antão Gonçalves, que não era terra sáfara e ingrata o espírito daquele mocinho capaz de erguer-se à compreen-

são e ao serviço das melhores ideas, — se chefes capazes o soubessem despertar e manobrar.

*

Quando João Serreira voltou era noite fechada.

Atrás dêle um preto trazia sôbre os ombros uma corça. A seguir, perfilado na porta baixa, saudando, um cipaio, entregou ao chefe uma carta.

Os comerciantes da terra pediam licença para, no fim do jantar, vir cumprimentar os recemvindos e conversar.

— É o costume... quando passa alguém... explicou o chefe.

Então Gonçalves e Serreira disseram a sua satisfação.

O *chauffeur* tinha o carro pronto. Partiriam então, resolveram, de madrugada às 3 horas, com o luar...

— *Platão,* o jantar *acabou,* veio dizer um criado.

E foram jantar no tambor do velho forte, entre as fôlhas verde-escuras dos maracujás.

III

COLONOS

ESTAVAM todos fora, no tambor do velho forte, sala de jantar nestes descuidados tempos, sob o alpendre cónico mal arrumado pelos ventos e de cujos bordos, em emaranhadas franjas, pendiam folhas e frutos de maracujás.

A-pesar da estação, a noite corria sem bruma ou ventos frios, com o céu mais próximo da terra, o cruzeiro, ao alto, scintilando, com duas grandes estrêlas, como duas lágrimas, aos pés.

Na sombra indefinivel dos montes longínquos, ardiam fogueiras solitárias, erravam queimadas caminhando.

Ao redor da mesa, sob o alpendre baixo, bebendo e fumando, estavam com Antão Gonçalves e João Serreira o chefe de pôsto, os comerciantes da povoação e um agricultor duma região visinha. Pouco diziam, êstes, ouvintes interessa-

dos, silenciosos, depois dos cumprimentos embaraçados da apresentação.

Eram todos da mesma edade, uma aparência, um ar igual nos gestos, palavras e silêncios, que lhes vinha talvez das longas solitudes no mato e das tarefas idênticas,—moldados todos na forma igual duma vida que os separava do resto do mundo, presos aqui às suas fainas, fieis ao instinto, ásperos alguns da bilis acumulada, confiados e seguros de si, desgostosos, ciumentos dos agentes do Estado quando as fainas duns e outros não marchavam a par...

Eram homens simples, sem cultura, incapazes de grandes anciedades ou fundos desalentos, mas dadivosos e entusiastas, fidalgos até como aventureiros.

Temperados por uma vida diversa, longe das estreitezas e desvairos vãos da metrópole, só de respirar o âmbiente largo e bárbaro daquelas terras, amavam a pátria distante com um desinteressado e generoso orgulho.

Quási todos sofriam o estímulo duma ambição, dum projecto ou dum sonho. Negócios largos e prósperos, uma grande casa, uma fazenda,—o casamento, um lar...

Tinham defeitos. Menos cultos, desorientados ou rebeldes perante as exigências e as possibilidades de certos esforços, naturalmente presos à estreiteza dos seus interesses e duma velha mentalidade utilitária, eram no entanto homens, valo-

res sinceros, vidas vivas, que um chefe em termos, ao desinteressado serviço dum programa capaz de atendê-los, sem atraiçoar o dever do Estado ou os interesses dos nativos, — podia beneficiosamente, com proveito e com honra, manobrar.

João Serreira falava, no silêncio de todos e da noite que os envolvia como um engaste de trevas.

Abandonava-se à evocação gostosa doutras horas. Revivi-as, falando. Na *canga-langa* (1) do chefe, Antão Gonçalves ouvia, fumando.

Dois criados serviam cerveja.

— A noite e o céu estão esplêndidos!

— Sabe-me bem a noite! Sinto a vida boa e as horas saborosas!

— É como lhes digo: — misturem as más e as bôas experiencias, mais daquelas que destas, não receem nunca, vão para a frente, sempre, façam boa cara a quanto vier. Teimem nos caminhos duros, nas tarefas que doem, sem temer desastres, privações ou desgraças! Não recear nada! Aceitar tudo e entendê-lo, aprendendo sempre, treinando-se, sem desanimar nunca.

«Esta é que é a sabedoria, o segrêdo da vida!

(1) Cadeira de lôna extensível.

«Não a aprendi nos livros. Nem sei se os livros falam assim ou dizem coisa nova. Que êle não há coisas novas! Aprendi-o comigo, dia a dia, através dos caminhos que palmilhei, das derrotas que fiz.

— Quanto maior a tormenta, mais gostôso o abrigo! Para quem acha bom todo o chão em que durma não há cama que não seja de plumas! Sob o vento rijo, com o tempo áspero, é que se fazem as melhores travessias!

Levou o copo de cerveja aos lábios. Esteve, no silêncio de todos, uns momentos silencioso.

Depois, inclinado na *canga-langa*, olhos semicerrados, continuou o monólogo interrompido:

— Quando me lembro que a minha vida podia ter sido outra, soldado pacífico, amanuense ou director geral, bocêjo de tédio, sinto um pavoroso mêdo, retrospectivo, claro...

— Caspité!

— A vida sem cabos a dobrar, sem lutas, arrelias, horas decididas, e um propósito firme, um esfôrço teimoso, não é vida, é mentir ao melhor que em nós anda, é um morrer devagar, sem glória no atoleiro.

— Palavra de honra!

«Criei rugas na cara? Tenho cabelos brancos?

É do esfôrço teimoso... Ou do pó do caminho. Por dentro, acreditem, estou cada vez mais novo. Remocei com os anos. E o que tenho a viver ainda me reserva riqueza, desejos, outras experiências. A vida, é um saboroso fruto, para quem souber mordê-lo!

«Claro, — desisti já de muita coisa. Arrumei comigo para diante dos anos, para ficar senhor dêles. De certas guerras já dobrei a altura. Deixei-as para tráz. Resignei-me. Dos naufrágios inevitáveis, fiz motivo de novas ambições.

«Se me não ficou pena?...

«Os senhores o experimentarão um dia e oxalá, como eu, senhores do seu remédio para se consolarem melhor. Isto quanto a amores, que é paisagem que se vê sempre com gôsto ou com saudade, e está, para os da minha idade, cheia de ilusões e riscos.

«Diante de certas coisas, meus amigos, como dizia não recordo quem, nesta idade, a vitória está na retirada oportuna. — Deixar as coisas antes que elas nos deixem...

«Amo a vida com egoismo. Tenho razões para isso. A morte, quando ela vier, não a estranharei, espero. Conto com ela, sômos conhecidos velhos... E talvêz a saúde, à morte, por mais súbita que venha, se tiver tempo para o fazer, — na alegria de qualquer coisa imprevista, trazida pelas suas mãos... Sabemos lá?!»

A voz baixara, como um eco. A máscara tornara-se mais grave. Calou-se uns momentos. Os outros olharam-se. Ninguém quebrou o silêncio em que a noite se sentia, a noite imensa e vasta, mais presente, melhor.

João Serreira, ergueu-se. Veio olhar os montes ocultos na noite, o indeciso horizonte, o céu e os montes em que ardiam estrêlas e agonizavam queimadas. Depois, voltou. E, lentamente, esvasiou o grande copo coroado de espuma.

IV

PENA DE MORTE

((UMA vêz, no Japão... Eu era moço e experimentava o mar como pilôto num veleiro, o *Swan,* — (lindo barco!), — rematando uma série de viagens entre as ilhas e a América.

Gente nova, a tripulação desembarcara, esfomeada de terra, de mulheres, de álcool.

O outro pilôto, meu amigo, Clarck, — dado a leituras ocultistas, puro de modos e de pensamentos e que, a bordo, muitas vezes me expuzera como um fanático as suas ideas e me dera a ler alguns dos seus livros, — convidou-me a desembarcar para visitarmos juntos um velho conhecido a quem falara já na última viagem, depois duma larga correspondência. Clark, dessa vêz, trouxera para êle cartas de amigos seus, de Londres. Fôra recebido com carinho pelo misterioso mestre e afirmava ter-lhe ouvido, entre palavras de pura benignidade, outras que deram, a dúvidas

e interrogações íntimas, dêle Clark, — consoladoras respostas, e um sentido mais claro à sua vida.

O velho vivia numa pequena casa, ao gôsto da terra, ao lado dum velho templo, entre pinheiros mansos, fora da cidade... Numa colina verde em que os telhados ponteagudos das casas e um *tori* vermelho emergiam das ondas verdes, do mar quieto e verde da vegetação. A alguns quilómetros do pôrto, a meia hora de kuruma, se tanto, sob sombras frescas, através de arrabaldes em flor...

Isto dizia Clark.

Partimos, muito cêdo, na manhã côr de rosa e pérolas.

Atravessamos a cidade, passamos sob pórticos em que poisavam aves, paramos diante duma pequenita casa de chá que, esfregando os olhos, entre a folhagem húmida de orvalho, sôbre a névoa dum pequeno lago, — acabava de abrir.

Como névoa, caíam cachos de glicínias em cascata, sôbre a água parada, sob a névoa do seu hálito... Entramos.

Em pequenos tamboretes de laca vermelha, uma criada, como uma bonequinha, entre mesuras e sorrisos, serviu-nos acepipes em que mal toquei, — mais curioso e gostoso dela, e mais desejoso de ficar por ali, do que doutra romagem... Pequenos peixes quási crús, rebentos tenuíssimos de bambu, se bem me lembro, foi o que nos serviram... E mesuras, sorrisos... Clark era conhecido velho...

Quando êle lembrou ser tempo de largarmos, — esperavam fora os dois ligeiríssimos *Kuruma*, — eu esquecera-me do velho ocultista. Quási tentei convencer o meu ingénuo companheiro a ficar por ali.

Sorrindo, com uma longa saudação que lhe pôz em terra, sôbre as esteiras macias, as mãos pequeninas e a fronte desmaiada, — (dir-se-ia uma rãsita) — a criadinha, com a dona da Tchaya, despedia-nos, à porta da casa.

Eu segui Clark, contrariado.

Depois, pela estrada coleante, sombreada de pinheiros, (— ainda respiro aquela sombra, frescura marítima, sal, resina, um aroma que remoça a gente!) ou entre grandes tufos de bambus e pecegueiros em flor, — os *Kurumaia*, ofegantes, ligeiros, sem esfôrço aparente, corriam.

Brilhantes de suor, como bronzes salvos de um naufrágio, subiram por fim um caminho em curvas, abraçado aos flancos da montanha, — sob a verde abóbada e entre muralhas verdes através das quais por vezes, numa aberta, se descobria a maravilha próxima e longinqua, o azul-pérola inefável, do céu caindo abandonado e voluptuoso sôbre o mar.

À beira do caminho, crianças agitando as mãos, gritaram: *Ohaiô! Anatá!* — O grito lindo! Ficou-me nos ouvidos. A uma porta, cabelos longos sôbre o quimono aberto, acabando a interrompida toilete, tão simples e tão pura como se

estivesse nua, uma rapariga, acenou, saudando-nos: *Saionara! Ohaiô!...*

Música da manhã perfumada. Frescura, esmeraldas, oiro... Safiras. O mar, entre as ramagens, as safiras do céu e do mar lá no alto, lá no fundo... Iamos suspensos numa nuvem, de sombra, de verdura, de azul.

Os carros estacaram. Clark fêz sinal de ter mos chegado.

Diante de nós, quási oculta no arvoredo baixo em que havia manchas de flores, adivinhava-se uma pequena casa. Pelo caminho em curva, estreito e suave, que para lá subia, — passamos uma ponte vermelha sôbre um regato quieto em que dormiam nenufares ou choravam flores de pecegueiros anões.

Vi, afeiçoando o tronco duma pequenina árvore, curvado sôbre ela, sem dar por nós, um homem, um velho. Traje nipónico, cabeça nua, ar macio de sombra, ao meio da luz dôce, no afago das flores familiares.

O ruido dos nossos passos anunciou-nos. Voltou-se num movimento plácido como se nos advinhasse há muito. E vimos um rôsto cheio de rugas, um olhar luminoso, quente de mocidade e risonho. Era êle. Clark estendeu-lhe a sua rija mão de inglês leal, — falaram inglês — e apresentou-me. Entramos.

Estavamos numa pequena sala, entre biombos de côres suavíssimas, desenhos suspensos em que

desmaiavam ondas e o vôo fugitivo de aves, — o vulto nevado dum vulcão... A um canto, altares búdicos de laca doirada, um sino, uma mesa baixa. Almofadas brancas cobriam as esteiras alvíssimas. Num grande bocal de vidro boiavam peixes vermelhos.

O velho correu a parede-biombo do fundo. E a pequena sala transformou-se, aberta para uma paisagem que entrava, por ela dentro, como a luz. Por cima o toldo safira, a nesga azul, mais próxima, do céu. Avancei uns passos, sem ruído. Na frente, como um bibelot vivo, um minúsculo jardim. Árvores anãs, floridas algumas, numa adoravel harmonia. E um lago pequenino, em cuja água clara corriam peixes côr de fôgo, de grandes barbatanas, como asas...»

João Serreira, calou-se, olhando os companheiros.

— Não sei se os masso, preguntou, extranho quasi ao silêncio e às atitudes dos outros...

Então Gonçalves, risonho, interessado, falou por todos:

— Conte... Não se preocupe. E a propósito: Porque não escreve um livro? Quem conta assim...

— Ora. Queria então que eu escrevesse livros?... Isto que lhes conto está escrito há muito...

— Onde? Por quem? — interrompeu Antão Gonçalvès.

— Em qualquer parte. Sei lá onde e por quem...

Acenderam cigarros. Os criados saudavam, antes de retirar-se. Um dos comerciantes disse, solitário:

— O Japão! — É longe!

— Venceram a Rússia! disse outro.

João Serreira continuou:

« — A casita do velho... o jardim... a varanda. Ah!

Clark contara-me, a bordo, a história dêste homem. Fôra inglês, vivera muito tempo no Oriente, na Índia primeiro, na China remota, Mongólia, Surga... eu sei!... Passara anos num convento, entre montanhas, no Tibet. Viera ter ao Japão, professor numa escola, e casara com uma filha de Samurai, — uma nobre. Fiel à terra alheia, estranho sempre, permaneceu preso a ela, que as cadeias do amor ligam mais do que as civilizações separam.

Dum vaso soltavam-se em cascata fôlhas, como flores, duma planta de estufa. Um gato roçou-se, lânguido, arqueando a espinha, pelos meus joelhos. Num pequeno fogareiro de cobre, que eu não vira e era uma obra de arte, — o velho, lascando pequeninas fibras de madeira, preparou o fogo, aqueceu a água dum amargo chá que ali tomámos. Eu disse palavras banais sem seqüência. Clark

falou dos meus hábitos de vagabundo insatisfeito, e que eu devia ser parente, disse, daqueles portugueses que primeiro vieram ao Japão. Eu ia a falar-lhes de Fernão Mendes Pinto, homem da minha família... segundo consta... O velho sorria, com simpatia, encarando-me. Calei-me.

As diferenças de raça separam-nos como um abismo, as mais das vezes. Tenho conhecido muitos homens, de muitas raças, de muitas côres, e por mais que os sinta iguais a mim, escravos ou senhores das mesmas tentações ou das mesmas conquistas, — a convivência, a simpatia, a fraternidade, até, — não me deixam passar êsse abismo. No fundo alguma coisa nos mantém diversos, quando não opostos, sempre... Êste homem não era da minha raça, êle que tinha perdido talvez a raça... Mas, — coisa estranha! — eu nunca sentira diante de nenhum homem o que sentia agora. Êle era diferente, era outro, mas só por ser... mais puro, mais forte, melhor? — não sei. Era alguma coisa de mim mesmo, de além de mim, entenda-se, para além de mim.

Tive a impressão que o seu olhar me descobrira todo, banhando-me numa claridade em que me senti mais puro. O ambiente, o traje, a sua face doce e severa, não me impressionaram tanto. Mas aqueles olhos, aqueles olhos, luminosos, profundos, insondáveis!

Clark dava-lhe notícia das suas leituras, doutros devotos, duma sociedade qualquer. O velho

folheava um livro que tinha sôbre a pequena mesa, ao lado, dera-lhe a ler uma passagem. Animado, falei, respondi a preguntas, a palavras que eu ouvira menos do que sentia os seus olhos, os seus olhos, como duas vigias abertas sôbre o infinito céu azul.

Êle também correra mundo. O meu optimismo aventureiro, esta maleita que me tem trazido à tona de tôda a fôlha, desdobrando-me a vida em folhetins que nunca deixam de ter um folhetim a continuá-los, — como um dia me disse não sei quem, — parecia agradar-lhe.

Olhava-me como um velho avô risonho, inteira e indulgentemente senhor do meu segredo oculto. Clark, còrando, denunciou-lhe coisas da minha vida em que eu não encontro, — palavra! — o menor interêsse. Êle sorria. Os seus olhos falavam mais, diziam melhor que as suas palavras.

— O senhor deve considerar-se feliz. Nunca deixe quebrar, ou embaciar-se, o cristal vivo dêsse optimismo!

— Os homens é que fazem a vida sombria e criam a fatalidade, continuou. São escravos, resignados ou covardes, de desejos imperfeitos. Ou revoltados inquietos e incapazes, escravos sempre. A verdadeira liberdade do homem será, na consciência de quanto o limita ou lhe nega as aspirações mais íntimas, uma obediência, uma confor-

midade sem renúncia, uma insatisfeita irrequietude obediente ao rítmo do próprio sangue, um infatigável, inabalável optimismo renovado sempre a cada desmentido, a cada aparente desilusão.

Isto, estas palavras, explicou João Serreira, num tom diverso, lia-as numa carta para o Clark, mas são, no sentido essencial, as que o velho disse naquela manhã...

Depois, voltando-se para mim, como se existíssemos só nós dois sôbre a terra e os seus olhos nos meus:

— O invencível optimismo, a aceitação que compreende, o desejo que se não resigna e não desarma, não abandona a luta!

Calou-se uns momentos.

— Êsse optimismo lê-se na cara dos homens raros que o atingiram. Nas horas de maior dor, sob os golpes brutos, nas provações maiores, aceita, compreende, transforma. Duma hora infame faz uma hora bela. Da morte, — vida!

— Adivinho que lhe não faltará, nunca, a si, — nas horas mais inimigas e escuras, a fôrça precisa para vivê-las, dominando-as.

O velho concentrou-se, silencioso. Nós, não quebramos o silêncio. Êle encarou-nos, fitou mais

longamente o meu companheiro. E disse baixinho:

— Três horas, vejo três horas trágicas, diante do seu amigo. Um grande perigo, no mar, muito próximo, primeiro. A seguir, em certo regresso, um cadáver. Depois, no mar, ao voltar ao mar... não sei bem... uma catástrofe... a morte.

E, a seguir, para mim:

— As horas, por mais trágicas, passam. Só o homem fica, e a sua atitude, se as domina bem.

— Vejo-o, no mar, num mar sem ondas, num mar deserto, sôbre um navio abandonado. O senhor e a morte...

Depois, num incitamento que me deu calafrios, — disse palavras que se não repetem. Trago-as cá dentro de mim, cá dentro, — nunca deixo de ouvi-las. Em certas horas, pelo menos.»

Surpresos, na atmosfera imprevista de tão estranha confidência, os outros, emquanto Antão Gonçalves, mais próximo do seu amigo, o ouvia atento e impassível, — os outros entreolhavam-se, como se aquelas palavras, aqueles dois homens, aquela noite, lhes desmanchassem o equilíbrio simples dos seus dias iguais. O que pensar daquilo?

No entanto... A presença daqueles dois ho-

mens, a atitude, os gestos, a sua presença, sobretudo, isto que não dizem palavras e é fôrça, sugestão irradiando, onda que leva, toada que em nós faz vibrar as mais ocultas cordas, dominava-os. Estavam ali e eram como a folhagem quieta numa floresta sonora em que um vento passasse, desprendendo vozes, nas árvores sonâmbulas, nas quêdas ramarias...

V

QUERER!

«— Conto estas coisas, — reatou João Serreira, sem as alterar, porque, quando elogiosas, me são indiferentes.

Nunca me demorei a reconhecer qualidades, méritos, em mim. Conheço melhor, demoro-me mais com os meus defeitos. Como o outro, sei que a consciência dum homem é um espêlho impuro em que passaram, com sinistros ou miseráveis lampejos, crimes, covardias e traições. Se não cometeu crimes, covardias e traições...

O que tenho sido, com altos e baixos, nem me deprime nem me orgulha. Se a lembrança de qualquer hora mais infeliz ou acto desastrado me ocorre, e me crispa os nervos, — uma careta de desgôsto, uma palavra irreprimível, encolho os ombros... é tudo!

Não conhêço remorsos. Das minhas horas inferiores, só conservo memória para combater-lhes o regresso. Erros que me diminuam a con-

fiança e o orgulho, me curvem a cabêça ou subordinem a alheios, pondo contra mim, em mão alheia, argumento que me limite ou pedra que me fira, — confesso-os, condeno-os eu mesmo... ou justifico-os, primeiro.

E, no fim de tudo, até onde posso avaliar-me, — juro! — não passo dum pobre diabo.»

Alguém interrompeu...

« — Quê? — Valentia, honra?... Palavras, só palavras... O que há em nós e vale, para lá das palavras, autêntico, é a intenção sincera, o poder de esfôrço que sômos, a vontade tenaz que precisa em actos, numa vida cheia de insuficiências e incerteza, — esta sêde, êste desejo que se não satisfaz nunca, cá dentro, e que é a nossa alma.

Palavras... Palavras... Palavras... Correr atrás de sombras.

— Desculpem os senhores!

— As palavras secam a bôca. E, muitas vezes, fazem mais sombra onde havia uma resteasita de luz.»

O chefe do pôsto ergueu-se. Chamou para as casas próximas. — Manjolo! Cerveja! Mais cerveja!

João Serreira erguera-se, fôra de novo olhar a noite.

E houve, de novo, um grande silêncio. Dois comerciantes despediram-se, com votos de boa

viagem e oferecimentos repetidos. Iam partir para o Sul, apanhar o comboio daquela manhã, a tresentos quilómetros de distância... Fora, ao alto, o Cruzeiro do Sul boiava num mar sonâmbulo de estrêlas. Passava da meia noite.

— Coitados! Que espiga lhes preguei! disse, voltando, João Serreira.

— Continue! pediu Antão Gonçalves.

Um criado entrava com cerveja.

João Serreira sentou-se e continuou, reatando:

« — Onde ficara eu? — Ah! O Clark, o Japão, aquela profecia do velho... Emfim, resumindo, que a noite vai alta e temos de largar cedo: — Não me incomodei com a profecia. À tarde, na cidade, já não pensava nela. Tinha vinte e seis anos e era marinheiro. Entrei a bordo, de madrugada, com o imediato do navio, — que o Clark deixara-me... Iamos fatigados da noite mal gasta. Depois, dois dias depois, o navio largou para Hong-Kong, directo.

Tinhamos passado nas alturas da Formosa quando um tufão nos apanhou a rota, desmastreando-nos o barco. Ia-nos atirando ao fundo! Um golpe de mar, varreu o convés, levou dois marinheiros. O *Swan*, desgovernado, miserável, com a carga mal estivada, desfeita no porão, todo inclinado a bombordo, andou dois dias ao sabor das ondas. Escapei duas vezes à morte. Fracturei um braço.

No terceiro dia um carvoeiro que ouvira o

S. O. S. de outros navios aproximou-se, deu-nos reboque até a um pôrto da China.

Clark, tìmidamente, no beliche em que dormiamos, lembrou as palavras do seu velho amigo. De braço ao peito, saboreando a vida, mais rico, mais feliz, mordi o cachimbo, encolhi os ombros, sorri, para o não contrariar.

Pela vigia entrava o ceu e o mar, a luz safira, o azul de aguarela. Ilhas verdes, ao longe, miravam-se em baías sem ondas. Era uma baía imensa, um regaço azul, sem ondas, o mar.

Abandonei o *Swan* no Tamisa. Desejoso da minha terra, (estavamos no Outono, sempre gostei de vindimas), arribei ao Pôrto numa manhã de Outubro. Não avisei ninguém.

Na minha aldeia, compreendi logo às primeiras caras, nas saudações embaraçadas, no ar das coisas, um ar contristado e um silêncio que me sobressaltou.

Até a casa me apareceu diferente, a nossa casa, tão calada e sombria entre as ramadas espessas, verde e oiro, de outono. O ar era dorido, diferente. Preparei-me para a mais dolorosa surpresa. Num calafrio.

Pouco depois beijava a face fria de meu pai morto na véspera.

— Ahn? — O quê?... Um acaso, claro.

— Uma coincidência? Claro! Uma coincidência.»

E bebeu tranquilamente.

«— Desta vez pensei mais no caso. Que a terceira prova me poderia ser fatal... Estava, portanto, condenado à morte. Um naufrágio! Datas não as marcara o meu profeta. Mas a calcular pela rapidez com que se tinham verificado os dois primeiros feitos era de esperar, diriam os senhores, que à primeira oportunidade se cumprisse o destino.

Quando as últimas rosas se desfolhavam sob os ciprestes na campa do meu defunto, casei. Fui feliz, lavrei terras, plantei vinhas, ergui uma casa, nasceu-me um filho.

Mas... tinha de ser! Veio-me de novo, um dia, a tentação.

— Largar para longe, acudir ao chamo dum velho companheiro, uma temporada de caça na Gorongosa...

E, simultâneamente, ver terras, estudar *in loco* as possibilidades duma grande plantação...

Não sei se sabem? Tirei um curso, lembro-me. Sou, fui engenheiro agrónomo. A minha ida era, por êsse lado, grandemente necessária. O meu amigo insistia. A Gorongosa é um país de grande caça. E eu nunca caçara o leão.

Assentei na partida. Minha mulher não me contrariava. O seu silêncio e as suas palavras, ocultavam-me o seu receio, o seu desejo de me guardar, para me dizerem melhor o seu amor.

Coitada! Quantas ausências depois dessa, corridas ao sabor de tentações diversas! Mas que belos regressos! Porisso o meu lar, Deus me perdôe! — é cada vez mais lindo e a nossa felicidade refloresce como as primaveras.

O quê? — Pode sorrir, amigo... Se é assim...»

VI

SÔBRE O MAR E A MORTE

"— EMBARQUEI em Lisboa. A-pesar das saudades, da mulher, do filho, cá por dentro eu tinha vinte anos!

«Era a primeira larga viagem marítima depois do *Swan*. Eu não esquecera de todo, confesso, as palavras do velho, no Japão. Uma vez ou outra lembrei-me daquela profecia... Sorri sempre, de resto, comigo mesmo, lisongeado. Nunca porém disse, sôbre o assunto, uma palavra a minha mulher. Lembrava-me e sorria lisongeado. Nunca experimentou? É saboroso, isto, dá orgulho, conforta, levanta, saber-se a gente à mercê duma possível fôrça misteriosa, ao sabor de fôrças que estão para lá de nós... Não sei se traduzo exactamente... — Desafiar o destino, vá o têrmo, sabia-me bem.

« A viagem, má até à Madeira, tornou-se em breve exasperante de monotonia. Mar sem ondas, mar estanhado e calmo quási até ao Cabo.

« Em dia e meio estaríamos fundeados. Uma rápida paragem diante da Serra da Meza, lembrando o *Adamastor*. Uma corrida em terra... Mas na última noite, perto da madrugada, um ruído surdo, prolongado, sobresaltou o paquete, atirou-nos para fóra dos camarotes numa anciosa curiosidade em que havia gritos, desmaios, uma certa desordem.

« A T. S. F. lançou à rosa dos ventos seus gritos de socorro.

« Sôbre dois fortíssimos arranques, em poucos minutos, as máquinas pararam. E fêz-se um grande silêncio na pávida alucinação da noite moribunda.

« O paquete inclinava ligeiramente a bombordo, erguendo a prôa. Arrearam-se os barcos salva-vidas. Para ocupá-los, alguns homens bateram-se, tornados feras. Houve loucuras, violências, infâmias. As feras acordaram nos homens, acicatados pelo terror da morte, livres do constrangimento das aparências quotidianas.

« Desmaiavam no céu as últimas estrêlas. Do lado da terra a noite morria, num suavíssimo crescendo de luz. E de repente, indiferente à miséria dos homens, o Sol, feérico de glória, emergiu, projectou-se no céu.

« A ré estava à flor da água. O barco incli-

nava cada vez mais. Perdido, irremediàvelmente perdido, os porões inundados, de-certo um rombo no fundo, porque o navio cavalgara uma rocha submersa, parecia.

« Balieiras e um escaler largaram com os últimos da tripulação, os pilotos, o telegrafista, o imediato...

« Ninguém conseguira demover o comandante, rígido e mudo, quando as últimas ordens fôram cumpridas, — disposto a acabar ali.

« Eu? De mim ninguém cuidou. Ocultei-me na sala de fumo em que as cadeiras e os instrumentos do *jazz*, se amontoavam sôbre o piano, a um canto. Deixei-me ficar tomado não sei de que propósito, humilhado pelas misérias que vira.

« ... Ficar, num desafio, até ao fim. Depois, no fim, salvar-me ou não! Jogar tudo! — E fui ficando.

« Desde os primeiros momentos a lembrança da velha sentença dominava-me. Era como sentisse, sôbre a cabeça, o meu próprio destino.

« A morte? A vida? O que tivesse de ser. Num momento, passou por mim, venceu-me quási, a amargura dum condenado à morte, na última hora, sem esperança, do oratório. Senti, nesse momento que me dilatou o peito e a consciência até aos limites da vida e do mundo, — um deses-

pêro infinito. Como diante duma sentença inexorável.

« A minha vida não me pertencia, pois. Uma fôrça estranha, um poder inimigo lhe marcara as etapas, lhe dispusera as horas, distribuindo cronomètricamente, numa impassível tirania, os perigos, as derrotas, os pobres triunfos. Fui da turba, nesse momento, da matilha uivante que, atropelando mulheres, abrira caminho esfaqueando ou de pistolas aperradas. Um momento! ¿Que lodo ancestral revolveu em mim aquela desordem?

« Minha mulher! O meu filho! E senti sôbre a amargura que enchia o abismo,—o sabor da vida, o sabor que embriaga, escravizando.

« Êsse momento foi um deserção quási. Ouvi, cá dentro, estoirar uma chicotada. E saí, vim debruçar-me sôbre o mar. Diferente, livre, uma grande paz nos nervos fatigados, o espírito tenso numa resolução que me enchia o peito de calma e os olhos de luz febril.

« Acendi, julgo que acendi o meu velho cachimbo. Puz-me a olhar o mar.

« O mar imenso, cobalto espelhado sob o oiro frio do sol, — recebera a oferenda trágica de algumas vidas. Parecia propiciado e contente.

« Da pôpa, e por bombordo, muito mansas, quási felinas, as ondas subiam, lambendo a coberta, acarinhando a prêsa. Na coberta da proa,

cada vez mais alta, perfilada no azul, mugiam bois abandonados. Os seus mugidos lentos eram uma litania mais expressiva que tôdas as palavras.

« Ao longe, cada vez mais longe, as embarcações iam rumo à costa, quási invisíveis sôbre o mar cheio de reflexos, como um grande espelho. Depois perderam-se na volta do mar. E começou a tarde.

« Na ponte o comandante... Êle e eu, a bordo... Mais ninguém. Não me vira ainda. Eu aproximara-me da ponte e ficara, numa das janelas do jardim de inverno, vendo a coberta abandonada em que rolavam coisas.

« Devíamos ser como dois espectros. Num navio fantasma... Êle e eu.

« Senti passos. E logo atrás de mim, uma voz agressiva, brutal, de censura:

« — Que faz aqui? O senhor é louco? Quem o autorizou a ficar?

« Olhámo-nos duramente. Êle não disse mais. Eu não disse nada. Apertamos as mãos. Depois, sôbre um grande silêncio, continuou numa voz mais branda, mais profunda, cheia de resolução, cortada de pausas como abismos:

« — Não tem o direito! Eu, sim! O meu destino é o do meu navio. Porque não partiu?

« Como responder-lhe? Êle era o escravo dos seus preconceitos, do que julgava o seu dever. Eu queria afirmar a livre decisão da minha vontade sôbre a ameaça definitiva dum destino hós-

til. Loucura? Talvez. Ela não podia entender-me, se eu falasse. Através do meu silêncio teria talvez melhor a suspeita, e compreenderia, o que se passava em mim. Tôdas as horas trágicas profundam a raíz nos mesmos abismos.

« Êle expiava uma falta ou oferecia a vida em holocausto a uma tradição que tinha grandeza. Eu... eu queria afirmar, num desafio, mais que o desprêso pela morte, o meu tenaz amor à vida, teimoso e seguro não sei de que irreprimíveis, indefiníveis esperanças. — Sou assim.

« Sob a àgua, o fundo do navio gemeu longamente, roçando o escolho.

« Lentas subiam as ondas.

« Olhando o mar fumávamos. Falar? Para quê? As coisas enormes que nos cruzavam o espírito, a angústia que, por vezes, nos sufocava cá dentro, — as palavras podiam tocá-las de pânico, perturbar-lhes o equilíbrio, o íntimo silêncio em que havia, pelo menos, orgulho e domínio.

« Fumávamos. A lentidão da morte, por instantes, deu-me calafrios. E a idea do crepúsculo, da noite, essa agonia...

« Não sei porquê, senti que a minha presença era uma sentinela prendendo aquela vida, demorando-a à beira do grande abismo. Subimos à ponte. Sôbre a bitácula, estava um revólver.

*

« Juro-lhes que não faço literatura. É a segunda vez que conto estes factos. Sei que, se escrevesse, poderia encher páginas de literatura, contando o que foram aquelas horas e o que me revelaram da miséria e da grandeza possíveis numa vida.

« O que sentia eu? Uma decisão gelada, mais tenaz, voluntariosamente mais forte que o meu arrependimento.

« Uma atitude precisa de aceitação suprema.

« Ao redor, ameaçante, envolvendo-me como a onda cerca, não deixa e assalta o rochedo solitário, — rondava a amargura infinita, uma inevitável, instintiva, tempestuosa covardia.

« A onda teimosa galgava as rochas, subia sempre... Eh! que miserável debandada ia dar-se em mim?

« Os do meu amor, os do meu sangue, os meus projectos, êste sabor da vida, êste aroma que embriaga e prende, que eu sentia nos lábios?!...

« Cerrei os dentes sôbre o cachimbo frio. Endureci os olhos num esfôrço de desespêro. Os meus músculos contraíram-se, num arranque de assalto.

« — Senhor...? Era a voz do comandante, uma voz de além vida que me deu calafrios.

« — Em que pensa? Não se arrependeu?

« Três fases... Três preguntas... Três dobres..

Três enormes silêncios. E os seus olhos, a sua presença a julgar-me.

« Então, por sua influência, ou não sei porque esfôrço, — no meu sorriso severo desdobrei tôda a minha alma, o mais íntimo da minha profunda intimidade. Todo o ar do mundo me encheu, num hausto, o arcaboiço do peito.

« Olhei a roda do mar, como um domínio.

« Os meus olhos lobrigaram, no horizonte, um ponto estranho... Visão real? Miragem desvairada? O olhar do velho marinheiro seguiu o rumo da minha anciedade. Pegou num binóculo, fitou longamente o mar. Eu agora não via nada! Depois, — sem um trémulo na voz indiferente, com maior amargura talvez, com uma voz surda, o comandante disse:

« — É um navio... Ouviu o nosso S. O. S. Procura-nos. Já nos viu talvez...

« Depois?... Ora? Os meus amigos estão cansados de ouvir-me...

« — Quando um escaler a vapor se abeirou do nosso barco, ali mesmo, sem que eu pudesse evitá-lo, — ouvi um tiro, — o comandante estoirara os miolos.

« O escaler acostou, sem perigo, à ponte. O navio ia submergir-se. Também o sol começava a afundar-se no mar».

VII

MADRUGADA AFRICANA

LARGARAM.

Por cima, a abóbada ininterrupta da noite. Iam como através duma espessa floresta em que a luz dos faróis, rasgando a treva, lambendo o caminho, — arrancava de súbito, de cada lado, a visão fugitiva dum tronco, duma cubata, dum poste isolado, destacando-os um momento para logo afundá-los sem remédio na escuridão. Um corredor sem fim, de treva, numa cripta em cujos muros se renovassem fantasmas.

Não havia luar. Nas bermas da estrada, de vez em quando, como brasas duma fogueira moribunda, fosforejavam pupilas. Surpreendido pelo ruído do motor, encandeado no clarão implacável, um mabeco ficara ao meio da estrada, atónito, esperando, e depois largara, aos bordos, alucinado, aflito, de valeta a valeta, prisioneiro da luz.

Fazia frio. O carro seguia submerso na treva,

cego às estrelas, como através duma floresta primitiva, espessa de treva e aparições ardentes.

À direita, uma claridade suja, num largo traço igual, começou a diluir a noite. As muralhas de sombra que estrangulavam o caminho afastaram-se, dissolveram-se como fantasmas. Espetros, formas vagas, boiavam na luz leitosa e fria. A nascente, sôbre largas palhetas sanguíneas, recortava-se o vulto dos montes longínquos.

Alvíssima e extensa, rumo ao norte, além, como um rio suspenso, a névoa nivelava a terra em cujo regaço fundo, de-certo, respirando névoa, sob o manto alvente, — caminhava um rio.

Cruzamento de estradas. Uma taboleta alta. Uma cubata em ruínas.

Pouco depois um povo. Dum lado e outro da estrada que descia a encosta, — espalhadas sem ordem pelos terreiros brancos, entre lavras de tabaco e mandioca, — pequenas cubatas de capim sombrio e húmido... Às portas baixas assomavam mulheres, encolhidas de frio. Dos tetos subia um fumo azul, mansamente. Ovelhas, galinhas, porcos, vagueavam entre as casas. Escuro e sujo, o grande umbigo saliente no ventresito disforme, braços cruzados num arrepio sôbre o peito magro e desnudo, à beira da valeta, tiritando, tossindo, pasmava uma criança.

O ajudante do *chauffeur,* preto robusto que

de-certo fôra já soldado, — chamava os homens de jangada.

— *Eno!*

Embrulhados nas mantas, a cabeça nua, lentos, alguns homens sairam das cubatas. E o carro, devagar, com os travões gemendo, desceu até à margem do rio que deslisava volumoso e lento, sem transparências nem ruído, entre capim e canaviais.

O sol irrompera, começara varrendo névoas, bebendo o cacimbo e as sombras, animando o movimento e as vozes dos homens friorentos. Quando, da outra margem, ao alto, Antão Gonçalves rondou o horizonte, a inquieta ondulação da terra doirada em que fundeavam florestas, — tôda a paisagem poisava ainda sôbre rolos de nuvens, parecia suspensa no ar.

A estrada corria agora, larga, lisa, sem curvas apertadas ou encostas difíceis, entre renques de bananeiras que o fogo poupara, desfeitas mas verdes sôbre os tapetes verdes do cará que iam ao longo das valetas, ou caiam, em tranças, sôbre os taludes. Mulheres, quindas à cabeça, com a sua enxada, estreitos panos quadrados, de franjas coloridas, sôbre o alto das coxas potentes, descobrindo a nádega, um lenço, algumas, cruzado sôbre os seios, — saudavam à beira da estrada, iam a caminho das lavras.

As aldeias sucediam-se. A terra tornara-se plana, o horizonte perdia-se, ao rez da terra, entre o arvoredo baixo.

Não se demoraram na povoação, adormecida ainda ao fim duma longa recta, ao fundo da grande avenida que uma extensa placa, roxo e verde, dividia ao meio. Depois a estrada seguiu sem uma ponte, bordejando povos, entre renques de borracheiras e mangueiras novas, de palmeiras meio queimadas mas vivazes, descendo encostas, vencendo, em curvas lentas, sucessivas alturas, contornando nascentes em mansas trajectórias de *montanha russa*.

À frente, uma grande mata. Como uma catedral alta e sombria.

A estrada, na carícia esmeraldina do súbito crepúsculo, subia mais lenta, consolada na sombra. Troncos como torres, mastros de navio de cujas gáveas ocultas tombavam cabos soltos, cipós como serpentes, emaranhada cordoalha...

Um aroma vivo, perturbador, de semens fecundos.

Humus, seiva, humidade...

Um bando de macacos, com paragens súbitas, vigiando o animal estranho que subia roncando, — correu aos saltos sôbre a estrada, perdeu-se

logo no mato fundo. Sôbre a valeta, um momento, aconchegando ao peito a pequenina cria, curiosa ou pávida, demorou-se uma fêmea... Ao longo das valetas apodreciam troncos gigantes, tombados na luta com o homem, em defesa da selva.

Mas, numa súbita mudança, de luz e de scenário, a estrada desembocou frente ao horizonte vasto, entre duas aldeias... Numerosas cubatas espalhavam-se pelos terreiros em que corriam, num ruidoso tumulto, aclamando, tropeçando na criação alarmada, mulheres e crianças. Homens e moços, em pequenos grupos, à porta das cubatas, suspendiam as conversas, mirando o branco.

— Quiambota, Fumo! (Bom dia, Senhor!...)

E ao lado do carro, que não apressava a marcha, mãos estendidas, gritos:

— Quiambota! Bô dia! Bô noite!...

Um velho, de cabeça branca, tanga e colete dum tecido que parecia de fibra vegetal, olhos indiferentes, imóvel, as mãos e o queixo no bordão queimado, — sem espanto, desdenhoso ou insensível, talvez saüdoso, — via passar os brancos.

As crianças, corriam, cercando o carro num tumulto, penduravam-se na capota descida, gritavam as palavras risonhas das saudações nativas.

Ufano, senhor de si mesmo, um garoto de olhos sérios, saltara para o estribo, ia de pé, silencioso, ao lado do *chauffeur*.

O Governador viera ao encontro de Antão Gonçalves mal recebera, manhãsinha, o aviso telefónico dum pôsto do trajecto.

Êle próprio guiava um *Dodge* que estacara ao lado da estrada, emquanto do estribo o ajudante fazia sinais.

— *Albuquerque!* gritou Antão Gonçalves, como dissesse, num grito, o *santo* dum reconhecimento de armas.

— *Bemvindo. Bem hajas!*

E, longamente, abraçaram-se.

João Albuquerque era um homem alto, robusto, de face romana, impecàvelmente barbeada, um queixo forte sôbre uma bôca sensual. Olhos calmos, risonhos ou duros, nas órbitas fundas. Uma fronte alta e basta, sob o feltro castanho de grandes abas derrubadas.

João Serreira e êle apertaram as mãos, olhos nos olhos, sem palavras.

E passaram todos para o *Dodge* que largou à frente.

A estrada continuava rodeando nascentes, cortando os rios, correndo linhas de alturas, com largos vales abrindo-se, para um lado e outro, entre o rolar dos montes mais agitado agora, cortado de ravinas fundas, galerias verdes, palmeirais e

mato. Grandes culturas. A alegria da terra violada, acarinhada pelo amor ou pelo interêsse dos homens, já sem a face bárbara, primitiva, que magôa e desola...

Os *povos,* mais raros, fora da estrada, poisavam ao alto das colinas, estendiam-se pelas encostas à sombra de grandes àrvores tutelares, embalados na maré ondeante das palmeiras, do arvoredo, dos tapetes verdes, das lavras túmidas como seios.

Ali, de improviso, desembocava na estrada um pequeno caminho branco. Na valeta, um letreiro: — *Povo...*, — e ao fundo, sôbre o fundo verde, a aguarela verde das mangueiras copadas, das fôlhas enormes das bananeiras amontoando-se.

Tinham deixado, à esquerda, uma serra com grandes monolitos calcáreos erguidos sôbre um vale invisível, como tôrres arruinadas ou petrificadas, ciclópicas sentinelas...

*

Quando, a alguns quilómetros, projectada sôbre a linha do horizonte, no céu, para lá dos dorsos arredondados dos montes, se avistou a vila que era a séde do Distrito, — o governador, para vê-la, como um namorado, (fazia aquilo sempre...) retardou a marcha, travou o carro, estacando.

Da estrada, a ondulação lenta das terras des-

cia para um vale oculto. Além, em novas ondas, subia a terra vermelha ou doirada, com ilhas dispersas de verdura ou verdes rosários sôbre os cursos de água.

Ao alto, na linha do horizonte, à direita, um telhado de zinco brilhava ao sol. Por cima, perfiladas, nítidas, acácias enormes estendiam as largas ramagens protectoras.

No outro flanco alvejavam muros brancos, muros vermelhos, paredes brancas, sob os tetos vermelhos. E, muito alta, quási espectral, diluia-se no azul do céu impassível a fina antena duma estação rádio-telegráfica.

Na magia do sol, acarinhados pela presença humana que era, sôbre a paisagem, aquele sinal do esfôrço e do domínio amorável do homem, a terra e o céu consolavam os olhos.

Que era então dessa África adusta e inimiga, hòstilmente projectada nas ideas de tantos, terra de exílio, abandono, — Pedras Negras?...

Sem esta luz mais forte (tão doce no entanto...), sem o abandono de certas extensões incultas em que se adivinhava uma fecundidade dorida, sofrendo por desdenhada, — se não fôra o ar de martírio e o luto que, aqui e além, puzera uma queimada, — era como se fossem horizontes de Europa, — e a povoação ao alto, ao longe, (que árvore lhe oculta o campanário?) — uma povoação moça, pequenina e viva, uma alegre aldeia de Portugal.

VIII

PÂNGUELE

O GOVERNADOR chamara Pânguele à Residência.

Nem todos viam com agrado e entendiam seu interêsse pelo velho chefe indígena. Tinham dêle seus agravos alguns brancos, antigos chefes administrativos ou comerciantes na região onde Pânguele exercia larga influência de indiscutido chefe espiritual. Apontavam-no como animador de certas resistências. Informador das estações superiores, — diziam, — excedia-se na defesa das gentes, intrometendo-se demais na política administrativa do branco.

Inteligente, fiel ao seu povo mas superior à mentalidade tradicional que demorava ainda por banzas e libatas, (êle conhecia Lisboa, falara a a um rei no Putu...) — consideravam-no origem de muitas dificuldades, acusavam-no até, com certo

fundamento, de contumaz contrabandista. (A fronteira tão perto, tão abundante o coconote e tão mal pago ou sem comprador em terra nossa... — diria de-certo o velho Pânguele, se o interrogassem em confissão...).

Os indígenas tinham nêle, de facto, o seu mais prestigiado e válido conselheiro, defensor dos seus direitos, orientador nas grandes questões erguidas entre os povos e o govêrno. Ordem da autoridade que alterasse o *statu quo* e exigisse novas actividades, era Pânguele quem a esclarecia dizendo a sua fundada conveniência ou conseguindo, do Govêrno, as alterações prudentes que, atentas ao costume ou ao interêsse dos povos, lhe dariam uma execução melhor.

Em operações que reprimiram a belicosa turbulência dos povos, em descuidadas horas da nossa política, — êle esteve ao nosso lado. Não sei até onde essa atitude lhe diminuiu o prestígio entre os do seu sangue. Acompanhou as nossas colunas, assistiu, dorido, a combates felizmente mais ruidosos que sangrentos. Fôra embaixador do Govêrno junto de chefes em terras não ocupadas ainda.

Como recompensa, o Govêrno fizera-o funcionário sem lhe exigir trabalho, dando-lhe a renda vitalícia dos reduzidos honorários.

Tocado não sei porque secretos ciumes ou íntimas prosápias, abandonara, — (só lá aparecia, forçado, em ocasiões solenes, como elemento decorativo) —, o velho burgo onde seu pai fôra co

roado rei por Baptista de Andrade quando os nossos, sôbre uma larga ausência, voltaram àquelas terras combatendo.

João Albuquerque de boa mente faria dêle o grande Chefe, eleito por príncipes, sobas e mucuruntos, na velha côrte que há séculos se correspondera com pontífices e monarcas. Mas aquêle trono era uma sombra. Pânguele sabia-o.

— *Entrar nos muros?* senhor, — dizia êle ao Governador, respondendo às palavras de convite que êste lhe dirigia como ao último representante mais categorizado da dinastia. — Faça-me Vossa Excelência subir as estações do Calvário, como Jesus Cristo, — ou desterre-me... Para não *entrar nos muros* tudo aceitarei sem queixar-me.

Jogado entre os interêsses desacordes de duas missões religiosas, ambas preocupadas, parecia, ou uma delas pelo menos, com secretos considerandos sôbre o problema da sucessão real, — proposto às claras por quem lhe temia a acessão ao trono e, às ocultas, lhe minava as possibilidades de eleição preparando a vitória de pretendente mais afeiçoável, — Pânguele manteve-se estranho ao pleito. De resto, sem a fôrça e as honras, amparadas numa boa renda, que êle julgava necessárias ao restauro duma tradição quàsi perdida, — o trono, o hábito de Cristo doado por um rei, o poder e as honras, eram para êle como o

velho manto de arminhos e o agaloado uniforme de archeiro real que cobriam aquela realeza, em dias de festa...

O tempo velho morrera, dizia. Não voltaria mais. Sôbre o outeiro onde Lukéni, antepassado conquistador e vagabundo, erguera a sua *banza,* antes de chegarem os primeiros brancos, — das velhas muralhas, da catedral, das igrejas e conventos por estes erguidos, restavam pedras mudas e soltas, ruínas, túmulos sob o capim bravio. O que ficara da fôrça ou da riqueza de outrora? Farrapos, cartas que se desfaziam, alfaias e veneras que não desarmavam a ironia dos brancos. A terra desmantelada e mais deserta, — os velhos potentados, obedientes outrora, espalhados ao sabor de novas fronteiras, esquecidos da tradicional menágem, eles próprios exautorados ou impotentes. Na alma do povo uma grande confusão. Os homens emigrados à procura de trabalho ou gastando-se em pequenas fainas de assalariados miseráveis. Dividindo a velha *cidade* em que o capim afogava ruínas, povoada quási apenas por mulheres, — duas confissões religiosas.

Pobreza, sujeição, pecados sem grandeza.

Não! Só o fogo, destruindo tudo, poderia permitir uma vida nova naquela terra condenada.

Por ali tinham passado, — Pânguele conhera-os, — grandes missionários. Dum dêles, Padre Barroso, falava com filial carinho e agradecida lembrança.

— Homem puro, fiel à terra e a Deus... Hoje, — (Pânguele conhecia a História Sagrada...) — hoje para purificar a terra só uma chuva de fogo, como aquela que o Senhor enviara às pecadoras cidades na campina do Jordão.

Depois, talvez... Mas não, os tempos do Congo-di-antino, — não voltariam mais. O caminho era outro. Os da sua raça tinham de seguir outro caminho.

E ficara na sua aldeia, no sopé da serra donde se precipitavam rios, ficara com seus filhos e suas mulheres entre grandes lavras, matas e palmares, numa casa a cuja sombra vinham, de perto e longe, procurar refúgio, trabalhar para êle, foragidos de outros deveres ou perseguições injustas, ali servos resignados ou felizes, fortalecidos pela sua protecção. Talvez, porisso, — entre as acusações com que lhe minavam o valimento, figurava a de Pânguele possuir escravos, essa abominação...

Dos seus filhos alguns espalhavam-se pela colónia, tipógrafos ou amanuenses, gastando a perfumada, colorida heraldica do seu nome.

Outros, fiéis à terra, ficavam lavradores e caçadores. As filhas, escapas da missão, casavam com os da sua raça. Todos se reproduziam com uma regularidade fecunda.

Pânguele não sabia mesmo o número, mal conhecia o nome de todos os seus netos.

E, se lhe preguntavam o número das mulheres, protestava rindo, indignado e risonho.

Na sua casa, a velha companheira, a dona rude e viva, dirigia servos e mulheres. Portuguêsmente, tal qual uma patrôa das nossas terras, ao ver regressar Pânguele duma ausência, se o acompanhavam brancos, — abria-lhes os braços, — ia para êle numa exclamação de júbilo:

—Ó meu rico homem!

Pânguele era de grande estatura, cabeça de bronze, barba rara numa face gorda e flácida. Cabelos brancos. Tinha bisnetos casadoiros. Boca de apetites rudes mas que sabia calar-se. Olhos que entendiam tudo.

O Governador, certa vez, já com saudade, dissera-lhe:

—Pânguele,—terei de deixar estas terras um dia!

— Senhor, não nos deixe nunca!...

— Terei de partir. Outros virão, melhores, para fazer melhor do que eu fiz. Os tempos de hoje são outros. Mas temos de caminhar depressa para o que fizermos ganhar raízes e obrigar os que venham a fazer melhor.

Quando, dias depois da chegada de Antão Gonçalves, o Governador chamou Pânguele à sua Residência, — apresentou-o, e os dois homens, diversos na raça, no espírito, na edade, falaram largamente.

IX

A CONQUISTA DA TERRA

Com as chuvas, a terra de novo reverdecera. O encanto das manhãs na luz esmeraldina! Mais vastas que nunca, as lavras cobriam a terra consolada, outra vez noiva. Depois foi o pequeno cacimbo. Céu azul sem nuvens e a terra tôda verde de primavera. Em Março e Abril as grandes chuvas alagaram os vales, levaram as pontes na cabeça espumante das torrentes. E voltou o cacimbo. Passara um ano.

A cada obstáculo vencido, sôbre o cansaço ou o desgôsto de certas horas, e a luta inglória contra a incompreensão e o egoismo dos da sua raça por fim vencidos, convencidos, — Antão Gonçalves sentia dobrada a sua fôrça, cada vez maior a sua confiança.

O clima poupára-o. Nunca se sentira tão rijo, nunca o tempo lhe fôra mais ligeiro, sob a exi-

gência das tarefas multiplicadas, no ardor dum entusiasmo dia a dia renovado.

Ali a saúde estava, bem o via, no incansável esfôrço, na fadiga, na luta. Como a água dos pântanos, só a inércia e o abandôno eram mortais, ali. O sol queimara-o, secara-lhe os músculos, — o trabalho e o entusiasmo acenderam-lhe uma nova chama no olhar.

As largas marchas, os demorados reconhecimentos, os dias ardentes, de crepúsculo a crepúsculo gastos numa faina pegada, dobravam-lhe a resistência.

De Pânguele, como êle esperava, corrigido e orientado pela sua vontade compreensiva, cheia de indulgência, — vinham-lhe mais achêgas que razões de desencanto.

Com êle, os outros chefes iam compreendendo cada vez melhor aquele branco tão divérso dos outros, mais forte que todos e vendo melhor que nenhum outro dentro dos seus corações. De certo nem tudo correra sem desgôsto. Mais duma vês, se não persistisse na sua teimosa confiança, teria cedido ao desalento.

Passara um ano. E, por tôda a parte, os chefes distribuiam as matas de palmeiras e faziam grandes plantações de café. Uma emulação infantil espicaçava os chefes e os povos. Êste branco não tinha pressa de enriquecer ou de repatriar-se. Nos campos das primeiras experiências floria o algodão. Ao longo das encostas, descendo quasi

a par dos rios que deviam alimentá-las, começavam a desenhar-se as valas de irrigação que em pleno cacimbo levariam a água aos primeiros trigais.

Em dois pontos diversos estabelecera Antão Gonçalves duas feitorias, ao meio de terrenos cuja concessão pedira para aproveitamento agrícola, depois de entender-se com os chefes dos povos e ter arrumado com êles o que podia ser causa de futuros mal-entendimentos. As lavras, as matas, as aldeias do indígena, cercavam os terrenos do branco ou estavam, como ilhéus livres, ao meio de cada concessão.

Já em aparelhos próprios, a par dos armazens, sob improvisados telheiros, — para seu melhor transporte, se fabricava o azeite de palma. Os cachos oiro e fôgo do *dem-dem,* subiam aos montes ao lado dos armazens.

Antão Gonçalves resolvera instalar-se definitivamente num degráu do planalto que dominava, com a serra à esquerda, — para Norte e para Poente, — a planície, o desdobrar dos montes humilhados, os vales e os montes atravez dos quais, rumo ao norte, entre matas e palmares ou separando os largos tratos desbravados, — se apressavam os rios cachoantes, a estremecer de espuma, saudosos da serra, do planalto ou do céu.

Ali a estrada descia o morro áspero de colo

em colo, ou cerrada à encosta, marginando o abismo, deixando ao lado as pequenas cascatas sussurantes ou abafadas sob os maçissos verdes e a frescura dos fetos e palmeirais. Ao dobrar de cada volta, a paisagem surgia amplíssima, a perder de vista. Lá no fundo, cada vez mais próximos, a par das matas, cresciam os montes, ondas paradas, espraiavam-se os vales. A terra transfigurava-se por milagre da energia humana que a ia desbravando. E, de dar-se, cada vez mais tinha um ar de alma. Era, cada vez mais, dos homens.

Daquele degráu, como duma tribuna dando sôbre o mundo, — respirava-se a alegria daquela terra feliz de dar-se, presa feliz do homem, sua vitória viva.

*

As repetidas *fundações,* a presença e o estímulo do Governador, certas dispensas, concedidas aos povos, de trabalhos diversos, para que pudessem dedicar-se ao da terra; o comércio sem excessivos lucros, os prémios, as promessas, — explicavam o êxito de cada tentativa. A confiança do indígena crescia. E, porque contavam com êle, de sentir-se indirectamente associado ao branco, — sentindo-se dignificado, o indígena punha no trabalho livre uma vontade nova.

Alguns brancos, que ao princípio riam de

Então Gonçalves vaticinando-lhe ridículos naufrágios, tomavam o mesmo rumo. A alguns êle dera, por fim, crédito ou parceria.

*

Os muros vermelhos da futura casa iam já acima dos alicerces, ao meio do animado tumulto dos obreiros. Uma grande vala, ruidosa de água clara, cortava a terra revolta que breve seria pomar, horta e jardim.

Em baixo, no sopé dos morros, drenavam um pântano. Dois tractores, pachorrentamente, percorriam a terra revolvendo-a. Telheiros. Hangars. Grandes viveiros. Uma vasta sansala. Gravílias e eucaliptos alinhavam-se, cresciam ao longo das avenidas e valas que cortavam a vasta plantação.

Pânguele mandara construir uma pequena casa perto do branco. Não o largava, acompanhava-o por tôda a parte. Cada tarde, com o mesmo sorriso, lhe fazia o elogio enternecido dos óptimos charutos e da cerveja loira. Dépois, emquanto anoitecia, contava a Antão Gonçalves a história do seu povo, a vida de outrora, o elogio ou a censura dos brancos que por ali tinham passado, tão diversos.

Quando sózinho no silêncio do crepúsculo, ou

pela noite fora, sob o ceu cheio de estrêlas, no embalo das águas descendo, — o branco pensava nos dias próximos do seu noivado.

Ali seria, por muitos anos, o seu lar. Ali, naquela encosta afeiçoada a horto e a jardim, correriam, tisnados de sol, os filhos do seu sangue. Aquele tecto cobriria a intimidade da sua alcova e o berço dos que lhe continuariam o sonho e a obra...

Áqueles horizontes se afeiçoaria o seu esfôrço construindo, criando. De a amar e servi-la, sofrendo e dando-se, — daquela terra faria, continuação da Pátria, — a Nova Lusitânia.

X

A QUEDA DO M'BRIGE

Ali a terra quedara numa feição de berço. Em volta a serra, num abraço aberto ao poente, à *madimba,* à planura. Para o Sul, os íngremes contrafortes do Vombi através dos quais se despenha o Diaôno. À esquerda o Bango donde, para Norte, do outro lado, a pique sôbre Cuimbra, se abre a vastidão do Mundo. Em frente, ao meio do arco brando donde o Sol levanta, — a queda do M'Brige.

Na luminosa frescura da manhã é mais argênteo o corpo da queda, sôbre o vulto da serra. Quando o Sol rompeu, enorme, sôbre a muralha alta da serra, a luz foi como um grande grito, a abertura vibrante duma heróica sinfonia.

Antão Gonçalves, com alguns homens da aldeia em que passara a noite, pôs-se a caminho.

Primeiro, entre o capim húmido e as árvores

doiradas, a vereda mal sobe. À frente a queda veste-se dum nimbo opalescente que é o seu próprio hálito. Como numa misula posta aos pés dum altar, poisa, sôbre a onda mansa do terreno, entre palmeiras, uma pequena aldeia. Dir-se ia um ex-voto, dedicado à queda, divindade tutelar. Já o Sol doira o pequeno terreiro em que passam crianças. Doçura, silêncio, sorrisos, gestos que, sem palavras, acolhem e saudam. O caminho segue subindo o flanco mais áspero do monte, mergulha sob a onda húmida e verde, crepuscular e verde... Bananeiras, palmeiras, árvores frondosas afogam o caminho aberto no flanco áspero do monte, com o rio no fundo, no escuro fundo donde se ergue um incansável lamento...

Sombra. Crepúsculo. Noite. O ceu escondeu-se. Sobe ou desce o caminho? Adeante, ouve-se a voz tumultuosa, a grande voz da queda, cada vez mais forte, abóbada vibrante sôbre a maré de crespúsculo, de sombra, de noite, na incerta nave sombria... Ao fundo, mal distinta, como um eco, como um fantasma daquela voz, dizendo adeus ao ceu, à luz, à terra, a mergulhar no abismo, — o côro profundo da água que se refaz da queda, rolando entre pedras, raízes, troncos, blocos de escuridão...

O caminho rodeia raízes monstruosas de mafumeiras, perde-se entre rochas. Nas súbitas clareiras, mal a pupila se ageita à luz inesperada,

abre-se ao alto o ceu como um pôço em cujo fundo se recortasse o disco azul metálico do céu, ou, mais próxima, a queda, no tumulto ruidoso, brilha como a lámina tremente dum alfange, cravado nas pedras cimeiras, que ficasse vibrando, descaído o punho para o abismo, a ponta oculta, lá no alto da serra, ferindo quási o céu.

Mas de novo os homens mergulham na sombra. A folhagem faz a sombra mais densa, tolhe, cega o caminho, prende os passos dos homens. Os troncos emaranham-se e as raízes. Os cipós, as trepadeiras gigantes enredam-se no crepúsculo cada vez maior. As mafumeiras são como pilares monstros, naquela nave escura, com arcobotantes nos sopés ciclópicos, raízes como garras convulsas, laminadas, presas à terra para que os troncos subam mais e os rochedos estaquem, os rochedos precípites que a voz da queda perturba, prestes a rolar.

Os homens glissam nas rochas musgosas, prendem-se nas lianas que lançam, entre os rochedos ou sôbre o abismo, pontes pensis, traiçoeiras plataformas.

O ar é névoa. A sombra é névoa. Súbito a sombra abre-se como uma flor, torna-se em luz a névoa, uma luz em que há brumas ainda, e pedrarias, irisações de espectro solar. Cega a transição brusca. A voz da água atrôa como um fim de mundo. O espectaculo esmaga. Só a luz atravez da névoa, a luz e a névoa são um bálsamo.

Dir-se-ia, na súbita impressão, que o alude alvente vai arrastar consigo a serra, derrubar a ciclópica muralha, e a serra, e os rochedos e os troncos, e o mundo todo, a um grito de guerra, vão tombar sôbre nós!

Mas o ritmo do sangue abranda, acalma no peito alvoroçado dos homens.

À esquerda, um rochedo tapetado de musgo e flores bravias, escorrendo água, é um como um cachôpo açoitado pela tormenta ou um genufletório bárbaro pôsto deante do estupendo altar.

Os homens, segurando-se às raizes e às lianas, glissando sôbre o tapete a escorrer água e verdura, — subiram ao rochedo, e de cima, num desafio, sôbre a mudez estarrecida em que vinham, rompem um canto, num desvairo. Perdem-se as vozes. Só os gestos e os olhos dizem o canto desvairado, como num drama vivo de silêncio.

Em mil policromias inefáveis, a névoa e o Sol e a água fundem-se, alam-se, pairam sôbre o ruido troante, são a alma do espectáculo sublime.

Aqui o tempo que os homens delimitaram não existe. Deante das almas atónitas está uma hora eterna, um momento infinito da vida do mundo. Presença, vozes, emoções humanas, tudo se perde e funde num humilhado pasmo.

Os homens, aqui, são como os rochedos suspensos na queda e as árvores atónitas, — extase bárbaro, terror religioso, um gesto primitivo, uma atitude de espanto. Ou talvez a comoção tre-

mente ao dealbar da alma na primitiva fera. Ou a mudês anciosa do homem penetrando no misterioso antro das sibilas.

*

Ah! Subir ao alto! Dominar a queda e o mundo! Abranger o horisonte! Respirar o ceu!

Então Gonçalves refês o caminho, veio à planície, subiu de novo a montanha. Ofegantes, os homens galgam os contrafortes ásperos do Vombi, por caminhos íngremes, bordejando ravinas a pique, ao longo da crista que entre precipícios prende a planície ao rebordo da serra lá onde, sob a floresta, à direita, o Diaôno oculto se despenha.

Povo Quitinda. Planalto. O ceu mais próximo. A terra mais vasta. No ar mais puro e frêsco, no consôlo da altura, a jornada é mais branda, e o caminho plano atravessa rios que, à flor da terra, quási sem vales, em socegadas curvas, discorrem através do planalto, indecisos do seu destino.

Todos os rios tem o mesmo destino. Mas ali o planalto é lhes berço e descuidada infância. O mar? Ah! O mar! Aonde? Talvês se aviste da última borda do planalto em que a terra acaba. Mas os rios demoram-se, desdobram as largas, consoladas curvas do seu caminho, como num devaneio. Sabem, êles sabem que adiante é o

abismo, a queda louca em turbilhão no abismo. Sabem o seu destino... E que depois, — aleluia! — lá no fundo, está a planície, o regaço largo da planície, essa ilusão do mar.

Lavras do povo Chôna. O M'Brige mal corre, parece adormecido...

Antão Gonçalves deixou para trás os companheiros fatigados. Vai com um guia pedido numa das últimas aldeias, atravessa os rios, rodeia ou vara as matas, — embriagado de altura, de ar livre, de desejo, ancioso de abranger, da altura da serra, as vastidões da terra e do ceu.

Povo Quizulo. Qui-zulo quer dizer céu, altura... Deixaram o caminho, vão a corta mato agora, de árvore em árvore, separando o capim alto. Mato e sombra. Um ruido que cresce, rolando.

Entre as margens apertadas e duras, de rocha sombria, sob o arvoredo mais escuro, mais escuro na luz verde-sombria, — o M'Brige apressa-se. Orla da floresta e da serra. Praia suspensa... A claridade aumenta como num crepúsculo matutino. O rio apressa-se. A terra acaba. Uma falésia a pique. Sôbre o mar? Sôbre o céu? Sôbre o mundo?

À esquerda, numa volta brusca presa entre as margens apertadas, o rio desemboca, vai chocar-se com o ceu. Bate-lhe o coração rápido contra as rochas, dilata-se num inquieto receio ou num hausto decidido. Estreita o corpo de encontro ao leito que a água rasgou à fôrça de feridas e beijos.

Deve ser o apêlo do abismo, a indizivel volúpia, que lhe dilata o corpo, como uma artéria vibrando ao ritmo dum violento desejo. Já na prisão estreita a água é uma fúria alada. Baixa a voz, sufoca de desejo, apressa-se... Bate-lhe a luz e o céu em cheio. Choca-se com o céu. E, momento suprêmo! — beija, morde o céu, toca o abismo, cerra os olhos de volúpia e pavôr, dá-se, desfalece, tomba!

O enorme grito, de pavor, de volúpia, de vitória!...

Logo em baixo, primeira estação do calvário, poiso primeiro do alucinado vôo, há um degráu feito de rocha e amparo, como um regaço ou uma Verónica, esperando.

Um momento ali se quebra, pulverisa e refaz o corpo argênteo. Um momento ali, dorido, se suspende e olha, já saudoso, a altura. Um momento apenas. E de novo se precipita, fiel ao seu destino, à vóz que o chama lá do fundo, do abismo, tentação do abismo, voz do mar, voz do princípio do mundo.

XI

A ORAÇÃO NO PLANALTO

Já ali tinham vindo outros homens. Certo estrangeiro, (lembrava Antão Gonçalves), maravilhado ante o espectáculo sublime, quisera votá-lo à memória generosa doutro estrangeiro. Da sua beleza falara um estranho, e o missionário bem lembrado que ali vira uma prova amorável da potência de Deus.

Outros homens, depois, outros homens diversos, subiram aquêlas rochas, abrindo caminho a golpes, desfazendo o abraço tenaz das lianas, pisando o espesso tapete de fôlhas, cipós, trepadeiras verdes, sob a poeira impalpável da água. Tinham subido á serra, marcando os troncos de feridas fundas, bordejando o abismo, desafiando o abismo, talhando perigosos caminhos precipites na muralha a pique, medindo alturas, calculando a fôrça da queda, tentando violar o segredo da sua fôrça. E estremeciam, talvez de cobiça, ao tentar exprimir, nas frias fórmulas, em números,

o poder que ali se perde e renova: o calor, o movimento, a luz que dali brotariam, sangue dum coração inexgotável, esvaindo-se agora, perdido, por uma ferida inútil, diziam, e num grito sem fim.

Para Antão Gonçalves a terra e as coisas não eram escravas sem alma que a fúria do homem violasse possessa apenas de brutais, utilitários desejos.

A terra, feminina e materna, devia ser possuída, pensava, com a mesma ternura duma bem amada. Quando o esfôrço do homem, violando-a, lança raízes na ternura e se alimenta já de gratidão e carinho, — a sua vitória sôbre a terra é sempre mais dôce e mais fecunda a colheita do seu amor.

No coração de Antão Gonçalves, naquela hora de primavera, por desvairados rumos, em múltiplos apêlos, como a erguer um indestrutível baluarte ou a preparar os rítmos dum invencível canto de vitória, — os seus dias de África, os sonhos que fizera, os multiplos desejos, as lutas vencidas naquela terra que era cada vez mais sua, a alegria da acção, — o poder que sentia em si ainda, irrequieto de lutar e dar-se, — ali no alto, dominando, — foram um alôr de fôrça, infinito renôvo de fé e de vontade, alegria, triunfo, confiança, deslumbrado final de heróica sinfonia, doçura e orgulho, mais que orgulho humildade...

A seus pés a água, aceitando, compreendendo seus destinos, erguia um cântico de graças, era uma promessa de dádivas e amor.

Diante de si alargava-se o abraço do céu e da terra, a terra abria-se, dava-se, humilhava-se, prometia, como uma amante feliz de ser escrava, dadivosa e materna, mais do que amante mãe.

Sôbre o tumulto dos sons, sobranceiro ao espectáculo grandioso, abraçando o horizonte, na sua emoção fez-se um silêncio de alma. E a sua alma, pondo as mãos, a sua alma a par do seu desejo, — disse uma oração, rezou, ergueu um voto:

«... Para louvor do mundo, sem perderes tua beleza, possa o amor dos homens transfigurar tua indómita fôrça, ao serviço dos homens, conservando a tua originária graça em serviço perpétuo e na adoração de Deus...

«... Possam, por milagre da tua fôrça transfigurada, alagar-se de riqueza estes campos fecundos, mover-se as rodas céleres que não conhecem distâncias, alumiar-se os conchegados lares e as noites sem estrêlas, alimentar-se o coração de fábricas que se não ergam como ergástulos ao meio de altas muralhas...

«... Possa o teu martírio dar tôdas as suas dádivas. Espalhar vida, florir a terra, libertar e exaltar o espírito dos homens que a habitam, êstes irmãos que esperam, com os olhos em nós...

«... Seja o teu corpo uma fonte perpétua de dádivas. O teu canto um hino. E a Terra, coisas e homens, por tua graça, à tua roda, uma vitória e um louvor...»

«Amen».

Esta foi a oração de Antão Gonçalves.

Sôbre a sua cabeça ardia o céu, o azul incendiado. Aos seus pés estava a África. Escrava. Nossa. Esperando.

A terra era uma infinita promessa, a terra voluptuosa e misteriosa, com montes como seios fartos, rios como artérias vivas, florestas como oásis, e a planície como um lago... com tesoiros submersos. A terra doirada e anciosa de dar-se ao esfôrço e à dor incansável dos homens, ao sonho, à carícia violadora dos homens. A animar desejos, a suscitar combates, a prometer colheitas...

Terra e céu cabiam no peito de Antão Gonçalves.

E a voz da água, que voltava a ouvir-se, a voz eterna, a voz divina, — vinha do princípio do mundo, era a voz dos eternos combates, um canto de vida, proclamado da altura, ligando a terra ao céu!

FIM

PEQUENO GLOSSARIO

Ambota! — Bom!
Bata — Aldeia indígena.
Bula Matari — Nome dado a Stanley no Congo. O govêrno belga.
Bútua-Mutua — Cabeça grande. Chefe principal.
Cátula Miango! — Leva rumor! Silêncio!
Cauris — Pequenas conchas que, enfiadas, ainda há pouco eram moeda, no Congo.
Cumbi-Cumbi — Carro automóvel.
Cumbi-Cumbi-ia-zulu — Avião.
Fumo — Senhor.
Fumo-ia-bata — Sobeta. Chefe de aldeia.
Fundação — Do verbo *Ku-funda,* falar. Reünião, assembleia.
Ganga — Feiticeiro. Médico.
Kaka-muári — A primeira mulher dum Chefe.
Kufuco — Noite.
Lobalo — Dote, pago pelo noivo aos pais da noiva, entre os tongas de Moçambique.
Mabeco — Cão do mato. Chacal.
Mabela — Tecido indígena feito com fibra vegetal.
Mafinda — Mata. Floresta onde a alma dos mortos aguarda a reincarnação.
Malavo — Bebida fermentada, da seiva das palmeiras.
Malulo — Alemão ou inglês.

Mangônha — Preguiça.
Mondo — Tambor feito num tronco escavado.
Mongo — Monte.
Moquixi — Feitiço.
Motete — Carga. Cesta de verga para conter a carga durante o transporte.
Mucurunto — Pessoa idosa, notável, da aldeia.
Muene — Senhor.
Muene-Puto — O Govêrno Português.
Onga-Kato! — Não tenhas mêdo! Não tenhas vergonha!
Quiambota! — Saudação: Passa bem!
Quinzári — Animal misterioso encarnando a alma de morto. Lobisomem.
Quissimbi — O mesmo que *Quinzári*.
Quitanda — Mercado indígena.
Quitoco — Enfeite. Artigos do luxo para o indígena.
Sanda — Grande árvore, alta e frondosa, plantada ao meio da aldeia, e a cuja sombra se fazem as reüniões.
Tâmbula Mária! — Come!
Uríua? — Entendem?
Uáua! — Entendemos!
Uêno! — Eh vós!
Uiza! — Anda cá!
Ximene-mene — Amanhã, muito cêdo.
Zulu — O céu.

PRINCIPAIS ERRATAS

					leia-se:	em vez de:
Na	página	24,	linha	19,	*de mais largo esfôrço*	*para mais largo esjôrço.*
»	»	51,	»	1,	*II*	*I*
»	»	55,	»	28,	*contra*	*para*
»	»	68,	»	4,	*seiscentos*	*setecentos*
»	»	79,	»	17,	*que prendera*	*que o prendera*
»	»	91,	»	14,	*Sophus*	*Sophis*
»	»	167,	»	23,	*com interêsse*	*com um interêss e*
»	»	205,	»	1,	*da*	*de*

ÍNDICE

1.ª PARTE
Restelo

I — Vela de armas 13
II — Tentação da África. 24
III — Carta de Antão Gonçalves 31
IV — Carta de Leda 35

2.ª PARTE
João Fernandes

I — O Governador 41
II — Transição 51
III — Intermédio 57
IV — Descoberta 65
V — Venceslau Fernandes. 73
VI — O testamento de Venceslau Fernandes. . . 81
VII — A rota necessária 89
VIII — Como no tempo dos patriarcas... 95
IX — Gurika! Gurika! 107

X — A guerra do Mafulo 117
IX — Além-rio 131

3.ª PARTE

Antão Gonçalves

I — Cacimbo 157
II — João Serreira, Homem 165
III — Colonos 171
IV — Pena de morte 177
V — Querer! 189
VI — Sôbre o Mar e a Morte 195
VII — Madrugada africana 203
VIII — Pânguele 211
IX — A conquista da Terra 217
X — A queda do M'Brige 223
XI — A oração no planalto 231
Pequeno glossário 235
Principais erratas 237